



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

---

**MISLENE FERREIRA CABRIOTTI**

**AUTORIA E APRENDIZAGEM COLABORATIVA POR MEIO DA WEB 2.0**

---

---

Campo Grande/MS  
2015

**MISLENE FERREIRA CABRIOTTI**

**AUTORIA E APRENDIZAGEM COLABORATIVA POR MEIO DA WEB 2.0**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

Campo Grande/MS  
2015

C12<sup>a</sup> Cabriotti, Mislene Ferreira

Autoria e aprendizagem colaborativa por meio da Web 2.0/  
Mislene Ferreira Cabriotti. Campo Grande,MS: UEMS, 2015.  
127p. ; 30cm.

Dissertação de Mestrado -PROLETRAS. Universidade Estadual  
de Mato Grosso do Sul, 2015.  
Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes.

1.Autoria. 2. Discurso.3.Tecnologia. 4.Internet.5.Web 2.0.I.  
Título.

CDD 23.ed. 371.39445

## **AUTORIA E APRENDIZAGEM COLABORATIVA POR MEIO DA WEB 2.0**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Daniel Abrão  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros de Carvalho  
Universidade Federal Fluminense/UFF

---

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins - Suplente  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

---

Prof. Dr. Miguel Eugenio Almeida - Suplente  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 29 de julho de 2015.

Para as minhas filhas Yasmin e Isadora, que minha dedicação aos estudos sirva de exemplo aos seus percursos estudantis.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, pela parceria, seriedade, competência intelectual e acessibilidade às informações solicitadas.

Aos professores da banca, pela leitura.

Aos professores do programa de mestrado, pela formação.

Aos colegas de turma, pela troca.

Aos diretores, alunos e educadores das Escolas Municipais: Prof. José de Souza; José Rodrigues Benfica e Gov. Harry Amorim Costa pelo acolhimento à pesquisa. Especialmente à diretora e amiga, Maria Kátia Miranda da Silva.

Aos demais amigos, pela força e por compreender a minha ausência.

Às minhas filhas, minha inspiração.

Aos meus familiares, pelo apoio permanente e por compreender a minha ausência em vários momentos.

À minha mãe, pela formação de caráter e amor incondicional.

Ao meu pai (*in memoriam*), pelo exemplo de generosidade.

Ao Edmilson, pelo amor dedicado a mim.

À CAPES pelo incentivo à pesquisa e bolsa de estudo.

A Deus, acima de tudo.

“Como eu escreveria bem se não existisse! Se entre a folha branca e a efervescência das palavras e das histórias que tomam forma e se desvanecem sem que ninguém as escreva não se interpusesse o incômodo tabique que é minha pessoa! O estilo, o gosto, a filosofia, a subjetividade, a formação cultural, a experiência de vida, a psicologia, o talento, os truques do ofício: todos os elementos que tornam reconhecível como meu aquilo que escrevo me parecem uma jaula que limita minhas possibilidades. Se eu fosse apenas uma mão decepada que empunha a pena e escreve... Mas o que moveria essa mão?”

Ítalo Calvino *Se um viajante numa noite de inverno*

## SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
INTRODUÇÃO .....	12
1 INTERNET.....	16
1.1 O surgimento da internet.....	16
1.1.1 Internet no Brasil .....	18
1.2 Gerações .....	18
1.2.1 Geração belle époque .....	19
1.2.2 Geração baby boomers .....	19
1.2.3 Geração X .....	21
1.2.4 Geração Y .....	22
1.2.5 Geração Z .....	23
1.3 Vantagens do uso da internet .....	24
1.4 Oportunidades .....	28
1.4.1 Por que utilizar a internet como recurso de aprendizagem?.....	31
1.4.2 Professor, sujeito agente e mediador, que se lança em busca de novos desafios fazendo uso da Web .....	32
1.4.3 Web 1.0 e Web 2.0 .....	33
1.4.4 Sala de tecnologias e formas de leitura .....	36
2 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA PRÁTICA DISCURSIVA.....	38
2.1 Espaço de correlações .....	39
2.2 Sujeito .....	40
2.3 Campo Associado .....	42
2.4 Materialidade .....	43
2.5 Formação discursiva e discurso.....	45



3 CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE AUTORIA.....	47
3.1 Histórico da autoria .....	47
3.2 Autoria .....	49
3.2.1 Teorias contemporâneas da autoria .....	51
3.3 Interferências na autoria .....	57
3.4 A escola enquanto ambiente de desenvolvimento autoral .....	60
3.4.1 A construção autoral na escola por meio da web .....	67
3.4.2 Autoria colaborativa .....	72
4 GÊNERO TEXTUAL .....	75
4.1 Gênero discursivo na Concepção bakhtiniana .....	75
4.2 Artigo de opinião como gênero articulador entre a prática da autoria e a cultura midiática.....	79
5 PLANEJAMENTO, APLICABILIDADE E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> . .....	81
5.1 Contexto Pragmático: Público alvo e seleção do gênero textual .....	81
5.2 Seleção de recursos da web para a aplicabilidade da produção.....	83
5.3 Escolha do tema .....	84
5.4 Situação didática.....	87
5.5 Execução da atividade.....	88
5.6 Abordagem geral.....	89
5.7 Análise do <i>Corpus</i> .....	91
5.7.1 Possíveis intervenções .....	99
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	106

## RESUMO

Esta dissertação possui como propósito principal investigar a assunção da autoria realizada de forma colaborativa, como contribuição a um ensino-aprendizagem que esteja aliado às tecnologias inovadoras que a web 2.0 propõe. Os conceitos basilares sobre autor, que apresentamos neste trabalho, tiveram em Foucault (2012) sua principal contribuição, visto que considera o autor não simplesmente como um indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas como princípio de agrupamento do discurso como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. O gênero textual escolhido foi o artigo de opinião, selecionado por conter em sua composição, conteúdo e estilo, que segundo Bakhtin (2011), elementos indissociáveis na constituição do gênero, um facilitador para que os sujeitos entrassem em uma disputa com o objeto defendido e assim permitisse que os fatores históricos, sociais e ideológicos se manifestassem em seus dizeres, a análise do *corpus* ocorreu a partir das produções de alunos de 8º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas do município de Campo Grande-MS, por fim, com base no escrutínio realizado nas produções dos alunos em busca da manifestação de autoria em seus textos, sugerimos para tanto, intervenções consideradas necessárias, para que se haja êxito na prática de produção discursiva.

Palavras-chave: Autoria colaborativa; discurso; tecnologia; internet; web 2.0

## ABSTRACT

This thesis main purpose is to investigate the assumption of the authorship realized in a collaborative manner, as a contribution to teaching-learning associated to innovating technologies that Web 2.0 proposes. The primary concepts about author, which is exposed in this piece of work, come from Foucault (2012) as major contributor, as it considers the author not simply as an individual who stated or wrote a text, but as the principle of grouping the discourse as a unit and origin of its meanings as the subject of its coherence. The chosen writing genre was the opinion article, selected for having in its composition, content and style, according to Bakhtin (2011), inseparable during the constitution of the genre, a way to make it easier for the subjects to dispute with the object defended and so allow that the historical, social and ideological factors could impose through their statements. The analysis of the *corpus* occurred through the study of the productions of the 8th grade primary school students from two state schools from Campo Grande – MS, at last, based on the scrutiny realized in the students productions on the search for manifestation of authorship in their texts, so we suggest, interventions considered imperative for there is success in the practice of discursive production.

Keywords: collaborative authorship; discourse; technology; internet; Web 2.0,

## INTRODUÇÃO

A utilização da internet em contexto escolar tem avançado e sido um forte aliado ao ensino. No entanto, a busca constante dos docentes por atividades que sejam de relevância, é intensa. Não basta apenas utilizar o recurso disponível como uma atividade paralela ao vivenciado em sala de aula, pois para que haja real valia, deve haver uma relação, que se possa efetivamente aliar o conteúdo trabalhado em sala ao disponível na informática, tenha, sobretudo, a efetiva participação do aluno e que seja atribuído ao discente uma função ativa, que desempenhe papel de autor de seus feitos e deixe de apenas reproduzir e completar atividades que estejam prontas, exigindo do aluno apenas resposta às questões solicitadas, mas que o aluno possa realmente dispor-se de sua criatividade, estilo próprio e subjetividade. Para tanto as atividades devem ser bem planejadas, para que não haja perda do foco e seguramente se tenha uma aula produtiva.

Considerando os pressupostos acima pretendemos aliar neste trabalho a prática da autoria ao contexto da web. O referencial teórico que utilizaremos para tratarmos sobre autoria está especialmente nos conceitos do fundador sobre o tema, Michel Foucault. Portanto, sua voz ecoa durante todo o referido trabalho, recorreremos para tanto, às seguintes obras como referência: *O que é um autor?*(2012), *A Ordem do Discurso* (2014a) e *A arqueologia do Saber* (2014b). Assim, obtivemos como contribuição seus conceitos sobre enunciado e discurso, e sem que pudesse faltar discutiremos sobre a função enunciativa que se divide em quatro elementos fundamentais: Espaço de correlações, sujeito, campo associado e materialidade discursiva.

Bakhtin e Pêcheux são teóricos de especial relevância e seus conceitos também serão abordados como contribuição frente ao assunto sobre autoria, discurso e gênero discursivo.

Em Barthes (2012) encontraremos sua formulação sobre a morte do autor, em que prioriza o leitor como o verdadeiro produtor de sentido, pois é através deste leitor que se estabelece o sentido e assim se constitui significado da obra, não poderíamos, contudo, deixar de conhecer os seus conceitos sobre a morte do autor. Se para Foucault é de extrema importância conhecer sobre a vida do autor para entender o que ele produz para Barthes isso não é essencial, tampouco importante, visto que é por meio do leitor que a obra

constitui o seu sentido. Para o contexto educacional a definição de Barthes cria um grande impacto, visto que atribui ao leitor a responsabilidade pelo sentido da obra, assim devemos considerar o momento sócio histórico, cultural e ideológico do pretense leitor e sua atribuição de sentido, o que pode gerar a obra sentidos diferenciados.

Além de conhecermos os conceitos sobre autoria apresentados pelos autores supracitados, também perpassaremos sobre o histórico da internet, visto que a princípio não foi pensada para a educação, no entanto, aqui a utilizaremos como recurso educacional.

O ritmo acelerado de mudanças das gerações, que antes da primeira década de 1960 era bem menos transitório e que, atualmente, é visto de forma bem mais intensa, será explanado, já que é importante considerarmos o avanço e não constância das gerações. Dentre elas explicitaremos: Belle époque, Baby Boomers, Geração X, Y e Z.

Para nos acolitar nos conceitos sobre a utilização da internet em ambiente escolar, acolheremos as contribuições de alguns autores, entre eles: Lévy (2010), Prensk (2001), Moran (2010), Marcuschi (2004), Rojo (2014), Almeida (2013) dentre vários outros, em virtude de que tais autores realizaram trabalhos significantes sobre práticas inovadoras que é a tecnologia na sociedade digital e que têm muito a contribuir para este trabalho, de forma que seria um despropósito não utilizar tais fontes.

Para que seja realizada a experiência de trabalho com as ferramentas digitais, selecionamos o gênero textual: artigo de opinião, visto que, diariamente somos desafiados a participar de situações que nos incorrem posicionamentos, seja por meio de produções orais ou escritas, pois estamos inseridos em uma sociedade, portanto, são diversas as esferas sociais que permeiam o nosso cotidiano, essas esferas são categorizadas por meio dos gêneros textuais. Nessa perspectiva Bakhtin (2011, p. 285) diz que:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso.

Como afirma Bakhtin, para cada situação social, temos que nos manifestar de forma semelhante ou não, pois apesar de existir uma diversidade textual, existem situações em que nos recorremos a gêneros considerados regulares.

Para nos aprofundarmos sobre os conceitos e utilização dos gêneros textuais, o aporte teórico utilizado para tratarmos sobre gênero discursivo, também sobre as condições de produção serão: Bakhtin (2011), Scheneuwly e Dolz (2013), Orlandi (2012) e Geraldi (2013).

O gênero selecionado, para efetivar este trabalho, como já fora dito, será o Artigo de Opinião, considerando que alguns gêneros são mais estáveis e outros menos. O artigo de opinião pertence ao tipo dissertativo, o que dá margem ao aluno para que externar o seu conhecimento e se lance com mais afinco, podendo, assim, desenvolver com maior liberdade seu texto.

Vale ressaltar que este trabalho possui caráter pragmático, o que equivale a dizer que, todas as atividades inscritas nele foram realizadas de forma que incorporasse a situação vivenciada em contexto escolar, o que nos proporcionou uma prática empírica nesse estudo, de forma que foi desempenhada não com o único propósito de se realizar um estudo, ou prática que se distanciasse da utilizada por nós, enquanto professores, mas que fosse uma atividade que, sobretudo, agregasse conhecimento aos jovens. Para tanto, tivemos objetivos que representam nosso propósito enquanto professores. Temos então:

#### Objetivos Gerais:

- Proporcionar situações de produção diferenciadas das realizadas em sala de aula;
- Levar ao conhecimento do aluno a descoberta de ferramentas inovadoras no âmbito social e educacional;
- Estimular a leitura e seleção de informação via web;
- Processar informações adequando-as a necessidade de utilização;
- Elucidar sobre as vantagens de ser o gestor do seu conhecimento e ampliar o espaço de participação coletiva;
- Utilizar o espaço virtual não apenas como forma de entretenimento ou utilização de rede social, mas como recurso de aprendizagem;

#### Objetivos específicos:

- Descobrir condições de desenvolvimento da autoria do aluno por meio da Web 2.0;
- Trabalhar o gênero textual, artigo de opinião, de forma que o aluno possa organizar, desenvolver e argumentar, bem como, refutar ideias contrárias da defendida pelo autor sobre o tema sugerido.

- Estimular o discente para participação coletiva e colaborativa em ambiente virtual;
- Promover a produção discursiva por meio de autoria colaborativa.

Para concluir, faremos a análise da produção de artigo de opinião realizada pelos alunos de 8º ano do ensino fundamental, de duas escolas públicas, no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Terão como materialidade discursiva o computador, utilizarão o *blog* como suporte para realizarem leituras e também escrita, acessando *links* disponíveis pela professora, no entanto, versa sobre a questão da autoria colaborativa a socialização e colaboração da produção, que demandará a formação de grupos, previamente solicitado pela professora, e encadeamento da produção por meio da ferramenta *googledocs*, que terá preeminência, visto que é a partir deste recurso que ocorrerá a possibilidade dos alunos trabalharem de forma compartilhada e colaborativa.

## 1. INTERNET

A internet propiciou grande desenvolvimento em todos os âmbitos sociais, não sendo diferente para a educação, pois esse recurso tem auxiliado de sobremaneira o desenvolvimento educacional do discente, ainda que não tenha sido pensada especialmente para a educação, a internet tem favorecido bastante o desenvolvimento pedagógico do aluno na produção de conhecimento. Dessa forma teremos um breve histórico sobre a internet.

### 1.1. O Surgimento da internet

Na década de 1960, mais precisamente no ano de 1957 começa-se, por questões militares, a criação de um meio de comunicação que atendesse os interesses militares dos que lideravam a chamada “Guerra Fria”. Os Estados Unidos, grande propulsor e incentivador desse novo meio de comunicação, exigia por meio de seus gerenciadores que essa rede de comunicação fosse descentralizada, pois em caso de força maior, ou seja, de ataques, considerando que viviam o período da guerra fria entre URSS e EUA, caso o Pentágono fosse alvo de possíveis ataques, como já era esperado, os militares norte-americanos tendo uma rede descentralizada não perderiam contato entre si.

No ano de 1969, ocorre o primeiro contato, transmissão de e-mail da história. A palavra a ser digitada seria “LOGIN” e ao chegar na letra “O” perdeu-se o contato, importante a referência de que a mensagem fora solicitada por *Leonard Kleinrock*, professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles.

Houve um avanço maior no ano de 1970, quando o governo dos EUA, observando uma calma nas tensões que esperavam que fossem provenientes de seus adversários, tomaram então a seguinte decisão: permissão para que pesquisadores desenvolvessem pesquisas em suas próprias Universidades.

Dessa forma a ARPANET, responsável pela administração do sistema se vê sobrecarregada, necessitando de uma divisão. Ficando dessa forma: MILNET – que possuía localidades universitárias e ARPANET – pesquisas não militares, havendo um engajamento de estudantes, amigos, somando-se esforços.



As informações de uma rede para outra só era permitida por um sistema denominado protocolo de internet (*Internet protocol*). As redes eram conectadas pelo endereço de IP, fazendo com que houvesse a troca de mensagens.

O governo americano continuou investindo, dessa vez, com a criação de *backbones* (espinha dorsal, em português), em computadores de alta potência conectados por linhas possuidoras de grandes fluxos de dados, estes transmitidos por canais de fibra óptica, satélite ou transmissão por rádio. Havia também os *backbones* criados por empresas de menor porte, que possuíam redes menores.

No ano de 1989, ocorre um dos maiores avanços no que se refere à utilização da internet, a criação da World wide web por Tim Berners Lee, físico britânico, enquanto trabalhava no CERN, Laboratório de Física de Partículas Europeia.

A World wide web, também conhecida como web é um sistema de documentos em hipermídias que funcionam como rede de alcance mundial, pois são interligados e executados na internet, os documentos encontrados na web podem estar em forma de vídeos, sons, hipertextos e figuras.

O grande “boom” e a popularização de internet ocorreu no ano de 1990, em que se aliava o interesse mundial ao interesse comercial, não precisando ser nenhum especialista para deduzir o potencial financeiro e rentável da novidade.

Em 1992, o senador norte-americano, Al Gore, já falava na *Super high way of information* (super estrada da informação) que previa uma grande possibilidade de compartilhamento, fluxo de informações por meio dessa rede mundial, a internet.

A internet tornou-se um material cultural utilizado por vários estudiosos, pesquisadores e conhecedores do assunto. Seu avanço continua em constante progresso, não tendo um dono específico.

Segundo a União Internacional das Telecomunicações, órgão vinculado à Organização das Nações Unidas, o número de internautas no mundo já é de 3,2 bilhões, equivale a dizer que houve um avanço brutal de pessoas conectadas, pois esse número em 2003 era de cerca de 600 milhões de pessoas.

### 1.1.1 Internet no Brasil

No Brasil, os primeiros resquícios da internet surgiram em 1988, ligando a princípio Universidades do Brasil a instituições nos Estados Unidos.

Com grande proximidade de tempo, ainda no ano de 1988, o *Ibase* começou a testar o *Alternex*, primeiro serviço brasileiro de internet, não acadêmica e não governamental. O que era a princípio restrito ao *Ibase* e *associados* passou em 1992 a ser liberado ao público.

Investimentos passaram a ser elementos de primeira ordem, quando em 1989, o Ministério da Ciência e Tecnologia lança um projeto pioneiro, a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), essa organização visa a atender interesse público e a principal missão era operar uma rede acadêmica a nível nacional. Ao ser lançada tinha o objetivo de capacitar recursos humanos para, dessa forma, implantar o primeiro backbone nacional.

Dito anteriormente, o *backbone* é semelhante a uma espinha dorsal, promove conectividade e transporte de tráfego entre estruturas análogas de diversas regiões do país, a partir de 1991 fica destinado exclusivamente à Comunidade Acadêmica.

Assim não poderíamos deixar de tratar sobre outro grande avanço, em que no ano de 1995 o governo decidiu estender a conectividade a provedores de acesso comerciais.

## 1.2 Gerações

O mundo sofre diversas transformações históricas cotidianamente, sejam políticas, culturais, econômicas, o que ocasiona mudanças no pensamento ideológico dos seus sujeitos participantes. Devemos considerar que tais mudanças, acabam por ocasionar práticas sociais diferenciadas, seja na vida pessoal ou social, assim, para que possamos entender a facilidade que os jovens de hoje têm em manipular as diversas ferramentas digitais disponíveis no mercado atual, devemos entender sobre as várias gerações de usuários das tecnologias. Para tanto, observaremos, com contribuições de FAVA, 2014, sobre o perfil das várias gerações existentes, com o propósito principal de entender que, cada qual, possui suas características e peculiaridades.

### 1.2.1 Geração *belle époque*

Esta geração permaneceu em voga desde 1889, Proclamação da República, até 1922, ano de realização da semana de Arte Moderna em São Paulo.

Várias e significativas mudanças marcaram o cotidiano da *belle époque*, dentre elas o surgimento de novas tecnologias como: telefone, telégrafo sem fio, cinema, bicicleta, automóvel, avião, entre outras.

Paris era o paradigma para a população, tornando-se o centro mundial da cultura, dessa forma, várias regiões do planeta acolhia sua cultura, inspirava-se em sua alta costura, livrarias, teatros, bistrôs, entre outros.

Nesta época ocorre o fim da monarquia e o início da era republicana, e os republicanos eram positivistas. “Para os positivistas a educação não competia ao Estado, e sim a sociedade e ao indivíduo; aliás, a função do Estado nesse campo se limitava a promover e regular a atividade privada.” (FAVA, 2014, p.44)

No período *belle époque* a industrialização ainda dava seus primeiros passos e o dono do poder eram os latifundiários, que mantinham seus filhos na escola para que se formassem doutores, para aquisição de poder político ou que, em caso de falência, os pais fossem mantidos pelo estudo dos filhos. A classe média era mínima, pouca ou quase nenhuma oportunidade tinham os filhos dessa classe, e a melhor possibilidade encontrada estava na carreira de militar.

Com o início da Primeira Guerra o fim da *belle époque* foi catastrófico. Dilapidação de bens, ruínas e separação familiar, com isso, aflora um sentimento de compaixão que toma conta da sociedade, que precisa se recompor. Obediência a regras, trabalho, estudo, passaram a ser o foco dessa geração. No entanto, recordemos que o estudo era para poucos, havendo uma seletividade de pessoas que poderiam realizar grandes conquistas.

### 1.2.2 Geração *baby boomers*

Os chamados *baby boomers* são aqueles nascidos depois de 1945 e antes de 1960, época marcada por uma grande taxa de natalidade, talvez por ser a primeira geração a viver

um período significativo de paz mundial. Houve uma estabilidade política e econômica e as pessoas conseguiam cada vez mais adquirir bens materiais.

Nesta geração a educação era bastante severa, sem direito a muitas contestações, pois eram severamente punidos, enquanto que os que acatavam as decisões dos pais sem questionar tinham maiores regalias, ganhando como compensação a aprovação em alguma instituição de ensino.

Importante ressaltar que nesta época filhos de pessoas de classe média começavam a ocupar o espaço de estudo.

Aos estudantes era ensinado sobre a importância da dialética e da retórica, o que causou um clima de rebeldia, desobediência, pois passaram a questionar leis e os costumes.

Os *babyboomers* com seu espírito de impaciência, rebeldia, transgressores, foram os responsáveis por uma grande mudança de comportamento; quando se sentiam insatisfeitos com algo, reclamavam, lutavam, até conquistarem o que desejavam, dessa forma que conquistaram a liberdade de ir e vir.

Os jovens dessa época aderiram um estilo nômade, uma espécie de socialismo comunitário. Em oposição ao consumismo usavam roupas velhas de estilos grotescos e rasgadas. Eram sonhadores, acreditavam que o amor salvava as almas, seres idealistas, acolheram princípios religiosos orientais como o hinduísmo e o budismo. Utilizavam a música como meio de protestar, realizando grandes encontros e festas ao ar livre, dentre as festas famosas estavam Human Be-in, de San Francisco, e o Festival de Woodstock, em que defendiam o amor livre, praticavam o nudismo e consumiam muita droga. Inspiravam-se no rock'n'roll de Raul Seixas, Mutantes, Zé Ramalho, Geraldo Vandré, Gilberto Gil, Caetano Veloso, entre outros.

Após uma pesada repressão imposta pelo regime militar no final da década de 1960 e início da década de 1970, houve um declínio do idealismo, devaneios e fantasia dessa geração.

Os adultos dessa geração passaram a acreditar que, para que houvesse o sucesso era preciso manter a ordem, quanto ao estudo, era bastante natural rever pessoas depois de adultas retornarem aos bancos escolares.

Amadurecidos, os *babyboomers*, pais da geração X, avós da geração Y e bisavós da geração Z, passaram a defender que um bom estilo de vida depende de uma boa educação.

### 1.2.3 Geração X

Os nascidos entre 1960 e 1983 engendram a geração X, o materialismo e o consumismo são as maneiras de agraciar as almas aniquiladas pelo poder de compra.

A geração em questão foi marcada pelo individualismo, pelo egocentrismo. Dessa forma, estabeleceu-se por meio desse individualismo uma grande competitividade, falta de solidariedade, tendo como consequência um maior isolamento.

São pessoas desconfiadas de qualquer tipo de autoridade, têm uma excessiva confiança em si mesmos, a visão tecnicista é muito marcante pelo empreendedorismo, habilidade de adaptação, especialmente pela falta de confiança no outro, também são muito envolvidos com tecnologias.

Com o passar do tempo, a geração X amadureceu percebendo que bens materiais e individualismo não satisfazem as aspirações humanas de felicidade. A parte espiritual está mais equilibrada, procurando mais dignidade em sua conduta.

Nesse período houve um grande declínio familiar, a expectativa de casamento como uma relação perpétua, o juntos para sempre, foi sendo rechaçado pela busca do ter, as pessoas cada vez mais sem paciência para dialogar e estabelecer a paz no ambiente familiar, consideram mais fácil a resolução de problemas por meio do afastamento da situação problemática, dessa forma, o divórcio deixa de ser visto como algo pecaminoso.

As guerras, antes, externas ao meio familiar, agora passam a ser prática permanente dentro dos lares, senão por brigas, pelo menos pela falta de tempo para dar carinho e atenção aos seus membros.

Pelos problemas acerca da estrutura familiar esta geração influenciou de maneira sobejada a geração posterior, causando grande impacto nas relações interpessoais por ter transmitido a agressividade, ousadia, atrevimento por não terem medo de enfrentar desafios, mas com grande probabilidade de culpar o outro por seu receio de assumir erros e não aceitar que o ser humano também pode fraquejar.

Devemos ressaltar que a geração X tem sede por conhecimento, aprendem facilmente por tentativas e erros, assim sempre buscam uma melhor maneira de realizar algo, se lançam em desafios e gostam de fazer as coisas de maneira diferente, sempre com a pretensão de evolução, ou seja, fazer melhor. Aspectos estes que influenciaram bastante no desenvolvimento da geração Y.

## Geração Y

Esta geração compõe os nascidos entre 1983 e 2000. Os jovens têm muito material de pesquisa, considerando que antigamente se quiséssemos realizar uma pesquisa deveríamos ir a uma biblioteca, ou seja, nos deslocarmos de onde estávamos para realizá-la, hoje, no entanto, temos o tempo e espaço nossos aliados, podemos realizar uma pesquisa da nossa própria casa, do ponto de ônibus, de um restaurante, de forma que são inúmeros os lugares de acesso à rede, contudo, o que falta em muitos momentos é que o estudante seja bem direcionado, para que consiga produzir conhecimento diante da informação que tem disponível.

Abreviações começaram a fazer parte dessa geração, tornando-se complicado motivar os alunos a entenderem a importância de uma redação formal, devendo-se trabalhar muito a sociolinguística para que haja o entendimento de tipos de escrita, bem como observar o público alvo, momento de escrita e finalidade textual.

Os jovens possuem grande facilidade em realizar “*download*” de músicas, filmes, vídeos, tendo em seu computador, tablet, mp3 player, smartphone, uma biblioteca virtual, realizam com facilidade pesquisas através de browser, digitam a pesquisa e mergulham nos chamados hipertextos, o que também pode fazê-los se perderem, caso não estabeleça um propósito e se deixem levar através dos links, sendo assim, é possível que não encontrem o caminho de volta ou até mesmo não consigam reencontrar um texto que lhe tivesse agradado anteriormente. Observemos a definição de Gadotti (inBehrens, 2010, p.115) para hipertexto.

O hipertexto introduziu uma nova linguagem na educação. O texto é linear, isto é, construído, organizado, ‘tecido’, a partir de uma sequência de ‘linhas’ que permitem ‘saídas’ ou ‘links’, elos de ligação com outros textos, imagens, sons, etc. A internet é essencialmente uma aplicação desta linguagem do hipertexto e principalmente do uso de diversas mídias (hipermídias).

A internet, portanto com tanta proposta de inovação tem despertado o lado criativo dos jovens e adolescentes. Constatamos que conseguem por seus próprios meios, caso selecione adequadamente, adquirir informações, produzindo assim, conhecimento. Estão quase sempre conectados, vejamos o que afirma Fava:

Esses jovens não só cresceram em uma época de profundas transformações, mas também o ritmo das mutações é visto como uma oportunidade de aprender. O tempo deles é agora. Não necessitam usar relógio porque, graças ao advento da

banda larga computacional, estão online ininterruptamente, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Têm acesso instantâneo às informações, nunca conheceram o mundo sem tecnologia digital. (2014, p.53)

Têm facilidade em lidar com várias atividades ao mesmo tempo, são jovens que adotam uma cultura de participação, possuem conceitos abertos e estão sempre buscando a criação coletiva, lidam muito bem com a tecnologia de forma interativa, no entanto, em sua vida social é constatado um afastamento da presença humana, que cede lugar ao espaço virtual, portanto, há uma desvalorização do convívio físico, percebemos que mesmo em companhia de pessoas, é comum um adolescente desta geração não jantar com seus familiares, ele quase nunca está disponível para a família.

#### **1.2.4 Geração Z**

Se são várias as ações conflitantes entre os educandos da geração Z, também o são para seus educadores, que devem utilizar a motivação como primeira ordem da casa, o que não é um trabalho muito fácil, visto tamanha riqueza de recursos que a internet propõe, assim o aluno considera mais prazeroso manusear um celular em sala de aula que escutar os conceitos transmitidos pelo professor.

Dessa forma, diversos medos assolam a prática docente, especialmente por temor que haja um descompasso de aprendizagem e o ensino de antes se torne obsoleto e que não consigam se manter atualizados com o novo panorama digital imposto.

Outro fator deve preocupar os educadores, que enquanto muitos jovens estão vivenciando os “problemas” por serem pessoas altamente conectadas, de outro lado temos uma grande parcela de nativos digitais crescendo sem contato com o mundo digital.

A geração Z é uma geração em ascendência, vem surgindo com jovens nascidos da década de 1990 até 2000, a origem da letra Z da geração em evidência é proveniente de zapear, que significa mudar rápido e repetidamente e está ligado a adventos tecnológicos.

Com o surgimento da banda larga, em que é possível estabelecer uma conexão em alta velocidade, pois a troca de dados se dá quase de maneira síncrona, ou seja, simultânea, percebemos um aumento nas possibilidades de interação, compartilhamento e colaboração virtual. Portanto, a utilização da internet tem se tornado um grande aliado aos jovens em suas intenções de socialização.

Os educadores que já haviam iniciado suas preocupações de interação com seus alunos lá na geração Y, agora a preocupação é ainda mais evidente, visto que ocorrem muitas modificações na forma de aprendizagem e conseqüentemente deve haver modificações também na forma de ensinar, um breve exemplo disso é que antes se predominava o texto e depois a imagem, hoje, com a multimodalidade existe um ressignificado desta ordem, pois, agora, primeiro analisam a imagem e então chegam ao texto.

Os jovens dessa geração presenciam tudo de maneira muito dinâmica, com grande velocidade, pois já nasceram em meio a essa evolução tecnológica, não precisam passar por adaptações, por isso toda essa parafernália tecnológica se dá de maneira tão natural em seu convívio.

Outras mudanças são de grande relevância nessa geração em relação às gerações anteriores. Hoje, não se conhece barreiras geográficas, o jovem por meio de seu smartphone, tablet, ultrabook, com um toque na tela é enviado a qualquer lugar do mundo, podendo visitar museus e ter acesso a todo tipo de cultura.

Para os nativos digitais, o manuseio, a habilidade de interação entre máquina e homem, o uso de aplicativos, compartilhamento de informações bem como a busca, a pesquisa, são saberes comuns, pois nunca conviveram sem isso, desde que nasceram visualizam todos esses recursos, tendo-os a sua disposição.

O principal desafio é o de selecionar, contribuir, modificar, aprimorar o que se sabe e partir do conhecimento internalizado para busca de novas descobertas.

### **1.3 Vantagens do uso da internet para a educação**

Destacaremos especialmente as vantagens ao acesso à internet referente a esse objeto de estudo, a internet voltada para a educação.

A web, enquanto rede de alcance mundial possibilita uma amplitude de formas de trabalho, dessa maneira, muito se pode acrescentar à prática pedagógica do docente para aumentar as habilidades dos educandos. Explorar aptidões do aluno e dar sentido ao que é de seu conhecimento e interesse é algo bastante vantajoso e válido para o percurso estudantil.



Assim, não há como viver de insegurança e tampouco deixar de dar credibilidade às potencialidades do outro. Além desse problema temos outros que complicam a aprendizagem do aluno, veremos que “A muitos alunos falta fluência tecnológica, por muitas razões, em particular a dificuldade de acesso.” (VEEN e VRAKING, 2009, p.56.)

Existe ainda uma grande parcela de crianças e jovens que possuem como único recurso de acesso à internet o espaço escolar. Por isso é tão importante proporcionar e estimular os alunos para desenvolverem atividades na sala de informática.

Em uma pesquisa<sup>1</sup> realizada na Escola Municipal Prof. José de Souza, em Campo Grande - MS, contando com a participação de 188 adolescentes, entre 7º, 8º e 9º anos, em que visava principalmente analisar os indicadores de qualidade da educação, no entanto como elaboramos perguntas sobre a utilização da sala de informática entre outros recursos, partimos dessa análise para a realização desse trabalho e assim analisamos o gráfico que encontra-se no anexo II, os alunos divulgaram que o que eles mais gostam de realizar na sala de informática é de acessar jogos, isso é algo que os motiva, portanto consideramos válido partir do interesse dos alunos para que haja uma aprendizagem realmente significativa e prazerosa

Estendendo, posteriormente, para outras estratégias e ferramentas de aprendizagem, mas é importante partir do interesse do aluno sobre o objeto estudado para que se desperte no aprendiz o prazer em conhecer o que será investigado.

O aluno tem uma grande capacidade que é a de procurar seus próprios métodos de aprendizagem, considerando que o aluno possui espírito investigativo, basta que o mesmo seja motivado para tal.

Os adolescentes de hoje têm uma grande facilidade em explorar as ferramentas da web, utilizam fluentemente esse recurso como forma de interação, uma informação que antes poderia demorar semanas para chegar ao seu destinatário, hoje chega de maneira síncrona, em muitas ocasiões, os adolescentes fazem uso dessa ferramenta como se estivessem explorando a língua materna, inúmeros são os recursos explorados por esta classe intitulada: Nativos digitais.

---

1 – Pesquisa realizada pela autora em maio de 2012 sobre os indicadores de qualidade na educação, que tinha como propósito principal entender o funcionamento da unidade escolar, bem como possíveis possibilidades de intervenção para obter um melhor resultado em avaliação de Larga Escala.

Segundo Veen e Vrakking:

As novas tecnologias são ‘facilitações’ ao pé da letra. Tratando-se de veicular veículos em penca, pesquisar, produzir com autoria e autonomia, tornam-se preciosismos, mesmo porque o ‘professor’ tende a retórico, o expositor, o motivador. (2009, p.57)

Quando o ensino é bem conduzido, direcionado, com certeza o resultado será satisfatório. Para tanto é necessária investigação por parte dos mediadores, então, para uma aula de informática deve-se ter claro qual é o objetivo do que se quer que os alunos explorem.

Planejar é necessário sempre, e o planejamento nos faz procurar conhecer o desconhecido. A pesquisa é a base de tudo, se o professor tem domínio sobre as ferramentas de ensino propostas ao aluno, não há como desenvolver um trabalho inadequado. Deve-se ter o “trabalho” de conhecê-la, quando se fala em trabalho é considerando que a aquisição do conhecimento demanda sair do campo de conforto, no sentido de pesquisar, questionar, investigar o desconhecido.

Os professores, por vez, não possuem a mesma facilidade que seus educandos, por serem imigrantes digitais, logo, deveriam mais do que nunca se adequar ao novo sistema. As dificuldades levantadas pelos profissionais serão inúmeras: horário acirrado, pois muitos professores trabalham dois ou três turnos, falta de disposição, cansaço, falta de incentivo, todos esses fatores são agravantes, no entanto, devemos nos conscientizar de que uma reciclagem de conteúdo sempre deve ser feita, é inadmissível que um professor não se lance a desafios e constante aperfeiçoamento.

Por outro lado temos profissionais envolvidos efetivamente com a aprendizagem de seus alunos e que sabe da responsabilidade que têm perante o desenvolvimento das crianças, então, para que haja uma boa interação entre professor e aluno é necessária reciclagem metodológica na vida dos educadores.

O aluno está condicionado a aulas expositivas, sem perspectiva de criação por sua parte, e o professor por receio do desconhecido estabelece preferência ainda por aulas expositivas, modelo de ensino que firma a autoridade do professor enquanto detentor do conhecimento, no entanto, esse modelo de ensino deixa de atribuir sentido a criticidade e ao espírito inovador do aluno.

Percebe-se, contudo, que o docente não pode mais ficar preso a conceitos e práticas conservadores, em que o professor é o centro dos saberes e o aluno um mero reprodutor, sem autonomia para construir o seu próprio conhecimento, pois vivenciamos uma geração que se transforma constantemente e que possui diversos meios de aquisição de conhecimento, de forma que o aluno está diante de muita informação ao seu dispor e cada dia mais deve se conscientizar que precisa aprender a aprender, dessa forma devemos atribuir a este educando autonomia para que saiba selecionar e transformar o conhecimento ao seu dispor.

Muitos alunos conhecem bem as tecnologias que têm a sua disposição, mas sem um mediador, a pergunta que surge é: Será que esse aluno vai utilizar toda essas ferramentas digitais a seu favor, ou ele vai ter uma instrumento a mais na sua educação sem que este atinja o propósito principal, que é fazer com que o aluno atribua sentido a sua prática e produza conhecimento? Que este por sua vez utilize as diversas ferramentas ao seu dispor de maneira que lhe vá ser útil e não apenas como um objeto que não agregue valor algum ao seu aprendizado, o professor não pode se omitir da total relevância que tem o seu trabalho.

O educador deve sempre se lembrar de que forma seu aluno para o mercado de trabalho, fora do ambiente escolar, o que está cada vez mais competitivo, não tem mais espaço para pessoas que não saibam criar, que não inovam e automaticamente se renovam.

Motivados pela utilização de televisão em que a linguagem é espontânea, que se observam várias pessoas em comunicação oral o tempo todo, e na tela ocorre um dinamismo de imagens e sons, as pessoas estão cada dia mais imediatistas. São jogos de imagens e palavras que se sucedem sem que o sujeito tenha que ser participante da ação. Há também a possibilidade de assistir a diversos programas educativos que são elaborados para que cheguem ao seu telespectador de maneira atrativa, com imagens e sons que facilitam o aprendizado, assim são produzidos programas como, Telecurso Segundo Grau ou programas que explorem tema de grande relevância cultural. É vasta a cultura que o educando pode adquirir sem nem ao menos sair de sua residência, e variados conhecimentos também são adquiridos com a utilização do cyberspaço.

A contribuição do cyberspaço possibilita aos alunos acessar, por meio da internet, bibliotecas do mundo inteiro, caminhar pelo espaço, navegar dentro das salas, localizar obras. O acesso estende-se aos museus e laboratórios que podem possibilitar uma viagem virtual. Essas inovações já fazem parte do mundo informacional. Cabe aos educadores se apropriarem dessas possibilidades e

criarem projetos que levem seus alunos a “viajar” pela internet e a ser beneficiados com a realidade virtual. (MORAN, 2003, P.104)

Em favor desse recorte de tempo relativamente curto, percebemos jovens e crianças, deliberando seu próprio tempo, e para tais questões que antes demandavam mais tempo para serem realizadas, são utilizadas estratégias organizacionais em que prevaleça economia de tempo e planejamento de forma que contemplem a presença da mídia virtual, bem como a utilização da internet.

Para que fosse feita uma pesquisa escolar, por exemplo, era necessário que a criança escolhesse o espaço em que a pesquisa seria realizada, ou seja, na escola, em bibliotecas ou outro lugar de sua conveniência, a disponibilidade dos participantes para se encontrarem no mesmo local e hora marcados, caso o trabalho fosse realizado em grupo, com o avanço da internet, o tempo e espaço deixam de ser um problema, pois se pode acessar a internet de qualquer lugar e em qualquer momento e assim se comunicar com os integrantes de um grupo. Segundo Moran:

As pessoas, principalmente as crianças e os jovens não apreciam a demora, querem resultados imediatos. Adoram as pesquisas síncronas, as que acontecem em tempo real e que oferecem respostas quase instantâneas. Os meios de comunicação, principalmente a televisão, vêm nos acostumando a receber tudo mastigado, em curtas sínteses e com respostas fáceis. (2003, p. 20)

A criança, se bem direcionada em suas pesquisas, avançarão muito enquanto possibilidade de exploração de conhecimentos, formulações de hipóteses, pois pode acessar virtualmente espaços riquíssimos, de grande valor cultural.

#### **1.4 Oportunidades**

A metodologia em que se faz uso de internet tem sido cada vez mais frequente no ambiente escolar, metodologia que tem se instalado e dado muitas oportunidades aos educandos e seus educadores, fato pelo qual os professores como principais propulsores no ambiente escolar, não podem se furtar em oferecer o manuseio desta ferramenta ao seus alunos. Devemos, contudo, atentarmo-nos para a seguinte situação exposta por Dias:

A utilização das tecnologias digitais, quer no plano do ensino, quer no da aprendizagem, não significa necessariamente um cenário de inovação pedagógica. Pelo contrário, a utilização das tecnologias digitais sem uma mudança conceptual e das práticas dos atores, professores e alunos constitui, em grande parte, um dos motivos para a resistência à elaboração dos novos cenários para a educação, na medida em que não é suportada pela mudança no pensamento e nas práticas pedagógicas. Ultrapassar este condicionamento significa pensar a educação numa perspectiva global e aberta, para a qual as tecnologias digitais contribuem com meios para a expansão dos processos cognitivos e sociais na mediação e no andaimamento das aprendizagens. (2013, p.17)

O professor necessita mudar o foco de sua prática pedagógica, passando da transmissão de conhecimentos, que gera desgastes e muitas vezes não se vê um resultado satisfatório para o ensinar a aprender. Dessa maneira o aluno analisará, contribuirá, produzirá, a partir de suas pesquisas, daquilo que necessita para obter o conhecimento.

Aprender a decorar um volume infindável de informações tornou-se tarefa de questionável valor, uma vez que pela produção veloz com que os conhecimentos vêm sendo apresentados e renovados eles tendem a envelhecer rapidamente. A visão ingênua do professor que julga ensinar tudo aos alunos sobre sua disciplina passou a ser impraticável, pois o universo das informações se estendeu e se ampliou. Portanto, mais que apresentar e decorar conteúdos os alunos precisam aprender a acessá-los, a pensar e refletir sobre eles. (MORAN, 2003, p.79)

Pesquisar, formular hipóteses, elaborar informações, ler, reler quantas vezes forem necessárias, fazem parte do querer aprender e do aprender a aprender. A utilização da internet oportuniza as crianças para que elas tenham mais autonomia no aprendizado, dessa maneira, o jovem responsabiliza-se mais por seu aprendizado.

Outra vantagem de suma importância para os que fazem uso da internet é que se pode trocar informações, conhecimentos, compartilhar dados, produzir textos, relacionar conteúdos aprendidos, explorar diversas habilidades em conjunto com outro ou outros, sem precisar estar fisicamente ao lado de outras pessoas, considerando o espaço e tempo aliados ao ensino e aprendizagem.

Depreende-se que uma postura cooperativa exige colaboração dos sujeitos envolvidos no projeto, tomada de decisões em grupo, troca de conflitos sociocognitivos, consciência social, reflexão individual e coletiva e convivência

com as diferenças, responsabilidade do aprendiz pelo seu aprendizado e pelo do grupo, constantes negociações e ações conjuntas e coordenadas.(MORAN, 2003, p. 106)

Em uma sociedade em que se preza o individualismo, é importante inculcar atividades de socialização, possibilitando a troca de informações, preocupação dos participantes do grupo não simplesmente para o seu próprio êxito, mas a preocupação com o outro, com o que o companheiro aprendeu, de forma que as palavras de primeira ordem sejam: ajuda, solidariedade, presteza, pois esses são elementos desencadeadores do trabalho em conjunto.

A colaboração, mais do que uma estratégia de aprendizagem entre os membros da comunidade, apresenta-se como uma prática de interação social situada no grupo e orientada para a sua sustentabilidade. No plano educacional reveste-se do maior significado, na medida em que a partilha de um projeto comum de aprendizagem, definido no interior da comunidade e pelos seus membros, o que o distingue dos programas ou atividades de cooperação, conduz ao desenvolvimento das interações num quadro colaborativo que visa ao andaimamento do desenvolvimento individual e, desta forma, à participação ativa na criação de uma representação distribuída e coletiva do conhecimento. (DIAS, 2013, P.15)

Jogos também são recursos oferecidos como apoio à aprendizagem, não têm simplesmente a finalidade de lazer, mas se bem integrados com o conteúdo trabalhado em sala de aula é um recurso lúdico, diferenciados dos que os alunos estão habituados e por este motivo é um recurso plausível.

Programas tutoriais, embora não tenha uma participação do pesquisador, constituindo-se o mesmo como ser passivo, não o é totalmente, pois está aprendendo, e no momento em que aprende também reformula seu próprio aprendizado com o propósito de utilizá-lo de maneira conveniente aos seus anseios.

Planilhas, editores de texto, programas em modo de apresentação como produção de slides, são recursos que inicialmente se produzia caso o criador do projeto tivesse instalado em sua máquina as ferramentas propícias para tal trabalho, hoje se pode produzir esses projetos de apresentação por meio da internet, sem utilizar a memória do computador.

### 1.4.1 Por que utilizar a internet como recurso de aprendizagem?

Sabendo que a geração atual de estudantes faz parte do que chamamos de nativos digitais, definição atribuída por Prensk (2001, p. 1), abordaremos sobre as diversas possibilidades de fazer com que o educando passe de mero reprodutor a criador, autenticando dessa forma o seu potencial.

Diante de tantas possibilidades ofertadas pela internet, o principal questionamento é se será possível que o estudante, diante de tanta informação postada na internet, tenha capacidade de gerir o seu conhecimento, conduta, enquanto pesquisador e criador dos seus próprios textos, sem que haja plágio?

De acordo com Marcuschi (2004, p.14)

Pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados.

Reiterando ainda, através do conceito expresso por Prensk (2001, p. 2), os jovens estão acostumados a receber informações de maneira muito rápida, gostam de processar mais de uma coisa por vez, e têm facilidade para isso, eles preferem gráficos antes de seus textos, ocorrendo o oposto do que era de costume de gerações anteriores, preferem acesso aleatório como hipertextos, trabalham melhor quando ligados a uma rede de contatos.

A criança tem muitos recursos atrativos na web e consegue realizá-las, quase sempre com competência, por isso são chamadas de multitarefas, pois tem habilidade para transitar entre os diversos elementos constituintes da fonte de pesquisa. Considerando que os textos disponíveis nas telas de computadores são, vias de regra, multimodais, pois a criança tem diante de si muitas informações ao mesmo tempo, podendo ter imagens, textos, sons, vídeos, o que pode ocasionar em muitos casos a perda do foco por parte da criança, inclusive os hipertextos, conforme define Nojosa (2012, p.74), “O hipertexto é um conjunto de nós de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, sequências sonoras, etc”, no entanto, nem sempre é uma garantia de que o discente realize uma boa pesquisa, pois se houver pouco esclarecimento

do que realmente se deseja pesquisar, poderá ocorrer um desvio do objeto de estudo, nesse momento é que entra a questão da mediação do professor.

No item a seguir verificaremos a importância do professor no processo de ensino-aprendizagem utilizando o recurso da web.

#### **1.4.2 Professor, sujeito agente e mediador, que se lança em busca de novos desafios, utilizando como recurso de aprendizagem a web**

Enquanto CSPTEC – Coordenadora de Suporte Pedagógico e Tecnológico, da Escola Municipal Prof. José de Souza, em Campo Grande – MS, verificamos que é comum os professores, em virtude da facilidade que o aluno tem em aprender utilizando as mídias digitais, sentirem-se inseguros ao propor o trabalho com a web, afirmação comprovada por meio de pesquisa realizada no ano de 2012 na escola supracitada, consultar anexo 2. Primeiro, porque tem medo que o aluno conheça mais que ele, depois por pensar que o aluno, que considera conhecer tão bem os recursos que a internet lhe propõe, consiga ludibriar o aprendiz e que o deixe de mãos atadas no momento de fazer o diagnóstico de aprendizagem do conteúdo, pois acredita que o discente conhecendo os caminhos de busca do plágio, acabe não sendo autor do seu próprio conhecimento.

De acordo com Prensk (2001, p.2), o professor é denominado Imigrante Digital e como todo imigrante, aprende de maneira mais lenta, precisa adaptar-se ao novo ambiente, restando sempre um sotaque, que chama de “Sotaque do Imigrante Digital” é o mesmo que ocorre quando se aprende uma nova língua mais tarde, já o nativo digital age com naturalidade, acomodado diante das mídias, aprende através de erros e acertos, não tem receio em lidar com a máquina, com o novo. Pelo fato do professor não possuir a mesma habilidade com as mídias digitais que os seus alunos, ainda considera mais adequado aos jovens o ensino instrucional, pausado, vagarosamente, o que é um equívoco, pois os jovens de hoje estiveram conectados durante boa parte de suas vidas, apreciam o fluxo rápido de informações.

Prenk (2001, p.1) ainda reflete sobre a questão dizendo que os alunos de hoje, do maternal à graduação, representam a primeira geração que passou muito mais tempo diante das mídias, atuando diante de uma profusão de imagens, sons, jogos, vídeos, sendo assim,



os telefones celulares, e-mail, jogos de computadores, internet, mensagens instantâneas, são partes integrantes de suas vidas.

O desempenho da internet permite aos seus usuários variadas modificações de utilização do ambiente virtual e um grande avanço foi a transição da web 1.0 para a 2.0, no item abaixo observaremos o cotejamento entre as duas.

### **1.4.3 Web 1.0 e Web 2.0**

É cada vez mais crescente a utilização da internet em contexto escolar, e as ferramentas disponíveis são variadas. Se considerarmos que a escola é uma extensão e grande parceira do ambiente familiar e social vivenciado pelas crianças e os jovens, devemos considerar também que é favorecer ao aluno ofertarmos a ele espaço de uso das tecnologias de informação e comunicação na escola, mais especificamente a utilização de computadores e a internet, e assim, apresentá-los as variadas ferramentas de poder educativo, de interação e pesquisa, como é denominada a web. Lima (2009, p.65) reitera que,

O mundo já viu sua cultura oral cambiar-se em uma cultura impressa, com a invenção da prensa de Gutemberg. Agora vê a cultura impressa transformar-se em digital, o que altera substancialmente a maneira como as pessoas se organizam perante a informação e seu manuseio.

Desde muito novos os jovens transitam pelo universo dos diversos meios de comunicação, começamos pela televisão, objeto que tem o poder de trazer as informações superpostas, de maneira atraente, rápida, embora em muitos casos de maneira superficial, o que também tem ocasionado uma ligeireza na busca e conseqüentemente no produto de informação, tornando-se complexos temas de mais longa duração. Vejamos o que afirma Moran (2000, p.21)

As crianças e os jovens, estão totalmente sintonizados com a multimídia e quando lidam com texto fazem-no mais facilmente com o texto conectado através de links, de palavras-chave, o hipertexto. Por isso o livro se torna uma opção inicial menos atraente; está competindo com outras mais próximas da sensibilidade deles, das suas formas mais imediatas de compreensão.

Antes, com a utilização da web 1.0 o aluno era um sujeito mais passivo, pois utilizava as ferramentas para pesquisa de maneira assíncrona. Com as inovações inerentes à web 2.0, este termo apresentado pela primeira vez por Tim O' Reilly, que de acordo com o seguinte mapa, expressa as principais ideias que norteiam a Web 2.0, ainda que considere que possui “um núcleo gravitacional” e não é definitivo.

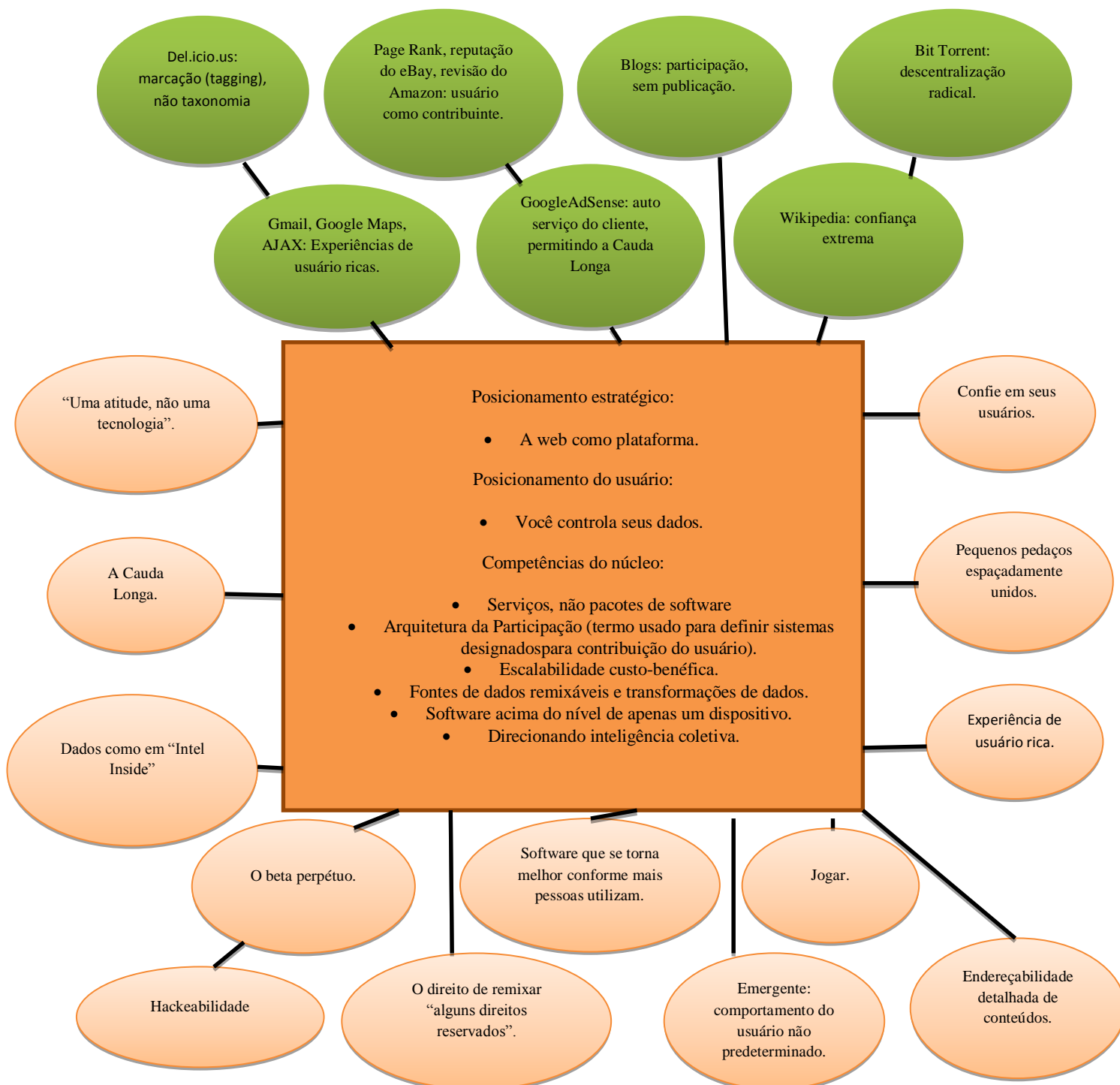
Em outubro de 2005, O'Reilly cria uma “definição compacta” do que seria a Web 2.0:

Web 2.0 é a rede como plataforma, abrangendo todos os dispositivos conectados. As aplicações Web 2.0 são aquelas que produzem a maioria das vantagens intrínsecas de tal plataforma: distribuem o software como um serviço de atualização contínuo que se torna melhor quanto mais pessoas o utilizam, consomem e transformam os dados de múltiplas fontes – inclusive de usuários individuais – enquanto fornecem seus próprios dados e serviços, de maneira a permitir modificações por outros usuários, criando efeitos de rede através de uma ‘arquitetura participativa’ e superando a metáfora de página da Web 1.0 para proporcionar ricas experiências aos usuários<sup>1</sup> (O'REILLY, 2005B)

Na figura seguinte, no retângulo central, encontram-se as principais ideias norteadoras que define a web como plataforma; controle de dados pelos próprios usuários; serviços independentes de pacotes de softwares; arquitetura participativa; custo-benefício em termos de escala; flexibilidade de dados, inclusive das fontes; software acima do nível de dispositivo único; incentivo à inteligência coletiva.

<sup>1</sup>Tradução de BRESSAN de: “Web 2.0 is the network as platform, spanning all connected devices; Web 2.0 applications are those that make the most of the intrinsic advantages of that platform; delivering software as a continually-updated service that gets better the more people use it, consuming and remixing data from multiple source, including individual users, while providing their own data and services in a form that allows remixing by others, creating network effects through an “architecture of participation,” and going beyond the page metaphor of Web 1.0 to deliver rich user experiences”

WEB 2.0 MAPA DE TENDÊNCIAS



(O' REILLY, 2005A)

De acordo com Branco (2009) para definir e valorizar a inteligência coletiva dos usuários que poderiam ler, contribuir e compartilhar informações postas na web que funcionava como uma plataforma, enquanto os softwares disponíveis na internet operavam como um serviço. Observa-se, contudo, que o fato das pessoas poderem ler, interagir na rede, contribuir, compartilhar, passa a se destacar por possuir um papel contribuinte e não meramente passivo, tornando-se mais participativo, criativo e autor. Vejamos a contribuição de Silva (2003, p.1) para o conceito de interatividade, elemento condicionante para possíveis contribuições e parcerias, dispostos na web 2.0.

A disposição interativa permite ao usuário ser ator e autor, fazendo da comunicação não apenas o trabalho da emissão, mas co-criação da própria mensagem e da comunicação. Permite a participação entendida como troca de ações, controle sobre acontecimentos e modificação de conteúdos. O usuário pode ouvir, ver, ler, gravar, voltar, ir adiante, selecionar, tratar e enviar qualquer tipo de mensagem para qualquer lugar. Em suma, a interatividade permite ultrapassar a condição de espectador passivo para a condição de sujeito operativo.

Diante dos diversos avanços ocorridos com a utilização da web, enquanto recurso pedagógico aliado à escrita, também houve mudança na forma de leitura, conforme é possível observarmos a seguir.

#### **1.4.4 Sala de tecnologias e formas de leitura**

A sala de tecnologias é um recurso que tem sempre a possibilidade de inovar a prática de ensino, de forma que os alunos precisam acompanhar os avanços propostos pelo meio social, a criança em ambiente escolar não pode estar alheia ao instrumento de pesquisa, interação, escrita e colaboração, e o computador instrumentaliza toda essa demanda de informação e, por conseguinte, produção de conhecimento, diante de uma variedade metodológica de busca à aprendizagem.

Na verdade é somente na tela, ou em outros dispositivos interativos, que o leitor encontra nova plasticidade do texto ou imagem, uma vez que, como já disse, o texto em papel (ou filme em película) forçosamente já está realizado por completo. A tela informática é uma nova “máquina de ler”, o lugar onde uma

reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular. Toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular. (LÉVY, 2011, p.41)

Com o avanço da utilização da internet podemos reconhecer em um único movimento várias expressões da linguagem. Um texto multimodal possibilita ao aluno o acesso a uma informação de diversas formas, seja por imagem, som, escrita, e o aluno manipula de forma organizada toda essa amplitude de informação.

Quando aliamos a sala de tecnologias à leitura de textos, aquela da vazão ao estudante para trabalhar outras formas a leitura, vejamos o que afirma Chartier:

(...) não há mais senão um só objeto que porta textos. Ainda que tenha formas diversas, todos os textos, seja lá qual for o seu gênero, seu repertório, seu uso, são reunidos por um mesmo objeto, que é o computador, que não é mais relacionado, como era o livro, o jornal ou a carta, a uma classe específica de textos. Todas as classes de textos, compreendidas aí as imagens móveis ou os sons, as falas, as músicas, são transmitidas por esse mesmo objeto. O efeito disso é apagamento das distinções, na ordem dos discursos, pela unicidade das distinções, na ordem dos discursos, pela unicidade do objeto que os veicula. (...) uma vez que estamos vivenciando a textualidade eletrônica, em suas práticas e seus usos até agora, insistimos em categorias que são essas da mobilidade, maleabilidade, abertura, uma vez que o leitor intervém, não mais às margens do texto como no livro impresso, mas no texto, deslocando-o, fragmentando-o, reescrevendo-o ao se sobrepor à sua primeira literalidade. (2012, p. 86)

Na sala de informática os alunos têm acesso a uma grande diversidade de textos, e a inserção desses textos não corresponde ora ao que estávamos acostumados, visto que, a ordem do discurso correspondia a ordem dos objetos, isso equivale a dizer que ainda para os leitores menos letrados isso era perceptível, pois havia uma correspondência, uma associação em que de um lado encontrávamos os objetos escritos e do outro o suporte que os carregavam já eram imaginados. Assim “quando perguntamos a alguém se ele leu o livro X, esta é uma referência implícita à materialidade ‘livro’, que é o veículo dessa obra.” (CHARTIER, 2012, p. 85). Ocorre que, com a utilização do computador essa distinção já não é mais possível, pois o computador acolhe todo tipo de gênero e obra.

No capítulo seguinte trataremos sobre os conceitos que compõem o enunciado e por consequência o discurso, constituindo-se assim a prática discursiva, vejamos.

## 2 ELEMENTOS CONTITUTIVOS DA PRÁTICA DISCURSIVA

Este trabalho rege-se pelos critérios que encadeiam todos os elementos que abarcam o conceito de autoria. Não poderíamos pensar no autor sem considerar o postulado sobre enunciado, considerando para tanto o espaço de correlações, campo discursivo, o sujeito, que pode coincidir ou não com o autor, e até mesmo o conceito de materialidade discursiva, conceitos que tomaremos de forma a não nos prolongarmos muito, somente mesmo a título de acomodação dos elementos que perfazem um mesmo campo semântico da autoria.

Perfilharemos os conceitos atribuídos por Foucault, bem como os concebidos por Bakhtin, este, especialmente por considerar a comunicação de maneira dialógica, considerando outros discursos na constituição discursiva. Bakhtin afirma que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.” (2003, p.261), afirma ainda que ao selecionarmos palavras para compor o processo de construção de um enunciado não a tomamos do sistema da língua de forma neutra, retiramos de enunciados correlatos ao nosso com indicativos de mesmo tema, composição e estilo, são selecionadas por nós segundo a sua especificação de gênero. Dessa forma a subjetividade é construída a partir do conjunto de relações sociais de que o sujeito é participante. O sujeito não seria nem “assujeitado”, submisso às estruturas sociais, nem teria uma subjetividade autônoma, pois o sujeito se constitui em relação aos outros, baseado no “dialogismo”. Considerando o gênero do discurso e o conceito atribuído à relação dialógica entre os textos, vejamos:

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (...) (BAKHTIN, 2011, p.297)

O sujeito está sempre em relação com o(s) outro(s), constituindo-se discursivamente e apreendendo as vozes sociais, que por sua vez podem ser inúmeras, vivencia relações diversas entre si, pois vivemos em uma realidade heterogênea e assim o sujeito constitui-se sócio historicamente.

Pelo fato do discurso se tratar de um conjunto de enunciados, que por sua vez é o contato imediato com a realidade, relacionando-se com enunciados alheios, dispõe de plenitude semântica, além de posição responsiva do outro falante, assim, Bakhtin diferencia oração de enunciado, pois na oração não se observa a ação desses elementos que constituem o enunciado.

Foucault (2014b) afirma que o enunciado não se restringe a uma frase gramatical, a uma proposição lógica, ou ato de linguagem, mas que somente poderá ser entendido como enunciado se possuir função enunciativa que são: espaço de correlações, sujeito, campo associado e por último, que haja a materialização discursiva. Portanto o enunciado:

(...) é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (Foucault, 2014b, p.105)

O enunciado se diferencia da oração, assim, não levamos em consideração somente a análise linguística, visto que prevalece no enunciado o sentido estabelecido, que se constitui por meio dos elementos que o caracteriza, ou seja, a função enunciativa, as quais descreveremos na sequência:

## **2.1 Espaço de correlações**

O espaço de correlações é o local de domínio discursivo do enunciado, para que a palavra faça sentido é necessário empreender a ela uma relação entre a palavra e o espaço de sua circulação.

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação, por oposição seu nível enunciativo da formulação, por oposição a seu nível gramatical e a seu nível lógico: através da relação com esses diversos domínios de possibilidade, o enunciado faz de um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, uma proposição que pode receber ou não um valor verdadeiro. (FOUCAULT, 2014b, p.110-11)

Um escrutínio pode ser realizado por meio de um exemplo utilizado pelo próprio Foucault ao utilizar a frase de Chomsky. “Incolores idéias verdes dormem furiosamente.” (2014a, p.109). A frase citada não possui coerência, se considerar o plano da realidade, torna-se claro que ideias não possuem cor e também não são incolores, também há uma contradição entre dormir e furiosamente, se considerarmos que ao dormir o ser passa de um patamar agitado para um repouso, ainda que este não seja totalmente tranquilo, não podemos considerar que seja furiosamente.

Devemos ressaltar que a frase “Incolores idéias verdes dormem furiosamente” ainda que sua forma estrutural esteja correta, as ideias não possuem sentido, precisamos nos ater ao contexto enunciativo, e se considerarmos que a frase não se refere à narração de um sonho, tampouco a um texto poético, local em que é permitido que o autor se aproprie de algumas construções frasais que pode dispor de sentidos variados, inclusive fazer uso deliberadamente das figuras de linguagem; também considerarmos que não se trata de um drogado, de uma mensagem codificada, mas que se refere a uma frase que está definida dentro de uma realidade.

Fortunato (2003, p.20), credita sentido à sentença somente se esta estivesse admitindo correlato o domínio de uma narração de um sonho ou de um texto poético.

Dessa forma, devemos considerar que é dentro de uma relação enunciativa determinada e bem estabilizada que a frase permite um sentido.

## 2.2 Sujeito

Outro elemento que constitui o enunciado é o sujeito, que Foucault diferencia da figura autor, este por sua vez quem escreve ou profere oralmente um discurso em sua plena constituição enquanto responsável original pelo dito. O Sujeito é o elemento que assume uma posição, articula o que é dito sob determinada condição de produção.

Não é preciso, pois, conceber, o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação, nem substancialmente, nem funcionalmente. Ele não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase; não é, tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como o corpo visível de sua intuição; não é o núcleo constante, imóvel e idêntico a si mesmo de uma série de operações que os enunciados, cada um por sua vez, viram manifestar na



superfície do discurso. É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia – ou melhor, é variável o bastante para poder continuar, idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma. Esse lugar é uma dimensão que caracteriza toda formulação enquanto enunciado, constituindo um dos traços que pertencem exclusivamente à função enunciativa e permitem escreve-la se uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerado ‘enunciado’, não é porque houve, um dia, alguém para proferi-los ou para depositar, em algum lugar, seu traço provisório; mas sim na medida em que pode ser assinalada a posição do sujeito. Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito. (FOUCAUT, 2014b, p.115-116)

Assume-se a condição de sujeito de acordo com a posição que se propõe a executar. Para elucidar melhor e diferenciar autor de sujeito utilizamos um exemplo ocorrido recentemente em Mato Grosso do Sul. O estelionatário Valfrido Gonzales Filho<sup>2</sup>, presidiário, especialista em aplicar golpes em famílias que possuíam membros da família hospitalizados. Aproveitava-se da situação de fragilidade da família do doente para se passar por médico e aplicar seus golpes que lhe rendiam em torno de duzentos mil reais por mês, utilizamos os valores divulgados pela mídia para alcançar nosso propósito principal, que é demonstrar quão natural era seu discurso de falso médico e o que isso lhe rendia.

Os golpes eram realizados pelo telefone, pois ele já se encontrava preso. Descobria o telefone do quarto da vítima, conhecia qual era a doença do paciente, não se sabe como, então de posse de tais informações ele entrava em contato com a família, no hospital, e solicitava o depósito de valores que ele dizia corresponder a compra de medicamentos que o plano de saúde ainda não havia liberado e que o paciente seria ressarcido, o depósito seria para a retirada da medicação e dessa forma o paciente poderia ter alta.

---

2 - Reportagem apresentada em 01 de março de 2015 no Fantástico, programa exibido aos domingos, também veiculado em jornal eletrônico em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/fantastico/v/homem-se-passa-por-medico-para-tirar-dinheiro-de-pessoas-internadas-em-hospitais/4002429/>.

Os familiares por sua vez realizam o depósito por acreditar no discurso do pseudo-médico, visto que o mesmo utiliza jargões que eram utilizados no campo da medicina, como cita uma das vítimas, referia-se à doença câncer como “CA”, até como uma forma de eufemismo, linguagem utilizada no campo discursivo da medicina.

Valfrido com seu discurso convincente assumia-se como sujeito, no entanto, não era autor do seu discurso, pois o autor é quem se responsabiliza pelo discurso e assina pelo dito diante de práticas sociais.

Outra descrição que caracteriza a função enunciativa, segundo Foucault é o Campo Associado e assim descreve.

### **2.3 Campo Associado**

O campo associado é constituído por outras formulações nas quais o enunciado se inscreve, somente podemos reconhecer um enunciado porque se acha inscrito em um campo associado. Dessa forma uma frase ou proposição que tenham uma forma definida e sejam reconhecidas como tal, só estabelecerá sentido, ou seja, possuirá função enunciativa, caso haja um campo de conhecimento que se associe a ela.

Assim descreve Foucault nesta passagem:“(…) de modo geral, uma sequência de elementos linguísticos só é enunciado se estiver imersa em um campo enunciativo em que apareça como elemento singular.” (2014a, p.120).

Segundo Fortunato (2002, p.26), o conceito sobre campo associado se aproxima do conceito de Bakhtin sobre dialogia, que se refere ao domínio da intertextualidade, em que afirma que a formação de um enunciado se constitui por meio da contribuição de várias pessoas, “Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros.” (BAKHTIN, 2011, p.294). A partir desse conceito de Bakhtin sobre dialogismo podemos estabelecer analogia com o que Foucault afirma sobre campo associado, pois para ratificar a necessidade de outros enunciados na formação discursiva Foucault diz que: “Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão (...)” (2014a, p.121). Ressaltemos

que o campo associado requer um conteúdo representativo específico formando uma conversação - limitada por um lado por suas premissas e do outro, por uma conclusão.

Devemos assim considerar o conjunto de formulações a que o enunciado se refere, seja de forma implícita ou explícita, podendo haver a repetição, a modificação ou adaptação, o que nos leva a crer que há uma reatualização de outros enunciados.

Não basta dizer uma frase, nem mesmo basta dizê-la em uma relação determinada com um campo de objetos ou em uma relação determinada com um sujeito, para que haja enunciado -, para que se trate de um enunciado é preciso relacioná-la com todo um campo adjacente. (FOUCAULT, 2014b, p.118)

Um enunciado, como afirma Foucault “tem sempre margens povoadas de outros enunciados”. Afirmar ainda que “O campo associado que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico, forma uma trama complexa.” (2014b, p.119)

O enunciado se delinea em um campo enunciativo onde tenha lugar, de forma que apresente relações possíveis com o passado ou sugira um futuro potencial. Assim:

“Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja.” (FOUCAULT, 2014b, p.120)

O dito emerge de uma comunhão de indivíduos organizados sob um mesmo campo de associação, o que reforça que o enunciado está longe de ser o princípio de individualização dos conjuntos significantes, dessa forma, o campo associado situa as unidades significativa que se multiplicam e se acumulam.

## **2.4 Materialidade**

Último elemento que caracteriza o enunciado é a materialidade, a apropriação de uma materialidade discursiva exprime substancial relevância no sentido expresso pelo enunciado, ao mudar a materialidade, seja oral, impressa, digitada, cambia-se também o sentido adquirido.

(...) a materialidade [...] não é simplesmente princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou determinação de subconjuntos linguísticos. Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade. (FOUCAULT, 2014b, p. 123)

A variação de sentido ocorre no enunciado toda vez que se dá sua manifestação, ainda que tenhamos os mesmos léxicos, justapostos da mesma maneira, mesmo aspecto semântico, mesma disposição sintática, há a mudança de sentido, seja por fatores de espaço, tempo ou qualquer mudança de cenário, constituímos um novo enunciado. Dessa maneira ocorre com a nova acomodação na materialidade. Ao mudar o suporte de circulação também se emprega a dinâmica no sentido do enunciado. Vejamos o que afirma Foucault.

Composta das mesmas palavras, carregada exatamente do mesmo sentido, mantida a sua identidade sintática e semântica, uma frase não constitui o mesmo enunciado se for articulado por alguém durante uma conversa, ou impressa em um romance; se foi escrita um dia, há séculos, e se reaparece agora em uma formulação oral. As coordenadas e o “status” material do enunciado fazem parte de seus caracteres intrínsecos. Eis uma evidência, ou quase, pois, desde que a isso se preste um pouco de atenção, as coisas se embaralham e os problemas se multiplicam. (2014b, p.122)

Para reiterar o que Foucault afirma acima, Orlandi (2012), contribui dizendo que qualquer modificação na materialidade do texto também resulta compromisso com diferentes posições do sujeito, bem como passeio por outros recortes da memória. Que segundo Pêcheux (2007, p.50) define memória “(...) não no sentido psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador.”

Percebemos, assim, que um discurso proferido por meio de diferentes materialidades não resultará nos mesmos gestos de interpretação.

Para resumir o exposto sobre os elementos que constituem o enunciado teremos uma explanação, breve e bem simplificada por Fisher (2013), dessa forma, a partir do enunciado “Homens pobres, negros e jovens, em geral, são os primeiros suspeitos em caso de assalto” explicita a condição de enunciado existente nesta afirmação. Vejamos,

- (1) A referência a algo que identificamos (o referente, no caso, a figura de jovem negro e pobre confundido com assaltante);
- (2) O fato de ter um sujeito, alguém que pode efetivamente afirmar aquilo (muitas pessoas, de diferentes condições sociais, ocupam o lugar de sujeito desse enunciado e, explicitamente ou não, se reconhecem nesse ‘dito’; cenas

- de telenovelas, depoimentos em telejornais de pessoas que sofreram assalto, piadas contadas em mesa de bar – não se cansam de multiplicar tal enunciado, mostrando indivíduos que se reconhecem nesse ‘dito’;
- (3) A materialidade do enunciado, as formas muito concretas, com que ele aparece, nas enunciações que aparecem em textos jornalísticos, em situações cotidianas em escolas e universidades, nas mais diferentes situações, em diferentes épocas;
  - (4) O fato de o enunciado não existir isoladamente, mas sempre em associação e em correlação com outros enunciados, do mesmo discurso (no caso, o discurso racista) ou de outros discurso (por exemplo, o discurso da economia, dos direitos humanos, do ‘politicamente correto’, ou mesmo o discurso de diferentes movimentos sociais, como o movimento negro, e assim por diante). (p. 142)

Apresentaremos, na sequência, o que é a formação discursiva e de que forma se constitui o discurso.

## 2.5 Formação discursiva e discurso

A formação discursiva é o que determina o que pode e deve ser dito de acordo com a formação ideológica, ou seja, considerando a posição sócio-histórica.

(...) constitui, em sentido estrito, grupos de enunciados, isto é, conjuntos de performances verbais que não estão ligadas entre si, no nível das frases, por laços gramaticais (sintáticos ou semânticos); que não estão ligados entre si, no nível das proposições, por laços lógicos (de coerência formal ou encadeamentos conceituais); que tampouco estão ligados, no nível das formulações, por laços psicológicos (seja a identidade das formas de consciência, a constância das mentalidades, ou a repetição de um projeto); mas que estão ligadas no nível dos enunciados. (FOUCAULT, 2014b, p.141)

A constituição do sentido se dá por meio da formação discursiva, dessa maneira o sentido passa a adquirir a sua unidade e ocorre a identificação do sujeito.

Segundo Orlandi (2012), as várias posições do sujeito podem representar diferentes formações discursivas no mesmo texto. Ressalta ainda que as formações discursivas podem ser de muitas e diferentes naturezas, assumindo assim o sujeito o papel de confrontar, de sustentação mútua, de exclusão, de neutralidade aparente, de gradação, dessa forma o sujeito pode assumir diversificadas posições.

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apóie, na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou forma, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (Foucault, 2014b, p.143)

Deitemos, assim, um olhar sobre o carácter dialógico da linguagem, uma formação discursiva não é homogênea, pois dialoga com outras formações discursivas que tem dentro de si, podendo se unir ou até mesmo contestar as outras formações discursivas.

O discurso é qualquer atividade comunicativa, formada por enunciados, manifestada por meio de textos orais e escritos e que produza efeitos de sentido entre interlocutores, sujeitos estes situados sóciohistoricamente.

É importante para o discurso o apoio sobre a gramática da língua, mas esta não significa tudo, pois requer a valorização do interlocutor, sujeito que possui crenças e valores, devendo considerar o lugar e tempo da produção discursiva.

### 3 CONCEPÇÕES TEÓRICAS DA AUTORIA

Este trabalho tem em Foucault sua principal referência, no entanto, consideramos importante conhecermos outras concepções teóricas a título de confrontação ou até mesmo de corroboração ao autor em destaque. Assim iniciaremos esse percurso conhecendo um pouco sobre o histórico da autoria.

#### 3.1 Histórico da Autoria

A tradição oral era a forma de manifestação linguística que durante muito tempo permaneceu em evidência, no chamado sistema feudal, que até então vigorava, pois os poderes recaíam sobre os senhores feudais e a circulação da língua era vista como uma possibilidade de cisão entre os Vassalos e os chamados Suseranos; e também o clero que era o poder universal religioso vigente, visto que a igreja Católica também possuía grande parte das terras na época.

Somente a partir do final do século 19 e início do século 20, é que há a valorização da figura do autor, somente para que se entenda que, com essa valorização, ocorre também a consolidação do que viria a ser o sistema capitalista e paralelamente o avanço do ideário burguês, suscitando a diminuição da influência da igreja Católica.

Na cultura oral era impensável a proibição da cópia, pois não havia texto escrito que servisse de memória das histórias contadas e conseqüentemente a sobrevivência da tribo dependia da divulgação e sua cultura, mas deveria haver o máximo de conservadorismo possível na transmissão oral para que não se dissipasse a sua cultura.

Com a criação da imprensa por Johannes Gutemberg, no século 15, ocorre a valorização da forma escrita, criando oportunidade para o individualismo e para autoexpressão na sociedade, juntamente com o desenvolvimento da burguesia, no entanto, a questão da autoria ainda não era colocada em evidência, visto que os livros produzidos eram antigos, dentre eles temos, como cita Araújo (2008, p.30) “clássicos gregos, cânones do Renascimento e Bíblia.” Esse material, por sua vez, era considerado como uma autoria divina, que garantia a manutenção da estrutura social, política e econômica vigente, ou seja, servia como aporte para garantir, cercear o poder vigente.

(...) até o século 15, o domínio do feudalismo medieval na Europa estava centrado em uma ideologia do universal: leis universais – ditadas pelos feudos e Igreja, principalmente, uma língua universal – o latim; uma religião universal – a Católica Romana, a qual também detinha um poder universal e grande parte das terras. O Comércio e ascensão da classe média (do século 10 ao século 15) fazem surgir uma burguesia e esta apoiará os reis na retomada do poder que, durante o feudalismo, estava nas mãos do barões feudais. (ARAÚJO, 2008, p.30)

Dessa forma, o ideário burguês propõe igualdade diante da língua, deixando de contemplar apenas a classe dominante e a modalidade oral, que propunha as ideologias feudais; e a obra que antes era considerado inspiração divina, passa a ter o autor como proprietário.

Somente após quase trezentos anos após a invenção da imprensa é que a Rainha Ana, da Inglaterra, promulgou, em 1710, o conhecido *Copyright Act*, sendo este o primeiro ato regulador do direito autoral.

No entanto, o feito da Rainha favoreceu mais aos editores que propriamente aos autores. Somente depois ao longo do século 18, diante de um novo cenário em que houve um avanço no número de pessoas que aprendeu a ler e escrever é que o escritor profissional se tornou uma profissão mais respeitada.

Desse maneira, começa a efetivamente ocorrer a valorização da figura do autor como proprietário de sua obra. Como relata Carboni.

Com a contínua extensão do direito autoral do século XIX, a literatura se torna um bem apropriável, transferível e parte do patrimônio do autor. Essas extensões, juntamente com a nova materialidade do texto, vieram a completar a mudança de concepção do direito autoral voltado do editor por uma outra, voltada para o autor. (2010, p. 51)

Com o advento da importância que a figura do autor ganha, denota-se a sua crescente responsabilidade, pois agora, o que quer que fosse dito seria de sua inteira responsabilidade e, não mais de força divina.

Assim contribui Foucault (2012, p.47)

Os textos, os livros, os discurso começaram efetivamente a ter autores (outros que não personagens míticas ou figuras sacralizadas e sacralizantes) na medida em que o autor se tornou passível de ser punido, isto é, na medida em que os discursos se tornaram transgressores. (Foucault,2012, p.47)



A partir do momento em que se instala um regime de propriedade para os textos, em que são promulgadas regras sobre o direitos de autor, bem como as relações entre autores e editores, que versam sobre o direito de reprodução e havendo a possibilidade de transgressão do autor no ato de escrever, passa a recair sobre ele total responsabilidade, passando assim a responder por qualquer forma de transgressão em sua obra.

### 3.2 Autoria

Já fora dito anteriormente que a partir do século 18 surge a ideia de propriedade intelectual, reconhecida e fundamentada pelo direito do autor. Antes sua gênese era calcada por obra divina, mas a escrita moderna se fundamenta estabelecendo ideia de originalidade.

Recorremos ao dito originalidade e ocorre uma indagação, até que ponto pode-se aliar autoria e originalidade, visto que,

Teoricamente, em termos bastantes gerais, podemos dizer que a produção da linguagem se faz na articulação de dois grandes processos: O parafrástico e o polissêmico. Isto é, de um lado, há um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado – a paráfrase – e, de outro, há no texto uma tensão que aponta para o rompimento. (Orlandi, 2011, p.27)

Um discurso se origina de outro, o sujeito pode até acreditar que seja a fonte exclusiva de seu discurso, mas na realidade, retoma um sentido preexistente.

Foucault (2014a) discorre que o autor, aqui entendido como “princípio de agrupamento do discurso, como unidade de origem de suas significações, como foco de sua coerência.” (p.25) Afirma que alguns discursos que circulam ao nosso redor, não recebem um sentido ou eficácia que seja proveniente de autor, bem como: “conversas cotidianas, logo apagadas; decretos ou contratos que precisam de signatários mas não de autor, receitas técnicas, transcritas no anonimato.” (p.25) Estes são textos que são de acordo com Foucault desprovidos da função autor. Função esta que será tratada mais adiante.

Conceito que fora tratado por Foucault:

(...) quando falo Marx e Freud como ‘instauradores da discursividade’, quero dizer que eles não só tornaram possível um certo número de analogias como também tornaram possível (e de que maneira) um certo número de diferenças. Eles abriam espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence

ao que eles fundaram. Dizer que Freud fundou a psicanálise não quer dizer (não quer simplesmente dizer) que encontramos o conceito da libido ou a técnica de análise dos sonhos em Abraham ou Mélanie Klein, quer dizer que Freud tornou possível um certo número de diferenças relativamente aos seus textos, aos seus conceitos, às suas hipóteses que revelam do próprio discurso psicanalítico. (2012, p. 60)

Deve-se considerar também que os sentidos das palavras não são estanques, pois mudam ao passar de uma formação discursiva para a outra. Orlandi (2011, p.27), diz“(…) não são somente as intenções que determinam o dizer. Há uma articulação entre intenção e convenções sociais.”

O que a primeiro momento credita-se originalidade, pode ser percebido mais adiante como resignificação de formações discursivas diferentes. “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.” (Foucault, 2014b, p.25)

A dominação da individualidade dispensada pelo autor, situa-o como sujeito que faz escolhas, seleção, possui uma visão de mundo que o diferencia dos demais, tudo isso lhe confere um estilo diferenciado, isso atribui um sentido distinto de outros autores que escreveram em outros momentos recorrendo a conceitos aproximados, mas a organização são dispostas de forma diferenciada e isso consiste na individualidade de cada autor.

(…) O autor de uma obra- aí revela a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra. Essa marca da individualidade, jacente na obra, é o que cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva de um dado campo cultural: das obras dos predecessores nas quais o autor se baseia, de outras obras da mesma corrente, das obras das correntes hostis combatidas pelo autor, etc. (BAKTHIN, 279, 2003)

Foucault remete alguns princípios de reconhecimento de um autor, pois não se atribui apenas ao nome o mérito da escrita, ou seja, não é suficiente como marca autoral, visto que não se pode afirmar que exista apenas: um nome Mário de Andrade, um Oswald de Andrade ou um Machado de Assis, considera-se, portanto, outras possibilidades de autenticação autoral. Como já fora citado ao tratarmos sobre a função autor expressa por Foucault, (2012)

O autor é uma espécie de foco de expressão, que, sob formas mais ou menos acabadas, se manifesta da mesma maneira, e com o mesmo valor, nas obras, nos rascunhos, nas cartas, nos fragmentos, etc. Os quatro critérios de autenticidade

em São Jerónimo (critérios que parecem insuficientes aos exegetas de hoje), definem as quatro modalidades segundo as quais a crítica moderna põe em acção a função autor. (pp.53-4)

Logo abaixo conheceremos algumas teorias contemporâneas e de extrema relevância sobre autoria. Vejamos:

### 3.2.1 Teorias Contemporâneas sobre autoria

As doutrinas de despersonalização do autor sobressaíram-se com reação à ideia do “gênio-criador”.

No século 19, Stéphane Mallarmé ao se recusar a localizar a origem poética na imaginação ou no inconsciente do autor, acaba por conceituar a função poética por meio da separação entre autor e obra, ao invés da união, consiste na supressão do autor para dar proveito da escritura. Considerando, assim, que os atributos de beleza da obra estaria na própria linguagem em si, vejamos o que afirma Barthes, 2012.

“Na França, Mallarmé, sem dúvida o primeiro, viu e previu em toda a sua amplitude a necessidade de colocar a própria linguagem no lugar daquele que era até então considerado seu proprietário; para ele, como para nós, é a linguagem que fala, não o autor (...)” (p.59)

Mallarmé, então, deu origem a importantes teorias do século 20, em que se passa a defender o “desaparecimento do autor” ou a “morte” do autor, atribuindo à própria linguagem um poder criador, sem intervenção subjetiva.

Em 1967, Barthes publica o ensaio “A Morte do Autor” pela primeira vez, em que considera também a despersonalização do autor.

Em seu ensaio Barthes critica o método de leitura que depende de aspectos que enfatizam a identidade do autor. Diz:

O autor ainda reina nos manuais de história literária, nas biografias de escritores, nas entrevistas dos periódicos e na própria consciência dos literatos, ciosos por juntar, graças ao seu diário íntimo, a pessoa e a obra: a imagem da literatura que

se pode encontrar na cultura corrente está tiranicamente centralizada no autor, sua pessoa, sua história, seus gostos, suas paixões; (...)”(BARTHES, 2012, p.58)

Completa ainda que a obra de Baudelaire retrata o fracasso do homem Baudelaire, a de Van Gogh é a loucura, a de Tchaikovski é o seu vício, dessa forma, a explicação e consequentemente o seu sentido é um retrato de quem a produziu, ou seja, as pistas revelasse a ‘confidência’ do autor.

Barthes, então, critica esse método de leitura que depende da identidade do autor, devendo o leitor separar a obra literária do seu criador, dessa forma libertaria o leitor do que chamou de tirania interpretativa, que focaliza o autor como centro. Assim, a unidade de um texto passaria a focar o destino, ou seja, a audiência da obra e não mais a sua origem ou autor.

A criatividade do autor deixa de ser o foco e atribui espaço a ideia do escritor, que nasce juntamente com o texto, diferente do autor, que é concebido como passado, distribuído como antes e depois, o autor nutre o livro. Barthes (2012, p.61) afirma que o autor “existe antes dele, pensa, sofre, vive por ele; está na obra na mesma relação de antecedência que um pai para com o filho.”

O contrário ocorre com escritor moderno que por sua vez nasce juntamente com a obra, vejamos a definição de Barthes para escritor.

(...) o escritor moderno nasce ao mesmo tempo que seu texto; não é, de forma alguma dotado de um ser que precedesse ou excedesse a sua escritura, não é em nada o sujeito de que o seu livro fosse o predicado; outro tempo não há senão o da enunciação, e todo texto é escrito eternamente *aqui e agora*. (Barthes, 2012, p. 61)

O texto deixa de produzir um único sentido, mas um tecido de citações oriundas de muitas culturas e que entram umas com as outras em diálogo. Há um lugar em que a multiplicidade de cultura é reunida, e esse lugar não é o autor, mas o leitor, sendo o leitor o espaço onde se inscrevem e este, diferentemente do autor é alguém sem história, sem biografia, sem psicologia, apenas alguém que mantêm reunido no mesmo campo todos os traços que o escrito constitui.

O escritor pode apenas imitar gestos sempre anterior, sem que nada seja original, o escritor apodera-se das mesclas de escrituras, e em fazê-las contrariarem-se umas pelas outras.

Foucault, nos anos de 1960 compartilhou de algumas ideias do grupo estruturalista, quando afirma que existem conhecimentos e discursos que não são provenientes de autoria, são advindos de um campo do conhecimento que dispensa a presença do sujeito, assim o posicionamento do “eu penso” dá espaço à “algo pensa em mim”, ocorrendo por vez a recusa ao humanismo. Inclusive Foucault chega a declarar a “morte do sujeito” baseado em uma revolução linguística amparada na ação do impensado sobre a consciência,

Contudo em conferência realizada para *Société Française de Philosophie*, em 1969, intitulada “O que é um Autor? Foucault recusa-se a celebrar o desaparecimento do sujeito.

Dessa forma, afirma que um contrato pode bem ter um fiador, mas não um autor. Um texto anônimo que se lê numa parede da rua terá um redator, mas não um autor”

Definindo, assim, a “função-autor”, o que caracterizaria o modo de existência, bem como de circulação e funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade, atribuindo dessa forma a função-autor para determinados discursos e não para todos.

Dessa forma descreve Foucault (2012b):

- a) A função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos.

O discurso que em sua origem era considerado apenas um ato passou a se tornar um bem.

No final do século XVIII e no início do século XIX, em que foi instaurado regime de propriedade para os textos, foram promulgadas regras estritas sobre os direitos do autor, também sobre as relações estabelecidas entre autores-editores, sobre os direitos de reprodução, etc.

Ocorre que com o direito do autor estabelecido em regime de propriedade foi garantido os benefícios sobre sua obra, no entanto, o autor responde também por suas possíveis transgressões.

- b) A função-autor não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos.

Houve um tempo em que o anonimato de um texto literário não levantava dificuldades, portanto, narrativas, contos, epopeias, tragédias, comédias, eram textos postos em circulação e valorizados sem questionar a sua autoria, o contrário ocorria com os textos científicos, como é denominado hoje, assim, o que versasse sobre

cosmologia e o céu, as medicinas e as doenças, as ciências naturais ou geografia, somente eram portadores de verdade na idade média, caso fossem assinaladas com o nome de um autor, dessa forma, só havia validade caso viesse a descrição, (Hipócrates disse, Plínio conta) eram recebidos como provados somente se houvesse assinatura de um autor responsável.

Ocorreu que no século 17 ou no 18 observou-se uma mudança brusca nessa concepção, ocorrendo o inverso na propalada busca autoral dos gêneros ditos literários e os científicos, pois, nessa inversão os discursos científicos eram recebidos por si mesmos, devendo lhe conferir garantias por pertencer a um conjunto sistemático e não por fazer referência ao indivíduo que os produziu. O inventor apaga-se como autor e sua importância serve pouco mais que para batizar um teorema, uma proposição, um efeito notável, uma propriedade, um corpo, um conjunto de elementos, uma síndrome patológica.

Já os discursos “literários” devem ser dotados da função autor, portanto bastante comum perguntar-se a qualquer texto de poesia ou de ficção de onde veio, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto.

O estatuto dado à obra era proveniente das respostas advindas de tais perguntas, somente após respondê-las é que se conferia valor. Era comum ir em busca de tais informações caso o texto chegasse no anonimato.

- c) A função-autor não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas.

Atribui-se ao autor uma instância profunda, um poder criador, um projeto, o lugar originário da escrita.

Considerando a época e os tipos de discurso, pois através desses elementos ocorre uma invariável nas regras de construção, percebemos como característica do autor, as ações sobre o tratamento a que o texto é submetido, as aproximações operadas, os traços estabelecidos como pertinentes, as continuidades admitidas ou as exclusões efetuadas.

Para “reencontrar” o autor na obra, são utilizados pela crítica moderna elementos próximos à exegese cristã, quando esta queria provar o valor de uma obra através da inspiração divina atribuída ao autor.

Na obra *De Viris Illustribus*, São Jerônimo explica que o nome não é suficiente como marca individual, quando se faz referência à tradição textual, pois outros indivíduos podem possuir o mesmo nome do autor. Dessa forma também indaga-se como atribuir vários discursos a um só e mesmo autor?

Para esse questionamento São Jerônimo apresenta quatro critérios: primeiro- se dentre vários textos houver uma que seja inferior aos outros, deve-se desconsiderá-lo como daquele autor, ou seja, o nível intelectual não deve oscilar. Segundo- Considerando que o autor é definido com um certo campo de coerência conceitual ou teórica, deve-se desconsiderar o texto que estiver em contradição com outras obras do autor. Terceiro - palavras e maneiras demonstram características próprias de um autor, portanto, a obra que possuir um estilo diferente do apresentado habitualmente pelo autor, deve ser excluída como de sua autoria; finalmente como quarto critério temos – devem ser considerados como interpolados os textos que se referem a acontecimentos ou citam personagens posteriores à morte do autor, definindo, assim, momento histórico como o encontro de um certo número de acontecimentos.

A crítica moderna assim tem definido o autor, pois está em sua figura a possibilidade de transformações, deformações, modificações, ao analisarmos, a sua biografia, a delimitação da sua perspectiva individual, origem social ou posição de classe, da revelação do seu projeto fundamental, verificamos que o autor é o princípio de uma certa unidade de escrita e todas as diferenças são reduzidas pelos princípios da evolução, também da maturação e influência.

O autor possibilita ao crítico analisar que ainda que haja contradição diante de várias obras dele, do autor, o provável é que haja dentro da sua consciência ou do seu inconsciente uma resolução dessas contradições e que os elementos incompatíveis finalmente se encaixem uns aos outros, organizando a fim de estabelecer uma contradição fundamental ou originária.

O autor é uma espécie de foco de expressão que, sob formas mais ou menos acabadas se manifestam da mesma maneira, seja, nas obras, rascunhos, nas cartas, nos fragmentos, etc.

- d) A função-autor não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários eus, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem via a ocupar.

O texto traz uma série de signos que remetem ao autor, como: pronomes pessoais, os advérbios de tempo e de lugar, a conjugação verbal, são referências linguísticas que remetem ao autor. Nota-se, portanto que estes elementos gramaticais não atuam da mesma maneira em textos que dispõem da função autor, daquele que dela é desprovido. Nestes últimos os ‘embraiadores’ remetem ao locutor real e também para as coordenadas espaço-temporais do seu discurso.

No texto provido de um autor, o signo que o reenvia é mais complexo e variável. Em um romance, que se apresenta como uma narrativa, os signos de localização nunca reenviam exatamente para o escritor, nem para o momento em que ele escreve e nem para gesto da sua escrita, mas para um ‘alter-ego’, de forma que sua distância do escritor pode ser maior ou menor e possuir variações ao longo da obra.

Todos os discursos que são providos da função autor, comporta uma pluralidade de eus.

Por exemplo, um eu que fala no prefácio de um trabalho de matemática, indicando a circunstância da composição do trabalho, não é o mesmo tanto na sua posição quanto no seu funcionamento do eu que fala em uma demonstração e que aparece sob a forma de um “Eu concluo” ou “Eu suponho”. No primeiro caso o eu reenvia para um eu sem equivalente que, num lugar e tempo determinado, fez um certo trabalho, já no segundo caso o eu realiza uma demonstração que qualquer indivíduo pode ocupar, um terceiro eu também é permitido delimitar, sendo aquele que fala do significado do trabalho, dos obstáculos ora encontrados, dos resultados que foram obtidos ou dos problemas que ainda se enfrentam, este situado no campo dos discursos matemáticos já existentes.

A afirmação de Foucault de que autoria pode lançar-se através de vários eus, estabelece margem para nosso foco de discussão, a autoria colaborativa, de onde falam vários eus, de diversos lugares, assumindo várias posições.



### 3.3 Interferências na autoria

Para que se instale no discurso a autoria, vimos que Foucault (2012) estabelece alguns critérios, quatro, mais especificamente, ora estudado por nós, o que Foucault chama de função-autor, que faz com que o autor se inscreva na sociedade.

Pêcheux (1997, p.51) contribui com a afirmação de que a autoria se instala quanto há

(...) uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normativas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações de sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar infinito das interpretações.

Dessa forma, observamos a autonomia que o autor possui para escolha, seleção de significantes, de acordo com a sua intencionalidade ou que se quer transmitir.

O que se deseja é a contenção da dispersão, para o que sujeito tenha controle sobre seu dito, assumindo assim sua posição discursiva afirma Tfouni (2012, p. 82-3),

O autor é uma posição do sujeito a partir da qual ele consegue estruturar seu discurso (oral ou escrito) de acordo com um princípio organizador contraditório, porém necessário, visto que existe, no processo de produção de um texto, um movimento de deriva e dispersão de sentido inevitável, que o autor precisa ‘controlar’ (...) a fim de dar ao seu discurso uma unidade aparente, com começo, meio e ‘fechamento’ (este termo foi emprestado de Gallo 1995)

O autor deve, para tanto, retroagir sobre seu processo de produção na tentativa de “amarrar”, ou seja, concatenar as ideias do texto, sempre que a dispersão eventualmente estiver se instalando.

Tfouni (2012) sugere o emprego do que chama de “Shifters”, conhecido por nós pela forma lexical da dêixis e da anáfora, esses recursos como afirma a autora tem o propósito de “segurar” o ato de referência, o que indica, por substituição a palavra certa, a autora ora citada afirma que “Os shifters possibilitam um retomo ao já formulado, ao intradiscurso, e realizam um movimento de contenção que produz efeito de controle da dispersão, efeito este característico da autoria.” (p. 86)

Afirma ainda que o como o sujeito é aquele que emerge entre significantes, a falta da palavra ou (a palavra que falta) seja um dos motivos que faz com que o autor perca o seu ponto de “ancoragem”.

Quando o produtor do texto, na busca pela coerência assume que quando se enuncia algo como: “não é bem x o que eu quero dizer, mas talvez y”, Tfouni, (2012) chama de “glosa metaenunciativa” ou seja, traduz indícios da busca pela palavra adequada. Quando esse processo é controlado no texto, observa-se que no seu produto final é escondido, isso não significa, necessariamente, que ele não tenha existido.

É bastante recorrente durante correções de produções de texto o professor apontar para uma ideia do texto produzido por seu aluno, afirmando-a “confusa” e na devolutiva os alunos reclamarem, dizendo ser aquilo que fora apontado pelo professor como o que desejava ter enunciado, no entanto, não percebe que não foi o que realmente disse, havendo nesse caso, durante a produção a falta da “glosa enunciativa”, para que não ocorresse a dispersão.

O livro didático é uma ferramenta que contribui bastante nos afazeres do professor e na aprendizagem dos alunos, até mesmo por que as escolas não dispõem a todo o momento de outros tipos de materiais selecionados pelo professor no seu planejamento, o que não pode ocorrer é que seja sempre por meio do livro didático que o professor conduza a sua aula.

O que presenciamos é a utilização do livro de maneira indiscriminada, como se fosse a única ferramenta possível para se trabalhar.

No que concerne à produção textual de maneira autoral, há um aprisionamento baseado nos modelos oferecidos pelos livros, cerceando o desenvolvimento criativo do educando. Vejamos o que afirma Machado (2007, p.182):

Nossa escola (Fundamental e Média) está repleta de modelos: exemplos a serem seguidos, copiados, imitados. Exemplos do bem fazer, do bem dizer, do bem viver, do bem escrever, do bem calcular, do bem ler, do bom comportamento. Preceitos éticos quando não morais, na maioria das vezes com fundamentação frágil e pouco ligada à ciência. A avaliação, tópico controvertido mas onipresente no meio educacional, precisa da referência do modelo, do correto, da norma, do padrão para estabelecer sua grades e níveis.

Não estamos aqui, contudo, querendo que se extingam os modelos, pois acreditamos que são por meio destes que os alunos possam se orientar, mas que se valorize as leituras que os alunos realizam, as formações discursivas das quais se apoderam, ou

seja, que o aluno não se sinta “engessado” pelos modelos, que consiga se desvencilhar e criar seus próprios critérios de escrita, considerando a finalidade do que deseja, bem como a forma que considerar eficaz para atingir seus objetivos, pois ao contrário, aconteceria como vemos em muitos casos, professores desconsiderar uma resolução de problema de matemática, porque o aluno não seguiu o raciocínio original, mas o seu próprio método.

Machado (2007, p.185) reitera que,

(...) a maneira como se ensina na escola deixa de lado o cultivo da experiência subjetiva de escrita, e segue o caminho das normas, regras e modelos: ‘deve-se fazer assim...’. ‘Segue-me, segue meus conselhos que atingirás a eficácia’, professam os docentes, os manuais, as gramáticas etc.

A prática de autoria deve ser o espaço para a inserção da subjetividade, deixar manifestar seu estilo próprio o que dá margem a inovações e não somente a reprodução de modelos. A arbitrariedade manifestada na interação professor aluno tem alavancado falta de interesse por parte do aluno. Assim contribui Assolini (2008, p. 95)

O discurso pedagógico escolar tradicional, (D.P.E.) ocorre muitas vezes de forma autoritária e administra a interpretação de modo a manter os sentidos estabilizados. Dessa forma os alunos permanecem presos a formações discursivas preestabelecidas e são impedidos de circular por outras zonas de sentido que não as consideradas ‘legítimas’ pela instituição escolar. Sendo assim, a escola ensina o ‘Know-how’, mas sob formas que asseguram a submissão à ideologia dominante.

É de vital importância a aceitação do posicionamento do aluno, deixando-o arriscar-se, ainda que seu posicionamento seja divergente ao que o livro didático propõe, mas que o mesmo possa acessar o seu arquivo e que possa permear por outras formações discursivas, que não as propostas pelo livro. Assim afirma Assolini (2008, p.84)

As locuções verbais ‘deve contar’, ‘deve ir’ ‘deve ser’ e ‘deve ter’ produzem um efeito de sentido de ordem, mantendo, assim, o aluno amarrado a formações discursivas que entendem a linguagem como literal, com os sentidos colados às palavras e como veículo transmissor de verdades únicas. Essas formações discursivas remetem a formações ideológicas que levam o aluno a acreditar que sua (do aluno) produção de texto terá validade e será reconhecida se ele necessariamente obedecer às propostas preestabelecidas pelos autores do livro didático e ratificadas pela professora.

O aluno é cercado de todas as formas, o que o faz sentir-se impotente diante de tantas restrições impostas, acabando por não explorar o seu potencial criador.

Alguns profissionais, professores da área de linguagem, para ser mais específica, poderiam, diante da afirmação feita, de que o aluno deve ter autonomia para realizar diferentes leituras, e ter uma amplitude maior de possibilidades de produção, questionar sobre a forma de avaliação de produção que incorrerão a vida do estudante ao longo de sua jornada estudantil, enquanto critérios de seleção em concursos ou vestibulares.

Reflitamos, se durante sua formação o estudante foi estimulado, valorizado, possivelmente dará sempre o seu melhor. Devemos considerar que a criança crescerá em um campo de estímulos e valorização, o que determinará a busca pelo novo como afirma Pêcheux (2010) na formação de arquivo. Vejamos como discorre Tfouni (2008, p. 144)

(...) creio, que poderei argumentar que as atualizações na língua são produto da História social e da história particular, as quais possibilitam ao sujeito alocar-se em sítios de significação (materializados significantes): lugares específicos no interdiscurso, que vão servir de âncora para o sujeito do discurso durante o ato de enunciação, possibilitando-lhe que ocupe fugazmente a posição de autoria, visto que esta diz respeito à verdade do sujeito.

O que também se deve estar atento quando ocorre a propagação da autoria no ambiente escolar é legitimar a produção do aluno, fazendo-a circular fora da instituição escolar, para que o aluno veja uma valia no que produz.

Para implementar esse critério é de fundamental importância algumas ferramentas da web, tal como a que será utilizada para a realização da aplicação da atividade de produção autoral nesse trabalho.

### **3.4 A Escola enquanto ambiente de desenvolvimento autoral**

A produção autoral requer do seu produtor, conhecimento de mundo, para tanto, o procedimento de leitura é de fundamental importância para que o discurso possa permear por diversos campos de conhecimento. A constituição das diferentes formações discursivas reflete a possibilidade que o autor possui de manipular a sua produção.

(...) as várias posições do sujeito podem representar diferentes formações discursivas no mesmo texto. É preciso, no entanto, ressaltar que a relação entre diferentes formações discursivas no texto podem ser de muitas e diferentes naturezas: de confronto, de sustentação mútua, de exclusão, de neutralidade aparente, de gradação etc.(ORLANDI, 2012, P.76)

O que ocorre em muitos casos em ambiente escolar é o aprisionamento intelectual do aluno por um domínio prefixado. Ainda que de forma não intencional, a escola acaba por manipular, cercear a criatividade e originalidade do aluno e, dessa forma, desencadeia no discente uma limitação a sua exploração da subjetividade.

Sobre a questão do domínio prefixado, Orlandi (2012) explicita que um enunciador pode se apresentar de várias maneiras dentro de um mesmo texto, na descrição de uma ponte, por exemplo, pode-se representar como estando debaixo dela, ou de dentro de um barco, bem como da margem de um rio sobre o qual ele está; e em nenhum dos casos há inconsistência textual, também ocorre, por exemplo, em texto que verse sobre salário, podemos ter um enunciador retratando sobre a perspectiva do patrão, ao mesmo tempo, que em outro lugar do texto, ele representa a posição de empregado, o que não criaria problema algum. O texto pode assumir vários enunciadores, mas em ambos os casos é cobrado do autor a presença de unidade textual, pois é do autor que se cobra a unidade e não do enunciador. Retomamos assim, o princípio de autoria de Foucault (2014) que afirma que o “autor é o princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações.” (p.25)

A homogeneização no sentido de aprisionamento de formações discursivas, forçando o aluno a não se arriscar por outro sentido que não os enraizados pela instituição escolar, o que acaba por anular possibilidades de interpretação condizentes aos enunciados. Desconsidera o que afirma Pêcheux, que os gestos de leitura sejam movimentados dentro de um espaço de interpretação.

Caso contrário o que ocorre é (...) o risco de um policiamento dos enunciados, de uma normalização asséptica da leitura e do pensamento, e de um apagamento seletivo da memória histórica: ‘quando se quer liquidar os povos’, escreve Milan Kundera, ‘se começa a lhes roubar a memória’. (Pêcheux, 2014, p. 63)

Se a escola não considerar as variadas formas de representação do sujeito, não considerar que o aluno é um sujeito inscrito em uma sociedade, ou seja, como ser

constituído sócio historicamente, o que ocorre é que, de acordo com Orlandi (2012) “(...) acaba por não permitir a passagem do enunciador para o autor. Confunde os seus papéis e cobra um pelo outro. Faz isso porque não explicita sua própria função.” (p.109)

A autora em questão defende ainda que a escola é necessária, embora não suficiente, se considerarmos que a relação fora da escola também constitui experiência de autoria. Dessa forma, o aluno não pode permanecer preso, impedido de permeiar outras zonas de sentido que não os considerados pela instituição escolar.

Assolini (2008), ao realizar análise discursiva de produção textual, que permeia a prática escolar, investigando especialmente a produção de autoria, em que defendendo que o educando deve ocupar-se de diferentes lugares de interpretação, movimentar-se enquanto leitor e constituir-se como intérprete, analisou a produção textual de alunos da 2ª série, de seis salas de aula observadas, a autora selecionou duas, das quais, importa dizer que as professoras são concursadas, não havendo, portanto, rotatividade de professores nessas salas.

Comentaremos a análise de Assolini (2008) que é de fundamental importância para a compreensão de alguns elementos associáveis a autoria, e por nosso trabalho ser realizado com alunos de 8º ano, assentimos a importância de refletirmos essa análise valiosa de uma produção dentre diversas apresentadas pela autora, exaltando a prática de autoria de aluno de 2ª série. Vejamos como ocorreu sua análise.

A princípio a professora regente, trabalhou uma unidade de leitura do livro didático. O texto:

### Futebol

O menino maluquinho	pra começar o jogo.
jogava futebol	É que o time era cheio de craquese
E toda a turma	E ninguém queria
ficava esperando	ficar no gol.
ele chegar	Só o menino maluquinho

Que dizia sempre:	e caía de pernas pro ar
“Deixa comigo!”	e caía de bunda no chão
E ia rindo pro gol	dançava no espaço
para o jogo começar.	com a bola nas mãos.
E o menino maluquinho	E a torcida ria
Voava na bola	e gostava de ver a alegria daquele goleiro.
E caía de lado	E todos diziam:
E caía de frente	“que goleiro maluquinho”.

Diante de várias análises, extremamente pertinente, realizada por Assolini (2008) detemo-nos especialmente no que concerne à produção de texto que possui como aluno, o então denominado, de Aluno B. Vejamos:

#### A FADA DO FUTEBOL MAIS OU MENOS

Era uma vez uma partida de futebol mas uma partida que tava mais ou menos. Tava tudo dando errado naquele jogo com meus primo e meus colega. A gente perdeu feio no primeiro tempo e eu já tava quase voltando pra minha casa.

De repente daquela nuvem azulzinha saiu uma fada.

Foi quando então apareceu minha fada madrinha que tinha um pó bem colorido e uma varinha especial. A fada que apareceu era tão bonita e aquela sua varinha era dez. Ela daí jogou aquele pó super especial nos pés de todo mundo, na grama, na rede e até na torcida.

Então todo mundo começou a correr, correr, correr, correr pra valer atrás da bola e o outro time não sabia mais o que fazer com nós que ficamos uns campeões da bola depois que a fada jogou o pó colorido.

E aí a gente só gritava gol, gol, gol e a torcida gritava mais alto que a gente.

Quando acabou o futebol eu contei pros meus primos e pros meus amigos que a gente ganhou de goleada porque apareceu no campo a minha fada madrinha. Eles riram de mim e me chamaram de bobão.

Ninguém acreditou.

Mas eu sei que tenho uma fada madrinha e naquele futebol mais ou menos, foi ela que fez a gente ganhar.

Agora eu vou mandar uns beijos pra minha fada madrinha.

Acho que todo mundo deveria ter uma fada porque todo mundo tem seu dia de mais ou menos. (aluno B)

Cabe ressaltar que a redação que a professora solicitou foi sobre o tema “Futebol que o menino maluquinho jogava”.

Em vista do comentário realizado pela professora, em que manifestava a sua possível insatisfação, ainda que de modo inconsciente, dizendo ao aluno: “mas era pra contar do menino maluquinho, você contou um história que nada tem a ver com o menino maluquinho”.

Nós, enquanto leitores, pudemos observar que o texto possuía uma sequência, não era um texto fragmentado, estava bem encadeado, a todo o momento era controlado o movimento de dispersão e deriva, o que fazia que o estudante não se perdesse em sua escrita, ainda que possuísse equívocos linguísticos, não comprometia o entendimento do texto.

Mesmo com todo o desprendimento do aluno para produzir uma história que fosse coerente, a professora possivelmente, sem a intenção, acaba por desqualificar a produção do aprendiz.

Importa-nos enfatizar que, sobre a análise realizada por Assolini ressaltaremos o comentário realizado por ela referente a subjetividade, formações discursivas, abertura de espaço para interpretação, visto que na leitura também se encontra incutida a autoria.

Assolini (2008) inspira-se no conceito trazido por Pêcheux, e como o autor também consiste como nosso aporte teórico, ainda que não tenhamos a intenção de imiscuir-nos na análise apontada pela autora em questão desejamos, contudo, apenas nos referenciar aos seus conceitos de forma corroborativa.

A formação discursiva como definida em outra parte desse trabalho determina a posição ideológica do sujeito, que está relacionada ao processo sócio histórico em que as palavras são produzidas. A posição de sujeito ocupada pelo Aluno B o colocou em uma formação discursiva diferente da que a professora solicitava, no entanto, a leitura do enunciado dava margem ao aluno para a interpretação realizada por ele.

O que muitas vezes ocorre no ambiente escolar é a administração da interpretação, deixando o seu sentido estabilizado, dessa forma, os alunos se constituem de formações discursivas preestabelecidas, o que os impede de circular por outras possibilidades de sentido, que consideradas legitimadas pela escola.

A subjetividade estabelece condições do educando apropriar-se do seu conhecimento de mundo, sensações e sentimentos e explorá-los sem a necessidade de ocultação, isso contribuiria para que o educando sentisse prazer ao escrever o texto, uma



vez que não precisaria se sentir engessado, daria margem ao aluno de dinamizar seus gestos de interpretação.

A autoria não se refere somente à produção textual, mas a todo tipo de produção discursiva, seja através da leitura, da oralidade ou da escrita.

A criatividade e emergência da autoria são produtos provenientes de reflexos sócio histórico, oriundo da exploração de leitura realizada pelo sujeito, ademais, do seu declínio para ocupar-se de diversos lugares de interpretação no momento dessa leitura.

Também se constitui de fundamental importância no ato da produção discursivas condições de produção.

(...) Não é a relação com a escola que define o escritor. Ela poderá ser útil, mas não é nem necessária, nem suficiente. Não é sua tarefa específica formar escritores. (...) Ao contrário, para ser autor, sim: a escola é necessária, embora não suficiente, uma vez que a relação com o fora da escola também constitui a experiência de autoria. De toda forma, a escola, enquanto lugar de reflexão, é um lugar fundamental para a elaboração dessa experiência, a da autoria, na relação com a linguagem. (ORLANDI, 2012, pp.109-10)

O ambiente escolar é um local propício para abordagens de autoria, ainda que tenhamos um cenário que priorize a questão de exercícios mecânicos, condicionados a cópias de livros, atividades de fixação do conteúdo abordado, é sim, utilizado os quatro eixos sugeridos pelos PCNs e Diretriz Curricular, eixos: oral, escrito, de análise linguística e leitor, no entanto, há que verificar a maneira com que se vêm trabalhando esses eixos.

A amplitude cultural do indivíduo recai sobre sua produção, portanto, é inegável que o acesso a bens culturais, bem como, a possibilidade de ir ao cinema, ler livros e revistas, escutar música variadas, acesso a museus, visitação a exposições de arte, assistir aos canais educativos na televisão, tudo isso articulado à práticas escolares faz diferença no ato de escrever, no entanto isso não significa que o aluno que não tenha acesso a esses recursos culturais, a posição-autor lhe seja negada, pois o papel da escola em oferecer propostas diferenciadas de ensino, que levem a questionamento da realidade e processos de interlocução também rendem uma prática valiosa, fazendo com que o aluno escreva algo que não será lido somente pelo professor, “(...) o processo de construção da identidade de autor, na escola, implica ter o que dizer, para quem dizer, por que dizer, além do domínio das questões formais de como dizer.” (ABREU, 2013, p.84)

É importante que o aluno escreva tendo em vista outros interlocutores além do professor, sejam aqueles, presentes ou virtuais, e a escrita um momento de socialização e não uma atividade a ser realizada necessariamente isoladamente.

Ao tratarmos sobre a autoria, tema polêmico, uma vez que o que se almeja no ambiente escolar é justamente alavancar o número de crianças que possam escrever com uma real autoria, mas que ainda é observado muitas situações em que há escritas desconexas e que não possuem uma singularidade, não poderíamos deixar de dizer que esta se aproxima muito do estilo adquirido ao longo da experiência estudantil, ou seja, a identidade de quem escreve.

Devemos dizer que durante muito tempo perdurou o conceito de que, escrevia bem aquele que seguia as regras gramaticais, pois aquele que ultrapassasse esse limite era posto como um ser ousado que caía na dimensão do gosto e não podia se fugir as regras impostas. O subjetivismo na produção era posto à margem, ou seja, não era bem visto. Durante muito tempo, inclusive professores não tinham critérios de correção que analisassem problemas de coerência e coesão textual. “A rigor, só havia a gramática como árbitro. O que ultrapassasse esta dimensão caía na mais abissal subjetividade, pois estava na categoria do gosto.”. Assim contribui Possenti (2002, p. 108)

Em um texto tem que prevalecer a discursividade, a qualidade do texto se sustenta pelo quadro histórico que possui, tem que se estabelecer sentido ao que se profere.

### **3.4.1 A Construção autoral na escola por meio da Web**

Na escola lidamos com uma diversidade bastante acentuada de aprendizes. Cada qual com seus conhecimentos prévios, adquiridos ao longo de suas vidas.

O aluno responde aos estímulos que o meio lhe propõe, ou seja, o que inspira sentido no seu aprender, o que ocorre é que muitas vezes não tem maturidade o suficiente para conhecer, analisar como é internalizar as informações que lhes são dispostas. O fato é que o aluno absorve melhor aquilo que lhe estimula. Não queremos dizer aqui que só devamos propor ao discente o que lhe atrai, mas está em nossas mãos, enquanto professores procurarmos maneiras diversas de se trabalhar o conteúdo escolar. De acordo com Becker (2001)

O conhecimento é uma construção. O sujeito age espontaneamente – isto é, independente do ensino, mas, não independente dos estímulos sociais -, com os esquemas estruturas que já tem, sobre o meio físico ou social. Reitera (abstração) desse meio o que é do seu interesse. Em seguida, reconstrói (reflexão) o que já tem, por força dos elementos novos que acaba de abstrair.  
(p. 76)

Acreditar, estimular e valorizar o potencial criador do aluno deve ser um objetivo constante na prática docente. Para professores de metodologia mais conservadora, ou seja, que possuem resistência em mudar sua prática pedagógica, consideram mais complicado deixar a criança explorar o seu campo de trabalho de maneira coletiva, pois acreditam que a forma de ensinar que teve sucesso no passado, de maneira individual, muitas vezes estimulando a competição, e que tão está apregoadada ao seu ritmo de trabalho, que não abre mão de outra conduta dos alunos em sala de aula, resumindo, ainda valorizamos bastante o modelo do eu falo, você escuta e reproduz.

A cooperação entre os educandos não se resume em sala desorganizada. Muito se fala da importância da interação entre os alunos, no entanto, no momento de produção o professor acaba por sugerir o individualismo. A sociedade, sem desejar, também estimula o individualismo, pois cada dia menos podemos propor aos alunos trabalhos coletivos, fora do ambiente escolar, porque se torna cada vez mais eminente o perigo que o aluno sofre ao sair de sua residência para realizar um trabalho com colegas, estando assim, disposto ao perigo que o meio lhe proporciona.

Sabendo ainda da real necessidade existente entre a interação, cooperação entre os discentes, e o quanto surte efeito a relação interpessoal entre as crianças, não podemos abrir mão desse efeito mágico que se revela com a troca de experiências. Devemos valorizar esta metodologia em sala de aula. De acordo com Duran e Vidal (2007)

Para a escola, o trabalho em grupo cooperativo não é somente um motor para a aprendizagem significativa, mas, além disso, um recurso para a aprendizagem de habilidades pró-sociais e uma aprendizagem em si mesma altamente funcional para a sociedade do conhecimento. (p.17)

A interação entre os alunos potencializa não somente a vivência em sala de aula, mas permeia por habilidades e sensações que serão emanadas na vida extraestudantil. Assim, o aluno explorará suas habilidades de comunicação, de negociação, de adequação ao meio, respeito mútuo e respeito às regras de boa convivência. Esta interação que

enfaticamente é importante para que exista a troca de informações e é o que irá despertá-lo para o saber.

(FRANCO, 2013:25), traz em seu artigo, escrito para a revista *Presença Pedagógica*, os números da pesquisa que foi divulgada no ano de 2012, realizado pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) denominada *TIC Kids Online Brasil* (<http://goo.gl/T6VK5>), em que o objetivo principal era fazer um levantamento sobre a utilização e disponibilidade do uso da internet no País. Resultado de um acordo entre o Centro de Estudo sobre as Tecnologias da Informação e de Comunicação (Cetic.br) e a *London School of Economics* (LSE), as estatísticas revelaram a alta frequência de uso da internet entre os usuários que têm entre 9 e 16 anos.

<b>FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET ENTRE OS USUÁRIOS QUE TÊM ENTRE 9 E 16 ANOS</b>				
FREQUÊNCIA	DIARIAMENTE OU QUASE TODOS OS DIAS			
PORCENTAGEM	47%			
POSSUI PERFIL SOCIAL	70%			
LOCAL DE ACESSO	ESCOLA	NO DOMICÍLIO	LANHOUSE	CELULAR
PORCENTAGEM	42%	40%	35%	18%
ATIVIDADES REALIZADAS	FAZER TRABALHO ESCOLAR	VISITAR UMA REDE SOCIAL	ASSISTIR VÍDEOS NO YOU TUBE	JOGAR ON-LINE
PORCENTAGEM	82%	68%	66%	54%

Estamos na era digital e não podemos, enquanto educadores, deixar de contemplar o ensino também por meio das mídias digitais.

Começamos aqui por dizer que não se quer com isso associar que um bom ensino, bem articulado, planejado seja adequado somente se for em modelo virtual, pois temos ótimos professores, mediadores que se consolidam com aulas expositivas, interativas, mas sem o auxílio de mídias. Então, não se pretende aqui defender que somente aulas que possuam a contribuição de tecnologias mais avançadas sejam adequadas, contudo, é

inegável o direito que o estudante tem em participar de um contexto educativo em que se contemple ferramentas pedagógicas diferenciadas, entre elas as que estimule o potencial que os estudantes de hoje tem em manusear as ferramentas propostas pela web. De acordo com Lévy (1999, P.174)

Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar conscientemente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e aluno.

Embora já tenhamos dito anteriormente que não basta que o estudante tenha uma boa desenvoltura com recursos propostos pela web, mas que o mesmo seja bem orientado e estimulado para que possa utilizar as diversas ferramentas educativas que temos, com o propósito educativo, e não somente como forma de entretenimento. Para tanto é necessário conscientização dos alunos por parte dos docentes e que os trabalhos propostos sejam bem planejados, organizados e que de preferência atenda aos anseios dos alunos.

Considerando que Lévy (1999, p.173), afirma que “A direção mais promissora, que por sinal traduz a perspectiva da inteligência coletiva no domínio educativo, é a da aprendizagem cooperativa.” Sendo assim, a web se lança para auxiliar nesse propósito da aprendizagem colaborativa, no entanto, se faz necessário que o professor procure estratégias de ensino que tenham valia para a aprendizagem do aluno. Rojo et al, (2011) propõe que o professor inicie um trabalho com os discentes, envolvendo assim:

a) a adoção de novas ferramentas de comunicação (síncronas e assíncronas) e espaços de informação hipermidiáticos; b) a concordância com objetivos comuns de interação em contexto digital, em que na maior parte do tempo a interação é publicamente disponibilizada, o que expõe a produção escrita do professor-aluno aos pares, de modo não experienciado previamente; c) a colaboração a distância com os pares; d) a entrada em uma cultura de curiosidade e experimentação; e) a atribuição de novas imagens para si, seus pares e seus professores e para a própria educação.(p.111)

Possibilitar ao aluno o ingresso da prática escrita a partir de inovações tecnológicas, inclusive contemplando interação entre os pares, de forma que haja a contribuição de aprendizagem é uma possibilidade de motivar o discente para o desenvolvimento de prática autoral.

Ao tratarmos sobre a autoria, tema polêmico, uma vez que o que se almeja no ambiente escolar é justamente alavancar o número de crianças que possam escrever com uma real autoria, mas que ainda é observado muitas situações em que há escritas desconexas e que não possuem uma singularidade, não poderíamos deixar de dizer que esta se aproxima muito do estilo adquirido ao longo da experiência estudantil, ou seja, a identidade de quem escreve.

A responsabilidade do autor é cobrada em várias dimensões: quanto à unidade do texto, quanto à clareza, quanto à não contradição, quanto à correção etc. Exige-se uma relação institucional com a linguagem. Uma ilustração disso que estamos falando é a situação comum em que o professor considera certos textos de alunos, até compreensíveis mas inaceitáveis. O que o professor está cobrando, e está faltando, é que o aluno assuma a posição autor. (ORLANDI, 2012, pp. 106-7)

Um enunciador pode se representar de várias maneiras, o sujeito pode ocupar diversas posições dentro do texto, mas cabe ao autor estabelecer unidade ao texto.

O posicionamento do autor deve trazer consigo elementos que caracterize a seleção textual, a escolha das sequências linguística deve fazer sentido para quem escreve e também para quem lê. Toda essa tomada de posição chama-se singularidade, pois cada um possui o seu estilo e no estilo está expresso a sensibilidade do autor. Para corroborar com sua afirmação Possenti cita Bally (1951), que afirma que o estilo significa a possibilidade (se não a necessidade) de expressão do indivíduo, considerado tanto do ponto de vista psicológico quanto do sociológico. Assim Bally (1951) define estilo como sendo ‘(...) Estudo do conteúdo afetivo dos fatos de expressão na linguagem organizada’ para elucidar ainda mais, afirma que, ‘(...) A estilística estuda, pois, os fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade.’ (POSSENTI, 2001, p.252). Assim, para que um texto seja bom não adianta que ele satisfaça somente as exigências de ordem gramatical, mas especialmente as ideias exploradas pelo autor.

É muito recorrente para o professor que trabalha especialmente a Língua Portuguesa, ouvir questionamentos da forma de correção do texto, pois para que o mesmo seja coeso e coerente, que tenha uma ordem gramatical que possua sujeito, predicado, termos integrante e até acessórios, também pode permear pelo dito ‘insosso’, aquilo que

não se sustenta, que é dito de maneira superficial, sem valor semântico ou se sente como se tivesse algo por vir, mas que infelizmente não vem. (POSSENTI, 2002)

Ao autor, portanto são exigidos alguns critérios para que se estabeleça a autoria, assim reitera Orlandi (2012)

(...) coerência; respeito aos padrões estabelecidos, tanto quanto à forma do discurso como às formas gramaticais; explicitação; clareza; conhecimento das regras textuais; originalidade; relevância e, entre várias coisas, “unidade”, “progressão” e “duração” do seu discurso. (p.105)

Diante do exposto acima, observamos que analisando as exigências requeridas para recorrências de textos de autoria, ainda percebemos no ambiente escolar alguns desvios cometidos e que não auxiliam para a inserção de práticas autorais. Podemos aliar à incoerência de autoria em ambiente escolar, possivelmente por falta da prática discursiva, por um ensino de gramática descontextualizado, falta de leitura, cultura menos abastada, repetição de conceitos do senso-comum, dentre outros fatores. No entanto, é de extrema urgência que a autoria esteja presente nas produções dos alunos, sujeitos inserido sócio historicamente em sociedade, que aguarda um posicionamento enquanto cidadãos, diante de situações diversas.

### **3.4.2 Autoria Colaborativa**

Na imersão no ambiente digital, enquanto prática pedagógica, é crescente o uso de ferramentas que favoreçam o desenvolvimento de práticas participatórias, ou seja, com a efetiva participação de mais de um membro integrando e realizando atividade de forma colaborativa.

O mundo e conseqüentemente a educação tem presenciado uma constante dinâmica na socialização entre as pessoas, vê-se que as crianças e os jovens têm vivenciado experiências que outrora seriam, talvez, inimagináveis, pois a evolução das tecnologias tem proporcionado situações de aprendizagem mais sofisticadas, e, dessa forma, favorecido mais a prática de compartilhamento de vivências com experiências múltiplas de práticas cognitivas diferenciadas. Na perspectiva de Abreu (2013,p.81)

O que desejamos é que a perspectiva de criar redes no espaço escolar se fortaleça. Redes que se constroem, por exemplo, com a criação de textos colaborativos, que acabem por descentralizar as atividades na sala de aula e conduzam diferentes leitores.

A inserção de crianças e jovens em práticas diferenciadas de ensino – aprendizagem tem motivado o desdobramento de competências e reconhecimento de inestimável valor às normas e condutas que delegam práticas de respeito às ideias alheias. Verifica-se com isso uma maior manifestação do indivíduo perante a comunicação e respeito à diversidade de pensamento. Contribuindo também para o avanço de conhecimento individual o que Dias, (2013), denomina andaimamento.

A colaboração, mais do que uma estratégia de aprendizagem entre os membros da comunidade, apresenta-se como uma prática de interação social situada no grupo e orientada para a sua sustentabilidade. No plano educacional reveste-se do maior significado, na medida em que a partilha de um projeto comum de aprendizagem, definido no interior da comunidade e pelos seus membros, o que o distingue dos programas ou atividades de cooperação, conduz ao desenvolvimento das interações num quadro colaborativo que visa ao andaimamento do desenvolvimento individual e, desta forma, à participação ativa na criação de uma representação distribuída e coletiva do conhecimento. (p.15)

As práticas de autoria colaborativa por meio de recursos disponíveis em ambientes virtuais de aprendizagem tem demonstrado a importância da interação e defesa de posicionamento na comunicação entre integrantes de um grupo.

A prática colaborativa é uma forma de integração social de partilha de saberes, que favorece não somente o desenvolvimento individual, mas a criação e inovação de um saber coletivo. “Mesmo que a escola esteja interessada basicamente na competência individual do aluno, ela não precisa estar organizada competitivamente, com cada criança tendo de mostrar que pode fazer a atividade sozinha, sem a ajuda do outro.” (KLEIMAN, 2005, p.24)

A integração entre os membros que interagem diante do novo cenário de inovação pedagógica requer a junção de experiências de mundo de seus variados participantes, o que contribui para o enriquecimento das atividades propostas, pois, isso alia, além do conhecimento a forma de manifestação de cada indivíduo diante de uma atividade que deixa de ser centralizadora, mas que acata o conhecimento e a individualidade de cada integrante do grupo como constituinte do todo.



Ao tratarmos sobre autoria, e ainda sobre a afirmação feita por Foucault (2014, p.8) sobre a produção do discurso de que (...) em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída (...) então ao autor cabe estabelecer unidade e origem textual. Como pensarmos em todos esses elementos se queremos trabalhar de forma colaborativa?

Foucault (2012b) dá margem para autoria colaborativa ao afirmar que existe pluralidade de eus que se entrecruzam no interior de uma mesma obra, preparando, assim, uma construção teórica que seja voltada para a criação colaborativa, objeto de nosso estudo.

## 4 GÊNERO TEXTUAL

O estudo do gênero textual, além de ser relevante também se faz necessário, visto que, diariamente somos postos em diversas situações de interação e, dessa forma, convidados a nos manifestarmos seja de maneira oral ou escrita. Assim os gêneros textuais estão implícitos em nosso dia a dia, uma vez que participamos de várias esferas sociais e cada qual propõe um gênero, ainda que em alguns casos de maneira flexível e variável.

Considerando o que os PCN, Parâmetros Curriculares Nacionais, preconizam sobre a utilização dos gêneros em contexto escolar e por ser baseado nos conceitos bakhtinianos temo que:

As categorias propostas para ensinar a produzir textos permitem que, de diferentes maneiras, os alunos possam construir os padrões da escrita, apropriando-se das estruturas composicionais do universo temático e estilístico dos autores, que transcrevem, reproduzem, imitam. É por meio da escrita do outro que durante as práticas de produção, cada aluno vai desenvolver seu estilo, suas preferências, tomando as palavras dos outros. (PCN, 1998, p. 77)

Assim, os gêneros textuais são formas relativamente estáveis que auxiliam os falantes da língua a se comunicarem diante das mais diversas situações.

### 4.1 Gênero discursivo na concepção bakhtiniana

A linguagem compreende os diversos campos da atividade humana. A língua, por sua vez, efetua-se em forma de enunciados, sejam orais ou escritos, cada enunciado possui uma finalidade, não apenas pelo conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, mas acima de tudo por sua construção composicional. “(...) o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação.” Bakhtin (2011, p.262) . Assim, cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, o que se denomina gêneros do discurso.

Os gêneros do discurso (orais e escritos) são heterogêneos, devemos incluir desde breves réplicas de diálogos do cotidiano, sendo as modalidades do cotidiano extremamente

grande em função do tema, da situação e da composição dos participantes, até as variadas formas da manifestação científica e todos os gêneros literários.

Os gêneros são separados em primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros secundários são resultados de um convívio cultural mais complexo e relativamente desenvolvido, sendo romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos entre outros. Os gêneros secundários no processo de sua formação, incorporam e reelaboram os gêneros primários.

Importante ressaltar que o desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das variações de gêneros do discurso recaem em formalismo e uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida, não esqueçamos que é através de enunciados concretos que a língua passa a integrar a vida.

Todo enunciado oral e também escrito, primário e secundário é individual, reflete, portanto a individualidade do falante (ou de quem escreve). Entretanto, nem todos os gêneros são ao reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual.

Os gêneros do discurso que requerem uma forma mais padronizada são os que menos refletem a individualidade. Na imensa maioria dos gêneros do discursivo com exceção do artístico-literários, o estilo individual não faz parte do plano do enunciado.

A gramática (e o léxico) se distingue da estilística, mas ao mesmo tempo nenhum estudo da gramática pode dispensar observações e incursões da estilística, visto que, a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante já é um ato estilístico.

O ouvinte quando percebe e compreende o significado (linguístico) do discurso, ocupa ativamente uma ação responsiva, ou seja, concorda ou discorda de forma total ou parcial, completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. Às vezes, a ação responsiva do ouvinte se forma a partir da primeira palavra do falante.

As modalidades responsivas somente serão possíveis entre as enunciações plenas no processo de comunicação discursiva, também se pressupõe outro membro do discurso além do falante. O que vem contradizer essa afirmação encontra-se no gênero secundário, em que o falante (ou quem escreve) responde as questões postas em seu próprio enunciado, faz objeções a si mesmo e refuta as suas próprias objeções.

A oração é um pensamento relativamente acabado, que está ligada com outros pensamentos do mesmo falante no conjunto do enunciado, os limites da oração enquanto

unidade da língua nunca são determinados pela alternância de sujeitos. A oração é uma unidade significativa da língua, podemos dessa forma compreender uma oração como: A chuva não cessa, porém não é possível ocupar uma posição responsiva.

A pausa é um elemento que se incorpora na oração para torná-la um enunciado pleno, são elas, as pausas, que faz com que a oração ganhe um validade semântica especial e em relação a ela se pode ocupar um posição responsiva.

Essas qualidades não pertencem exatamente à oração, que se tornou enunciados plenos, mas ao enunciado traduzindo a natureza dele e não da oração.

Ressaltamos também que a oração, diferente do enunciado não tem contato imediato com a realidade, ou seja, com a situação extraverbal, nem relação imediata com enunciados alheios, não possui plenitude semântica, pois está fora do contexto, nem capacidade de determinar imediatamente posição responsiva do outro falante.

O enunciado em sua manifestação possui peculiaridades, que serão postas agora, dentre elas temos: A alternância dos sujeitos do discurso e a conclusibilidade, percebemos nitidamente o fim do enunciado quando ouvimos ou vemos, como se ouvíssemos o “dixi” conclusivo do falante, o primeiro e mais importante critério da conclusibilidade é a possibilidade de responder a ele, é como alguém que pergunta “Que horas são?” (a ela pode-se responder), também temos os exemplos de um pedido cotidiano que pode ser cumprido ou descumprido, o discurso científico que podemos concordar, discordar ou não concordar (inteiramente ou em parte) ainda dentro da conclusibilidade, ou inteireza acabada do enunciado, temos três fatores ligados ao todo do enunciado: 1) exauribilidade do objeto e do sentido; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas composicionais e de gênero do acabamento.

O primeiro, exauribilidade do objeto e do sentido, são as questões puramente factuais a elas, os pedidos, as ordens, etc.) nos campos em que o discurso é de natureza padronizada, como em ordens militares, campos oficiais e o elemento criativo está ausente quase por completo.

O contrário ocorre nos campos da criação como obras de ciência e literatura, sentimos a intenção discursiva, ou vontade discursiva do falante, imaginamos o que o falante quer dizer, através da ideia verbalizada então ocorre a conclusibilidade do enunciado.

Passemos ao terceiro elemento, considerado o mais importante – as formas estáveis de gênero do enunciado. A intenção discursiva do falante que possui individualidade e subjetividade é adaptada através da escolha do gênero.

Os enunciados possuem formas relativamente estáveis, até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre, nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero.

Importante ressaltar que esses gêneros fluem quase que naturalmente, podemos compará-lo a língua materna, que dominamos as várias formas de utilizá-la, até que começemos, é claro, trabalhar o estudo teórico da gramática.

Aprender a falar significa aprender a construir enunciados, pois falamos por enunciados e não por orações isoladas e, tampouco, por palavras isoladas.

Imaginem se tivéssemos que aprender ou criar os gêneros do discurso durante o processo discursivo.

“O gêneros do discurso organizam as formas gramaticais quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível.”(BAKHTIN, 2011, p. 283)

A vontade discursiva do falante só se consolida através da escolha de um determinado gênero, instaurando também, inclusive a entonação expressiva.

Os gêneros se diferem, especialmente, em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação, são mais mutáveis que as formas da língua, não são criados pelo falante, mas dado a ele.

A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado e é de real importância para a relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto. A expressão: Chegou cedo hoje! Pode assumir vários sentidos, ironia, afirmação, depende da entonação expressiva e do contexto.

A experiência discursiva individual que qualquer pessoa através de interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros é decorrente de um

processo de assimilação, pois todos os nossos enunciados é pleno de palavras dos outros e trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.

Um enunciado é por assim dizer cheio de tonalidades dialógicas, pois a nossa ideia nasce e se forma no processo de interação com o pensamento dos outros.

O que determina o enunciado, o seu estilo e sua composição são: a visão de mundo do falante, os seus juízos de valor e emoções e por outro lado, o objeto de seu discurso e o sistema da língua (dos recursos linguísticos).

O destinatário desempenha um papel primordial no ato da comunicação, seja ele individual ou coletivo, sendo perfeitamente possível antecipar a atitude responsiva do destinatário, este por sua vez desempenha um papel de extrema importância, pois sem o endereçamento não pode haver enunciado.

Por fim, o enunciado é um elo na cadeia da comunicação, existindo, portanto, registros de precedentes que podem gerar atitudes responsivas, seja no momento de comunicação ou a posteriori.

O artigo de opinião, gênero contemplado neste estudo, e que será tratado na sequência, requer do interlocutor uma rápida atitude responsiva, visto que possui como característica a persuasão, para tanto, é necessária a formação de opinião do leitor, pois é por meio desta que se constitui a aceitação ou refutação da ideia defendida pelo sujeito autor.

#### **4.2 Artigo de opinião como gênero articulador entre a prática da autoria e a cultura midiática**

Colocamo-nos frequentemente diante de diversos gêneros textuais, uma vez que eles, os gêneros, permeiam nossa sociedade e linguagem. O gênero escolhido para compor este trabalho foi o artigo de opinião, visto que existem alguns gêneros que são mais propícios para desenvolver uma postura autoral. Como afirma Pacífico (2011, p.101) em trabalho realizado em cursos de universidade pública e particular para diagnosticar a inserção de autoria no discurso dos acadêmicos, postula o resultado de sua observação:

(...) as análises apontam que há uma relação entre argumentação e autoria, ou seja, o texto argumentativo exige que o princípio de autoria se instale. Sendo assim, se os sujeitos não ocuparam a posição discursiva de autor, não conseguiram produzir textos argumentativos (...)

O artigo de opinião é um gênero textual em que o sujeito-autor precisa manifestar-se discursivamente, sendo assim, insere-se em sua forma discursiva a sua ideologia, além de posicionar-se sócio historicamente.

O gênero em discussão favorece a argumentação, prevê a objeção do interlocutor e se antecipa a este, refutando as ideias do seu parceiro de interação social. Koch contribui, (1984, p.23)

(...) partindo do postulado de que a argumentatividade está inscrita no uso da linguagem, adota-se a posição de que a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico de coerência e coesão textuais.

Assim, o texto argumentativo contribui para que haja a discursividade e possibilita que se desenvolva a postura autoral, pois requer do sujeito autor defesa de um posicionamento, o que demanda leitura, pesquisa e conhecimento de mundo, além do seu estilo próprio e poder de persuasão.

## **5 PLANEJAMENTO, APLICABILIDADE E ANÁLISE DO *CORPUS***

Aliar o trabalho com gêneros textuais, utilizando a produção escrita, com as ferramentas digitais, especialmente fazendo uso da internet, é um desafio consciencioso que necessita de bastante coordenação e planejamento, visto que o mundo oferecido ao aluno para pesquisa é imenso, vários hiperlinks, hipertextos, materiais atrativos, que ao despertar o interesse para pesquisa pode ocorrer que, se o aluno não tiver bem direcionado pode se perder durante sua pesquisa, ultrapassando o tempo destinado para tal evento.

Não sabemos se nossa dúvida se coaduna com a de outros professores, pois tendemos a pensar que o aluno, por ser considerado um nativo digital, afirmação já feita em outra parte deste trabalho, terá também um repertório vasto no que concerne à variedade de conhecimento e manipulação de ferramentas digitais, o que não confere, pois pudemos observar com a realização da aplicação dessa atividade que cem por cento dos alunos não possuíam conhecimento sobre a ferramenta ora utilizada.

Ainda que percebamos um grande avanço nas formações para professores na ampliação da utilização de ferramentas inovadoras em sua prática pedagógica, percebemos que ainda andamos a passos lentos na aplicabilidade dessas novas ferramentas junto aos alunos.

### **5.1 Contexto Pragmático: Público alvo e gênero textual escolhido**

A aplicação da atividade foi realizada com alunos de 8º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas, uma localizada na região central de Campo Grande – Escola Municipal José Rodrigues Benfica e outra em região mais periférica, Escola Municipal Gov. Harry Amorim Costa, ainda que esta também não seja tão afastada do centro da cidade. As duas escolas funcionam no período matutino e vespertino, atendem crianças do pré-escolar ao 9º ano.

A pesquisa foi realizada com alunos de três salas de 8º ano, cada sala possui em torno de trinta alunos. A realização da atividade, cujo propósito foi trabalhar o



desenvolvimento autoral de forma colaborativa por meio da internet, demandou várias aulas, explicações, exemplificações, planejamento.

O gênero textual trabalhado foi o Artigo de Opinião, considerando que é um gênero contemplado no referencial curricular e também é um gênero do tipo dissertativo-argumentativo e que possibilita ao aluno defender suas ideias, manifestar a sua opinião, contra argumentar, prever uma refutação do interlocutor e ampliar o seu repertório de defesa de opinião.

Existe no contexto escolar, nas aulas de língua portuguesa, uma progressão dos gêneros, que precisam ser postas em prática, assim afirmam Dolz e Schneuwly(2004).

O agrupamento de gêneros revelou-se um meio econômico para pensar a progressão. Ou um mesmo gênero é trabalhado, em diferentes ciclos/séries, com objetivos cada vez mais complexos, ou diferentes gêneros pertencentes a um mesmo agrupamento podem ser estudados, em função das possibilidades de transferência que permitem. (...) A cada ciclo/série aparecem novos objetivos de aprendizagem: dar sua opinião com um mínimo de sustentação, hierarquizar uma sequência de argumentos, escolher um plano de texto adaptado à situação, antecipar e refutar posições contrárias.(p.104)

Dessa forma, o trabalho com textos de opinião inicia-se no ensino fundamental das séries iniciais, passa pelo fundamental nas séries finais, e chega ao ensino médio, possibilitando ao aluno um preparo para que ao chegar a uma graduação, não sofra às duras penas o que os ossos do ofício lhe propiciarão. Sem contar as inúmeras vezes que precisamos nos posicionar socialmente frente a diversas situações. Portanto, é bastante importante o trabalho com uma diversidade de gêneros textuais, especialmente os de argumentação, além do mais, o texto argumentativo permite validar uma interação social em qualquer contexto social, seja em âmbito escolar ou não. Nesse sentido Koch (1984, p.19), observa o seguinte excerto.

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. (...) tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. (...) o ato de argumentar constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo.

Na sequência observaremos quais foram as ferramentas utilizadas para que ocorresse a aplicação da atividade proposta.

## 5.2 Seleção de recursos da web para a aplicabilidade da produção

Não se pode tratar a questão da autoria sem pensar no discurso e sua materialidade. Um discurso oral ou escrito se diferencia de acordo com a sua materialidade discursiva.

A Ferramenta selecionada para trabalharmos a experiência de produção coletiva foi o *Google Docs*, Vejamos o que afirmam Azzari e Custódio sobre essa ferramenta colaborativa.

O Google Docs é um ambiente gratuito de escrita colaborativa online, construído a partir da tecnologia Wiki, onde é possível alojar um documento e permitir que sua edição seja aberta ao público ou a um grupo restrito de colaboradores. O conteúdo inicialmente exposto pode ser modificado pelos colaboradores quantas vezes forem necessárias. Todas as versões foram organizadas cronologicamente, e podem ser armazenadas e recuperadas a qualquer momento por qualquer colaborador. (2013, pp.85-6)

O Google Docs possibilita o compartilhamento da atividade por e-mail, ou através de link, as duas formas foram testadas, mas como a produção foi realizada com alunos de 8º ano, ocorreu que alguns esqueceram sua senha de e-mail e não puderam acessar a atividade, por isso resolvemos realizá-la por meio de link. Para tanto foi necessário a utilização de uma outra ferramenta da web, o blog. Vejamos definição de Barreto (2014, p.26), “Com o blog você pode estabelecer uma conexão com seus alunos, emitir e ouvir opiniões, controlar quem pode ler e escrever no blog, compartilhar ideias com alunos, amigos e colegas docentes e até com o mundo inteiro!”.

O blog é uma plataforma que permite inserir hipertextos, hiper mídias, inserir formulários para pesquisa, aceita comentários, permite a visualização do estudante de qualquer lugar que esteja. É uma ferramenta bastante rica para o ensino aprendizagem, pois o professor pode selecionar textos que seja correspondente ao assunto da aula e inserir no blog, dessa forma pré-seleciona o que seus alunos irão pesquisar, o que não dá margem para que o aluno se perca em sua pesquisa, pois o estudante irá fazer sua escolha, mas de material que fora previamente selecionada pelo professor, assim é possível um afunilamento do conteúdo a ser trabalhado e pesquisado.

### 5.3 Escolha do tema

Um importante aspecto no momento da produção discursiva são as condições de produção, conhecer o momento sócio histórico vivenciado naquela ocasião é imprescindível para atribuir relevância ao tema sugerido. Dessa forma, afirma Val (2006, p.44). “Todos esses componentes do contexto histórico-político-social são importantes porque integram o conjunto de conhecimentos e vivências partilhados pelos produtores dos textos (...)”

O Brasil tem vivenciado grandes discussões em torno da redução da maioria penal, discussão que tem aberto espaço nas mídias televisivas, sendo esta uma ferramenta de grande circulação entre a população e também formadora de opinião de várias camadas sociais.

Tem ocorrido uma movimentação alarmante em torno da PEC Proposta de Emenda à Constituição de n.33 de 2012, de autoria do senador Aloysio Nunes Ferreira e outros, que tem o propósito de inserir um parágrafo único, alterando a redação dos arts, 129 e 228 da constituição Federal, em que prevê a possibilidade de desconsideração de inimputabilidade penal de maiores de dezesseis anos e menores de dezoito anos por lei complementar.

Tendo em vista toda a movimentação em torno dessa polêmica, o tema selecionado foi: Você é contra ou a favor à redução da maioria Penal?

Vejam o enunciado que se apresentava no blog para que os alunos dessem início as suas atividades.

Durante as nossas aulas, vocês aprenderam como produzir um artigo de opinião, também leram sobre o assunto em discussão, para que pudessem formar a sua opinião sobre o assunto.

Agora chegou o momento de vocês produzirem o seu texto.

Mão à obra! Escrevam um artigo de opinião, posicionando-se contra ou a favor à redução da maioria penal. Lembre-se de colocar um título em seu texto, devendo antecipar o assunto e também atrair o seu leitor, procurem encadear bem as ideias do seu texto, utilizem argumentos coerentes e sejam coesos, também proponham uma intervenção para o problema apresentado no texto, respeitando os direitos humanos. Clique no link abaixo.

Assim, os alunos clicavam no link correspondente ao seu grupo, que já havia sido determinado em sala de aula a letra de cada grupo e dessa forma iniciavam a atividade.

Para a realização da produção escrita foi dado nada a mais que uma aula, considerando que as aulas são de sessenta minutos, Houve antes, porém, o tempo de explicação e percurso até a sala de informática, bem como a organização dos alunos em suas máquinas, o que podemos subtrair em torno de quinze minutos da aula, ou seja, o tempo foi relativamente curto, visto que, eles ainda não conheciam a ferramenta ora trabalhada, havendo também o tempo de adaptação com o recurso disponível.

Não nos olvidemos de que, ainda que pareça ingênuo, ou um clichê, é necessário que para que se produza um texto alguns fatores são importantes como afirma, Geraldi, 2013. Dentre eles temos alguns itens como: “Se tenha o que dizer” , para tanto é necessário que o aluno conheça o assunto a ser abordado, pois não adianta que o mesmo saiba somente a estrutura de que é composta o gênero textual em foco, pois o mais importante é a formação de arquivo como acrescenta Pêcheux (2014), afirmando ainda que essa busca de formação de arquivos é, via de regra por literatos, vejamos:

Por tradição, os profissionais da leitura de arquivos são ‘literatos’ (historiadores, filósofos, pessoas de letras) que têm o hábito de contornar a própria questão da leitura regulando-a num ímpeto, porque praticam cada um deles sua própria leitura (singular e solitária) construindo o seu mundo de arquivos. (PÊCHEUX, 2014, p.58)

Ler o arquivo é então “entendido como sentido amplo de campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” Pêcheux (2014, p. 59)

Para que haja a formação de arquivo, é necessário busca por informações, para tanto, deve-se realizar muita pesquisa, assim haverá a produção de conhecimentos, as memórias discursivas são produtos da História social e também da história particular, percurso de aprendizagem de cada indivíduo.

Ainda sobre a afirmação de Geraldi (2013), outro elemento considerado fundamental para a produção discursiva é que o estudante “tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer”, atividades com o propósito único de obtenção de notas tem se tornado bastante desestimulante para o aluno, pois o discente não encontra uma motivação para o que escreve, em virtude de que sabe que será avaliado. Portanto, é importante uma escrita funcional, que tenha realmente caráter social, que se faça circular em ambientes diversos, que faça realmente sentido e que tenha outros objetivos a não ser o de obtenção de nota.

Outro elemento de fundamental importância de acordo com Geraldi (2013), é que para que o aluno estabeleça sentido para a produção discursiva é que “se tenha para quem dizer o que se tem a dizer” o interlocutor é pensado já no planejamento da produção, pois o que será escrito é direcionado a um público que pode ser como afirma Britto (2004, p.119) “Mesmo dentro da escrita podem-se identificar diferentes tipos de interlocutor: ele pode ser preciso, definido, como numa carta, numa petição; pode ser genérico ou em determinado segmento social, como num jornal, como na ficção literária.” Dessa forma, o aluno motiva-se mais, pois o que produz tem um desígnio que não seja somente o professor o seu único leitor. Dessa forma indica-se uma funcionalidade ao texto produzido, pois a característica principal é que se estabeleça comunicação.

Ainda diante do exposto sobre interlocutor, observemos o que trata Antunes (2003, p. 63-4)

Uma escrita de textos que têm leitores – Os textos dos alunos, exatamente porque são atos de linguagem, devem ter leitores, devem dirigir-se a um alguém concreto. Quando possível, a leitores reais, a leitores diversificados, ser previstos e devem ser tidos em conta no momento da escrita, para que, (...) quem escreve possa tomar as devidas decisões na seleção do que dizer e de como fazê-lo.

Geraldi (2013), ainda defende que para a articulação da produção seja necessário que “o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo.)”O que ocorre é que o aluno, enquanto produtor do discurso, deve se comprometer com o que diz, defender suas ideias, seu ponto de vista, argumentar, e assim convencer o seu interlocutor, para que o envolvimento com o que produz ocorra é necessário como já dissemos uma produção de arquivo, caso contrário o aluno não terá como fazer valer o que diz, pois não saberá se articular diante dos desafios propostos. Vejamos o que afirma Bronckart (1999)

(...) a noção de enunciador designa propriedades sociosubjetivas do autor, do modo como podem ser apresentadas por uma análise externa de sua situação de ação.(...) em um texto, pode parecer ‘que o autor se exprime em seu próprio nome’, isto é, a partir da posição sociosubjetiva assumida na intervenção verbal em curso; mas ocorre também que o texto mobilize vozes ‘outras’: as de personagens ou de entidades sociais (a ciência, o Partido Socialista, os cognitivistas, etc.), às quais é atribuída a responsabilidade do que é expresso. (p.95).

E por último, Geraldi (2003) trata sobre outro fator importante para a produção textual, que “se escolham as estratégias para realizar os itens acima propostos” para tanto é de fundamental importância para se planejar uma produção que se conheça o interlocutor, pois a partir da definição do interlocutor são lançadas as estratégias a fim de que o autor tenha seus propósitos comunicacionais alcançados.

#### **5.4 Situação didática**

Preferimos não comentar com os alunos que toda a atividade realizada por eles estaria sendo observada e que esta atividade teria como propósito uma análise do processo de envolvimento, bem como de desenvolvimento da execução de suas práticas.

As aulas de informática para os alunos da rede municipal de Campo Grande são acompanhadas pela professora regente, da sala de aula, e pela professora da sala de informática, denominada de CSPTEC (Coordenadora de Suporte Pedagógico e Tecnológico).

Existe uma grande rotatividade de turmas na sala de informática, pois este ambiente não pode estar ocioso. Em virtude da ida frequente dos alunos a este ambiente, eles não estranharam a forma assídua e contínua em que se locomoveram à sala de tecnologias para realizar a atividade, importante ressaltar que ainda que haja uma rotatividade em relação as salas de aulas, o mesmo não ocorre com a rotatividade dos professores, pois ainda há os que resistem ministrar aula na sala de informática, ou seja, o que ocorre é que uns professores solicitam com muita frequência a entrada com seus alunos na sala de informática, enquanto outros não realizam aula naquele local, nem ao menos um dia, durante todo o ano. Assim, nenhuma nota foi prometida aos alunos, apenas o propósito de que trabalhassem uma ferramenta desconhecida para eles, que era o *Google Docs*, que trabalhariam com o gênero textual, Artigo de Opinião e que seria de forma colaborativa.

Antes de seguirem para a sala de informática a professora explicou em que consistia o gênero em discussão, no entanto, os exemplos foram observados já na sala de informática, por meio do blog da professora.

Em paralelo ao trabalho com o gênero em foco, também foi trabalhado na parte de análise linguística, orações coordenadas, pois a utilização adequada de conectores é de

extrema importância para coesão do texto. Inclusive foram realizados vários exercícios em sala de aula e na sala de informática sobre esse assunto.

### **5.5 Execução da atividade**

Na primeira aula os alunos foram levados a escolher um dos três textos selecionados pela professora, que tratavam sobre o gênero Artigo de Opinião, os alunos deveriam selecionar um dos textos que estavam dispostos no blog por meio de hiperlink e após a leitura comentar algo, não propriamente fazer uma releitura do texto, mas dizer o que, ele, o aluno, considerava importante naquela leitura para o entendimento do gênero em discussão. Dessa forma, o aluno já iniciava a sua inserção no processo enquanto participante ativo, emitindo a sua opinião.

Na segunda aula, os alunos fizeram a leitura de dois textos multimodais, que versavam sobre o tema: Redução da Maioridade Penal; possuíam além dos textos, imagens que se complementavam para transmitir uma ideia, foram utilizadas para que se tornassem mais atrativos aos olhos dos alunos, ou seja, para despertar a sua atenção frente ao assunto e também que o estudante se posicionasse sobre o assunto abordado no texto.

Os dois textos possuíam ideias contrárias, exatamente com o propósito de não persuadir o aluno no momento da sua produção, assim ele teria que formular e defender o seu próprio ponto de vista.

Na terceira aula, os alunos, que neste momento já tinham conhecimento sobre o gênero e também sobre o tema em questão, deveriam por meio de links dispostos no blog iniciarem suas produções por meio da ferramenta *Google Docs*.

Importante ressaltar que os alunos que compuseram os grupos foram, de maneira democrática, escolhido por eles, portanto não houve a interferência da professora na escolha dos grupos, visto que consideramos importante a questão da identificação entre os alunos.

No momento da produção, que coincidiu com o primeiro momento de interação entre os membros dos grupos por meio da ferramenta *Google Docs*, houve uma grande surpresa entre os alunos, pois ainda que a professora já tivesse dito como funcionaria a produção colaborativa, eles não conseguiam fazer uma representação mental de como seria, isso foi percebido pela fisionomia de espanto, riso e entretenimento com a máquina e

entre os seus parceiros de grupo. Nesse primeiro momento os alunos queriam brincar, acharam interessante o colega apagar o que haviam escrito e vice-versa, estavam descobrindo uma nova ferramenta. Somente depois de passar algum tempo de descoberta é que realmente começaram a se envolver com a escrita do texto.

A produção foi realizada somente no ambiente escolar. Ao saírem da sala de informática a professora já deixava todos os textos bloqueados para a escrita, permitindo somente a visualização.

## **5.6 Abordagem geral**

A presente pesquisa teve uma ampla participação dos alunos, contribuindo, assim, para a realização da atividade proposta, pois demonstraram bastante interesse em frequentar e executar atividades na sala de informática, além de terem demonstrado facilidade de aprendizagem com as ferramentas trabalhadas, ainda que tenha sido a primeira vez que tenham manipulado esta ferramenta online, conforme relatado pelos alunos.

As aulas, como já fora dito, teve uma duração na sala de informática de três encontros, sendo esses em dias alternados, notável, no entanto, foi que os alunos não possuíam o hábito de dar continuidade do mesmo assunto a ser trabalhado, entre uma aula e outra, visto ser uma prática costumeira da instituição escolar, mais especificamente de seus professores, iniciarem e finalizarem a atividade ora proposta na mesma aula; portanto, como planejamos a atividade para ser executada em mais de um dia, toda a metodologia foi previamente explicada aos alunos de como ocorreriam os encontros, bem como a alongada permanência da atividade, e expondo também que seriam diferenciadas para cada dia, assim, seria necessário o trabalho contínuo, bem como, o efetivo envolvimento com cada etapa da atividade, para que não ocorresse acúmulo das ações propostas, ainda assim os alunos demonstravam um anseio por terminar a atividade o mais brevemente possível.

Aconteceu, portanto, que, talvez por acreditarem que o que era estudado em um dia não tivesse relação verdadeiramente com as aulas subsequentes, muitos deixavam passar a oportunidade de envolver-se efetivamente com a atividade proposta no dia em que teria que ser executada, protelando-a, ou simplesmente acreditando que não seria utilizada aquelas informações posteriormente, o que é passível de ter causado falhas na produção final, pois a atividade foi planejada para que se cumprisse cada uma das etapas com



envolvimento. Não estamos, no momento, procurando culpados para essa falha ocorrida, pois os alunos são provenientes de uma cultura imediatista, que querem ver o resultado imediatamente; e os professores, por sua vez, acabam por conduzir suas atividades de maneira aligeirada, o que acaba por incutir uma cultura de pouca valorização para as atividades mais bem elaboradas pelos alunos.

A primeira das etapas a ser realizada pelos alunos, como dito anteriormente, era a seleção de um texto entre três que foram disponibilizados no *blog* para que os alunos realizassem uma pesquisa sobre o gênero textual, artigo de opinião, gênero contemplado.

Propositalmente, disponibilizamos dois textos com figura para que pudessem clicar e iniciar a leitura, e um terceiro com link por meio de texto, e deixamos claro que, se quisessem poderiam explorar as outras leituras, o importante seria terminar pelo menos uma delas, visualizamos que os que conseguiram terminar liam apenas um texto, sem demonstrar interesse por expandir seu arquivo (Pêcheux, 2014).

Também observamos que não havia interesse, ou curiosidade, por parte dos alunos em abrir os links para que pudessem visualizar o conteúdo que era trazido pelos textos, antes de iniciarem a sua leitura, faltou uma visualização panorâmica de todos os textos, para que pudessem, assim, fazer uma leitura com mais interesse, ou que se identificassem mais, o ocorrido foi que, de maneira quase geral, houve apenas a leitura do primeiro texto, que trazia como link uma figura, e nenhum aluno interessou-se em abrir o terceiro texto, visto que possuía como link, um enunciado, o que lhes causou, possivelmente, uma resistência.

Para termos acesso a essa informação, além de conduzir a aula por meio de uma dinâmica que favorecesse a constante visualização do que os alunos estavam manipulando, também foi solicitado aos adolescentes que, ao terminarem a leitura, que registrassem um comentário no espaço destinado, logo abaixo do texto selecionado por eles, dessa forma, percebemos uma quase totalidade de escolha para o primeiro texto.

Diante do contexto exposto fica claro que o aluno não está acostumado com o processo de produção do conhecimento, esperando sempre que este esteja pronto e acabado, talvez por não lhe terem motivado ou despertado o interesse, caso que renderia um bom estudo. Estamos diante de uma situação em que o discente se vê diante de muita informação, mas não consegue gerenciar o processo para transformar a informação em conhecimento.

## 5.7 Análise do *Corpus*

As produções dos sujeitos permanecerão inalteradas, assim, não haverá nenhuma mudança da estrutura linguística, dessa forma, conservaremos a escrita original dos alunos, visto que conforme Orlandi (2013, p.15)

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Dessa forma, foi possível observamos a intencionalidade dos sujeitos alunos em controlar a deriva e dispersão, que é recorrente na produção escrita, visto que se temos posições-sujeito, e este pode se constituir a partir de diferentes formações discursas, é absolutamente possível instalar-se, eventualmente, a dispersão, o sujeito pode apresentar na constituição do seu discurso, elementos que favoreçam a descontinuidade textual, de modo ser necessário pontos de ancoragem, estabilidade no discurso; e não dar margem para interpretações diversas do que se deseja transmitir, no entanto, em vários dos textos apresentados ocorre a falta de controle, apresentando-se, contudo, um desordenamento das ideias expostas, ocorrendo por vezes uma demonstração de falta de ponto de ancoragem interna no texto.

Em alguns textos a argumentação apresentada não possui consistência, pois percebemos que o sujeito se inscreve no já-dito, ou seja, no discurso circulante, o aluno não se lança fora do dizível, não havendo inovações, com isso, o sujeito deixa de historicizar o seu discurso, utilizando frequentemente os argumentos do texto motivador, ou argumentações do senso-comum, previsível. Assim, evidenciamos a falta de um arquivo do sujeito, (Pêcheux, 2007), pois não havia o passeio por outras regiões da memória, considerando aqui a memória social inscrita em práticas; e da memória construída do historiador, a formação de arquivo do sujeito demonstrava fragilidade, pois a falta de recurso como: formação de conceito, conhecimento de mundo, foi evidente, especialmente

quando os sujeitos recorriam somente ao sugerido pelos textos motivadores. Vejamos nos recortes abaixo de diferentes textos a mesma recorrência da argumentação.

(6) “Bem todos nós somos a favor da menor idade pois jovens com a partir de 16 anos podem votar agora por que não podem ser punidos pelos seus atos?”

(11) Porque um menor de idade pode trabalhar, casar, matar, roubar, traficar e votar?

(15) Com 16 anos tem a faculdade e não o dever de votar disso, não ode ser votado e permanece inelegível até completar 18.

A argumentação trazida em um dos textos motivadores, que versa sobre a possibilidade do adolescente de dezesseis anos votar é retomada em vários textos, como observamos nos recortes acima, argumento utilizado sobre o fato do sujeito posicionar-se a favor da redução, considerando que se o adolescente pode votar, também poderá assumir outras responsabilidades enquanto cidadão.

Para que haja a argumentação é necessário que haja também uma disputa pelo objeto discursivo, a luta de vozes, assim conceitua Pacífico, (2011, p.107) “(...) argumentar significa disputar um objeto discursivo usando argumentos coerentes e convincentes para sustentar o dizer.” Portanto deve-se romper com o já dito e ir além, no entanto, como a arte de argumentar não é uma exercício fácil, requer conhecimento de mundo, analisar o que foi exposto para refutar ou concordar, sendo assim, não basta apenas se posicionar contra ou a favor em uma discussão é necessária a clara defesa de uma ponto de vista e argumentação forte que sustente o posicionamento.

O que ocorre, no entanto, é a circularidade de conceitos que permeiam pela sociedade enquanto manifestação do discurso dominante, ou seja, prefere-se defender o que é de senso-comum, pois dessa forma haverá menos rechaço, questionamento, e assim o discurso se apoia no uso genérico, o que acaba por velar uma argumentação que não seja eficiente.

Dessa forma, o sujeito deixa de assumir a responsabilidade, ainda que essa não seja uma característica dos adolescentes, visto que se não têm bagagem para externar, defender o seu ponto de vista, o que não lhes falta é determinação para fazê-lo, mas ainda que haja o encorajamento pelo dito, ocorre o assujeitamento, pelo fato de não conseguirem se desvencilhar do discurso estereotipado, ou seja, irem além do que rege as formações discursivas dominantes.

Os efeitos de polifonia, (Bakhtin, 2011) permeiam durante o discurso dos sujeitos, no entanto, as contribuições ali existentes, não dão vazão para um discurso bem formulado, visto que são ditos do senso-comum, ocorrendo, assim, uma falta de domínio um cerceamento dos dizeres e bom senso para explorar a argumentação, e o adolescente por querer reproduzir os ditos populares não constitui maturidade para discernir entre os discursos que circulam socialmente e o que implica maior valia como argumentação no momento da produção, também falta organização para explorar os argumentos ora utilizados.

O que retrata os recortes abaixo:

(1) Todo adolescente cometem crime como: MATAR, ROUBAR, ESTUPRAR, SEQUESTRAR, ETC. Além de tudo isso seus pais pagam os seus atos. chega de ver essas pessoas impunes nenhuma pessoa tem idade suficiente para roubar, matar e usar drogas já tem maturidade suficiente para pagar pelo atos cometidos na nossa sociedade.

(3) As pessoas não deviam ter pena de Coloca os menores infratores na cadeia, pois se eles pode matar, podem roubar etc..., eles podem sim com certeza, porque eles soltos podem ser uma ameaça a sociedade, sim ser punidos, e devem. Pois tiram a vida de pessoas, e ficam em punies e acham só porque são menores de idade podem fazer tudo que querem. E o pior e que nem são eles que pagam, são os coitados dos pais que respondem por esses processos!

E por que isso está acontecendo? por que o nosso pais não faz nada, quanto outros prendem mais e dão até prisão perpétua; e isso acontece por que a corrupção do nosso pais se preocupam em fazer nada enquanto os políticos encham o bolso com dinheiro enquanto selas de presidio só cabem 10 pessoas eles estão botando ate 20 pessoas fora isso os jovens que estão matando, roubando, usando drogas tipo crack, heroína, crocodilo, cocaína, e eles estão se prostituindo e estão cometendo estupros e são impunes por que a porcaria da febem e conselho tutelar não fazem nada por que acham que depois que eles saírem não vão mais cometer crimes e etc...isto é o brasil corrupto.

(10) Mas também essa lei penal pode ajudar várias pessoas do crime das crianças porque tem várias crianças que entram no crime por causa de seus pais ou por não terem eles por perto para falar o que pode e o que não pode.

No texto (1) em “nenhuma pessoa tem idade suficiente para roubar” aqui na tentativa de encontrar a palavra correta para defender o seu posicionamento, os sujeitos

sem se darem conta que o sentido ora estabelecido causa estranheza, visto que, existe uma idade para que se estabeleça o roubo, no entanto, nenhuma pessoa naquele momento tinha idade para tal ação.

No texto (3) não houve recorte, pois uma parte do texto causa dependência das outras, ou seja, se fosse retirado apenas um “naco” (Orlandi, 2012) não restaria sentido. O que nos causa a impressão que os sujeitos escreveram tudo sem parar e revisar o que escreviam. Observamos assim que isso produz um efeito de “esburacamento” ou “fratura” termos utilizados por Signorini (1999), o que impede que o sujeito ocupe a posição de autor. Além disso, é possível observar que os sujeitos utilizam a repetição para tentar reforçar a ideia transmitida, passagem observada em: “pois se eles pode matar, podem roubar etc...,eles podem sim com certeza, (...)”

No texto (10) na tentativa de defender um posicionamento os sujeitos dessa produção demonstram falta de planejamento, ordenação do discurso, pois no trecho: “Mas também essa lei penal pode ajudar várias pessoas do crime das crianças” parte bastante confusa, pois aqui possivelmente os sujeitos querem externar uma solidariedade aos envolvidos na criminalidade, os adolescentes, reconhecemos esse interesse pela defesa estabelecida logo na sequência, afirmando que em muitos casos os adolescentes vivenciam a situação de criminalidade em virtude de não terem uma base familiar, seja por não terem os pais, ou pelo fato de os pais inserirem seus filhos na criminalidade.

Nos recortes abaixo é possível observarmos que os sujeitos iniciam seus textos como se fosse resposta a uma pergunta, acostumados com o discurso escolar que requer, especialmente durante as avaliações, uma resposta que atenda as exigências, no que se refere ao assunto estudado durante as aulas.

A acomodação das informações, uma prévia, introdução do que será discutido, por uma questão de ordenação, do que será defendido, para daí iniciarem as práticas argumentativas é posto de lado, visto que os sujeitos já iniciam, como é possível visualizar no texto na íntegra, que estes, são os principais argumentos utilizados, não está posto aí para dar início a um texto que explore vários outros argumentos, o que nos remete, talvez, a um dos maiores recortes de defesa do sujeito produtor daquele discurso.

(8) Nós somos a favor da redução da maioria penal, pois no Brasil se os jovens têm direito de matar, roubar, fumar, devem ter direito de ser presos e responder por seus atos, então quando presos, quem sabe pode tomar rumo na vida, estudar e ter um futuro

melhor, assim o Brasil pode melhorar de forma que cada uma faça a sua parte!

(11) Nós somos a favor da redução da maioria penal no Brasil sim, pois sabemos que a atual situação que passa nossa sociedade, torna se necessário uma atitude por parte do poder legislativo o mais rápido possível.

(14) Somos totalmente a favor da redução da maioria penal, pois, muitos jovens entre 14 e 18 anos estão se envolvendo cada vez mais no mundo das criminalidades, matam, roubam, estupram, alguns se tornam traficantes, chefes de quadrilhas, entre outras posições que existem nesse mundo de criminalidade.

(12) Podemos afirmar que nós somos a favor (...)

Nos recortes que seguem logo abaixo, é possível observar que a ordenação do discurso segue com falhas. Se considerarmos que o texto deve seguir um princípio organizador.

O texto argumentativo, embora possa ser utilizado na primeira pessoa no plural, é um tipo textual que deva demonstrar formalidade, e nos recortes selecionados encontramos bastantes desvios da norma culta, talvez pelos sujeitos confundirem a utilização da primeira pessoa do plural com uma linguagem mais corriqueira, espontânea, ocorrendo, assim, falta de domínio da linguagem formal e variadas marcas de oralidade. Vejamos:

(1) Bom, para começar (...)

(3) Eles estão botando ate 20 pessoas fora isso os jovens que estão matando, roubando, usando droga tipo crack, heroína, crocodilo(...)

(6) Mas o pior é que as cadeias brasileiras são péssimas pois você entra por um simples crime (...)

(15) Tem que aumentar a pena da responsabilidade penal dos menores de 16 para 14 anos de idade porque isso é um absurdo(...)

(7) Agora eu vou te falar os países que são a favor e estão se dando bem (...)

(9) A criança cresce em um ambiente de crimes, com 10 anos ta roubando (...)

Nos exemplos que seguem observamos que é apresentado ideias desconexas, soltas, aparentemente, em alguns casos, nos causa a impressão que está tudo seguindo bem até que o sujeito se perca no seu discurso.

(17) Matam, roubam, traficam, estupram, e não são penalizados por esses crimes então o Brasil devia penalizar todos não importando a idade, eles podem ate ser preso por 6 meses e já esta solto e quando e de maior demora 2 ou 3 anos para ser liberado cade as pessoas que falam que nos todos somos iguais cade as leis desse pais pra

que serve a politica coloca penalidades como carpir terreno planta, cultivar enquanto esta preso para esses com pais de família que matam suas esposas e estrupam crianças mesmo sendo seus filho(as) que levam pro Caminho das drogas. Se temifafe [tem idade] para matar tem idade para tomar conta de seus atos.

(2) Hoje em dia o Brasil está muito critico, os políticos a maioria são corruptos, os hospitais estão em um estado péssimo, as escolas precisam de reformas, a segurança esta muito ruim, o Brasil precisa de mais policiais. No Brasil está tendo protestos, manifestações para a Dilma sair da presidência.

(6) Com os jovens de menor sendo presos não ia acontecer tantos crimes, como por exemplo: a pichação, se um adolescente pixár sua casa e é pego, ele não vai ser preso e você ainda vai gastar seu dinheiro com outra tinta, para poder pintar sua casa. Isso não é justo pois ele deveria repintar o muro e anda ser preso.

(5) (...) A maioria das pessoas já estão cansadas de saber que são os delinquentes juvenis são os maiores causadores de roubos e pequenos furtos no nosso país.

Observamos no texto (17) que a falta de conectivos adequados, ou pelo menos a tentativa de inserção de algum conectivo que gere o sentido do discurso, não ocorre; os sujeitos passam de uma informação a outra sem interligar as informações, os shifters, formas lexicais da dêixis e da anáfora, Tfoundi (2001), não permitem um retorno ao já formulado, chamado intradiscurso, o que possibilitaria um movimento de contenção, controlando a dispersão, efeito de autoria, visto que o texto é acometido de um emaranhado de informações que se tornam desconexas, pois não possui elementos que concatenem as ideias externadas. Ainda no texto (17), o sujeito expõe o que entende sobre a penalidade juvenil, estendendo-se para a prisão de adulto, ou seja, coloca o seu entendimento sobre a penalidade dos adultos, e na sequência, evoca as autoridades, o que faz com que seu interlocutor esteja muito atento, e na tentativa de decifrar a sequência textual, torna o interlocutor confuso diante das informações.

No texto (5), podemos observar que a ausência do referencial “que” em “A maioria das pessoas já estão cansadas de saber que são os delinquentes juvenis “que” são os maiores causadores de roubos e pequenos furtos no nosso país” gera ambiguidade no texto, pois os produtores, provavelmente, sem se darem conta do equívoco, não definem se são os delinquentes ou a maioria das pessoas que são os causadores de roubo e pequenos furtos.

Um texto veiculado na web possui extensa circulação, portanto o produtor não pode supor uma abrangência reduzida do seu texto, ou que somente o professor seja o leitor do

seu discurso, o que motiva o produtor, visto que o aluno não se sente estimulado em produzir um texto em que somente o professor será o seu único interlocutor.

No caso do tema sugerido, *Redução da Maioridade Penal*, portanto, bem como qualquer outro assunto, o enunciador não pode deduzir que o seu interlocutor, que são variados, visto que o texto está disponível no *blog* da professora, devemos, portanto, considerar a quantidade de escolas em que a professora ministra aulas, bem como a quantidade de alunos que têm acesso ao *blog*, se considerarmos apenas isso, os textos já se tornam de ampla circulação, isso se consideramos somente essa situação, sem considerar os outros visualizadores da rede (internet) .

Para tanto o enunciador não deve considerar que o assunto a ser abordado seja do conhecimento de todos.

No texto (14) o sujeito enunciador cita uma pessoa em seu texto, recordemos: “(...) E como disse André Luís Peixoto Leal: ‘A impunidade é a mola propulsora da violência, seja ela decorrente da brandura de nossas penas, da morosidade da Justiça assoberbada pela quantidade de processos e da infinidade de recursos interpostos sobre suas decisões ou da autorização branca dada aos menores para a realização de crimes.’ Somente para recordarmos, o texto reproduzido, de Leal, teria mais autoridade se fosse dito que a pessoa que fora citada é pai de João Cláudio Cardoso Leal, jovem que foi espancado até a morte à saída de uma boate em 09/08/2000 e que, hoje, o referido pai é Diretor Administrativo Financeiro do Comitê Nacional de Vítimas da Violência, no entanto essas informações que supostamente dariam mais credibilidade à citação não são utilizadas, e o interlocutor que não tenha lido nada sobre o exposto ou não tenha tido outro acesso a essas informações não saberá que ali fala um conhecedor de causa, pois além de ter perdido o filho em situação motivadas pela impunidade de jovens menores de 18 anos, também lida com casos de igual teor emocional, presente também em outras famílias.

A preocupação com o interlocutor na elaboração da produção discursiva, especialmente no que se refere ao texto argumentativo é de fundamental importância, pressupor o seu interlocutor, como já fora dito, consiste em considerar a aceitação ou refutação de quem está do outro lado do discurso, o produtor do discurso deve antecipar-se para possíveis contra-argumentos, para então poder refutá-los, visto que, como já dissemos, a argumentação consiste na possibilidade de discussão dos sujeitos pertencentes ao discurso frente ao objeto discursivo.



O texto argumentativo possui características que leva o sujeito produtor do discurso a envolver-se com a prática discursiva, de forma que é inevitável que o princípio da autoria não se instale nesse tipo de discurso. Assim, é necessário um controle do texto, pois de acordo com Foucault (2014) o autor deve agrupar o seu discurso atribuindo unidade e origem, por meio de sua coerência.

Para tanto, é necessário a disposição do autor em lançar-se diante de leituras, pesquisas, pois não se requer do sujeito apenas conhecimento linguísticos, mas extralinguístico, conhecimento enciclopédico, ideológico, levar em conta seu conhecimento sócio cultural, conhecimentos que são adquiridos por meio de vivência, mas também de pesquisas, assim o estudante deve formar, alimentar o arquivo Pêcheux (2010).

Caso o produtor não se envolva na participação histórica socialmente construída do seu discurso, recorrerá, via de regra, ao plágio, que, de acordo com Orlandi (2012), “(...) o plagiador silencia seu trajeto, ele cala a voz do outro que ele retoma (...) o enunciador que repete e apaga, toma lugar do autor indevidamente, (...) nega o percurso já feito, (...) nega a identidade do outro (...)” O que pudemos observar nas produções ora analisadas é que o texto (4) indica a reprodução de um discurso já existente e que não houve a indicação da fonte de pesquisa. Os produtores desse texto não observaram nem ao menos que o título que tem por função antecipar as ideias do texto, além de ser um atrativo na busca de um possível leitor, não condiz com o que é tratado no texto, visto que o título diz: “Redução da Maioridade, eu apoio eu compartilho” e na leitura do texto é percebido argumentos que contrastam com o que é desejado defender e que fora demonstrado a partir do título, acarretando assim, total incoerência. Além de percebermos uma linguagem mais intelectualizada, mais bem elaborada, que não é própria daquela clientela de alunos, especialmente porque não têm idade para tal amadurecimento intelectual, e que também é reconhecido pela formação ideológica dos participantes do discurso.

Reconhecemos que a produção escrita é uma tarefa árdua, que requer de seus produtores envolvimento, conhecimento de mundo, formado durante toda vida do estudante, inclusive externamente ao ambiente escolar, para tanto, existem as pesquisas, que são grandes aliadas à formação intelectual do discente, porém estes estudos precisam estar direcionados, para que o estudante não se perca no percurso de sua pesquisa; outro fator importante é inculcar no discente o comprometimento em extrair o produto final considerando os seus próprios méritos, transformando a informação em conhecimento, aliando assim, o conhecimento produzido aos seus conceitos sobre o objeto de estudo,

dessa forma, obterá como produto final um discurso bem elaborado e próprio, ainda que não seja totalmente original, pois salientamos que, enquanto funcionamento ideológico, o fato de considerar-se como fonte do dizer é, de acordo com Orlandi (2012, p.108), que ao citar Pêcheux (1975), nos trás à reflexão que o sujeito ao considerar-se fonte exprime “Uma ilusão necessária do falante. Quer dizer, é pelo funcionamento da ideologia que ele assim se ‘vê’, quando na realidade seu discurso não nasce (nem termina) nele.”

Os discursos são reproduções do que já fora dito, ou que ainda serão, entretanto em outras situações de comunicações, e, assim, possuindo novos significados. Foucault (2014, p.25) diz que “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.” E assim, recorremos a este paradoxo, também contribuição de Foucault em que afirma que “(...) dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito.” (p.24), assim são os discursos, a cada manifestação discursiva, novos ditos.

### **5.7.1 Possíveis intervenções**

As falhas recorrentes em processo de investigação sobre metodologia de trabalho são contribuições generosas para o ensino-aprendizagem, visto que, são a partir delas que é possível realizar interferências para que não se cometam os mesmos desvios.

Este trabalho nos possibilitou enxergar com clareza o resultado dos objetivos propostos; o que obtivemos êxito, bem como os intentos que não foram satisfatórios, no que se refere à devolutiva dos alunos, e quais os meios alternativos possíveis a serem utilizados para que se tenham trabalhos vindouros mais exitosos.

Ressaltamos aqui, que no processo de execução destas atividades, tivemos alunos envolvidos e contagiados com as ferramentas de trabalho utilizadas por eles, também um envolvimento no que diz respeito à maneira colaborativa de trabalhar com as ferramentas inovadoras da web. No entanto, nos pareceu bastante perceptível os subterfúgios utilizados pelos alunos para o não cumprimento das etapas de maneira sequencial, visto que os jovens acreditavam que seria possível manipular e protelar o cumprimento das ações solicitadas, o que nos foi demonstrado pela forma com que consideravam que o que era solicitado para uma determinada aula não teria relação com as posteriores ou com a atividade solicitada no final do processo, talvez por estarem acostumados com uma forma de trabalho, possivelmente fragmentada. Portanto, é de grande valia atividades mais demoradas, mas

que o aluno se envolva com o processo para extrair um resultado satisfatório e que vá realmente agregar conhecimento a ele.

Assim, consideramos importante o planejamento do professor, possibilitar ao aluno a leitura de mais textos, que agradem ao estilo dos alunos e também textos que agreguem diversos conhecimentos, sejam históricos, geográficos, que possam apurar o gosto e estabeleçam fineza cultural aos discentes, vejamos o que afirma Abrão (2004, p.65) “(...) acessar aos alunos o que de melhor a humanidade produziu na sua história, em termos de literatura, pois as transformações presentes solicitam referenciais à altura dos desafios apresentados em nosso tempo.” O autor reitera ainda que é preciso que consideremos a realidade singular e também origem social do aluno, no entanto, não podemos considerar esse fator um impedimento para mudar a situação e superar as condições atuais do ensino, mas que partamos desse pressuposto para executarmos uma reorganização das ações no interior da escola, o que equivale a dizer que não é lendo ‘resumo de resumos’ que o aluno superará as condições a ele impostas, mas que acreditemos no potencial do aluno e ofereçamos práticas e métodos mais avançados do que o vivenciado pelo por ele enquanto estudante.

Outra importante atividade seria criar debates sobre o assunto antes de iniciar a produção textual, assim o discurso passará do oral ao escrito, o que possivelmente favorecerá ao educando a ampliação dos seus conceitos sobre o tema em discussão, se possível, explorar temas que tenham relação com ambiente social do educando, pois é possível que a partir da vivência dele, possam se sentir mais motivados para a realização de outras leituras e assim ampliar o seu léxico, bem seu conhecimento sobre análise linguística e especialmente ampliar sua bagagem cultural, ou seja, seu conhecimento de mundo. Que o aluno seja efetivamente participante do processo para que consiga obter um resultado final mais bem elaborado.

Reiteramos a importância no que concerne ao envolvimento dos professores em utilizar as novas tecnologias, dentre elas a internet, enquanto contribuição didática pedagógica, tendo como objetivo principal a inserção do aluno em ambientes digitais de aprendizagem, assim como facilitar a busca por pesquisas, interação e colaboração, de forma que entendamos que também é uma ferramenta possível para formação de arquivo dos alunos, para tanto é indispensável a intervenção, ou seja, mediação do professor para apresentar a proposta de trabalho ao aluno, assim como realizar as orientações necessárias.

Por último, outro fator de fundamental e talvez o de maior importância é a refacção textual, junto a ela a necessidade de conscientizar o educando sobre a responsabilidade dos seus dizeres, bem como o amadurecimento do trabalho sobre gênero textual, visto que é mais importante um processo moroso, mas que agregue conhecimento ao educando que um trabalho rápido e superficial sem que deixe registrado no aluno os conhecimentos adquiridos, assim consideramos importante a reescrita do texto, salientamos que neste trabalho descrito, não houve o processo da reescrita, o que comprova que esta seja uma das mais ou talvez a mais importante etapa de processo da produção escrita, uma vez que possibilita ao estudante detectar suas falhas e acertos e dar sequência a um trabalho efetivamente bem acabado.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto contemporâneo em que se apresenta a geração Z, considerados Nativos Digitais, adolescentes que possuem grande facilidade em lidar com as tecnologias que se apresentam, das inovações que a internet, especialmente as contribuições que a web 2.0 tem proporcionado para o âmbito educacional. Faz necessária a inserção, utilização dessas ferramentas, transformadas em pedagógicas para facilitar o ensino aprendizagem da nova geração de estudantes que se apresenta.

Doravante para um aproveitamento mais qualificado da utilização de tais ferramentas, que a princípio não foi pensado para o trabalho educacional, mas que tem demonstrado ser um grande aliado ao ensino aprendizagem, é necessário o aprimoramento dos profissionais envolvidos no processo de ensino por meio dessas ferramentas, no entanto, o que se tem percebido em diversas situações é uma certa resistência a modelos inovadores de ensino e às inovações tecnológicas, não há como negar que os jovens criam expectativas positivas em trabalhar com a internet, portanto, agregar a utilização de meios tecnológicos, especialmente no que concerne o uso da web à práticas docente além de enriquecê-la também ocorrerá a motivação na aprendizagem dos alunos.

No entanto, o objeto de estudo dessa pesquisa não é apenas a utilização da web em contexto escolar, mas a inserção dos alunos em uma prática de autoria que tenha resultados profícuos, ou seja, analisar por meio do *corpus* apresentado, que são as produções dos alunos de 8º anos de duas escolas da Rede Municipal de Campo Grande, MS, que apresentou um percurso extenso até o seu término, e que se instaurou por meio da utilização de recurso da web, mais especificamente dois, recursos, são eles: a utilização de blog e do *Googledocs*, visto que esta última favorece a prática da produção coletiva, mais um critério para nossa análise.

Os conceitos basilares sobre autoria foram inspirados em Foucault, mais especificamente em três de suas obras, dentre elas: *A ordem do discurso* (2014), *O que é um autor* (2012) e *A arqueologia do Saber* (2014), o qual considera que o fenômeno da autoria se instala como “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.” Dessa forma, Foucault (2012) considera quatro traços característicos da função autor. Dentre eles temos: a) a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; b) não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas

épocas e em todas as formas de civilização; c) não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas, e por último d) não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários ‘eus’ em, simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar.

Dessa forma o autor se faz presente no antes e no depois de sua obra, é como um filho a quem devemos alimentar, portanto, é através do autor que se explica os acontecimentos numa obra, bem como suas transformações, deformações, ou modificações, todo significado depende da análise feita sobre o autor.

Foucault desconsidera que exista função autor em uma carta privada, que pode haver um signatário, mas não um autor, um contrato pode haver um fiador, mas não um autor, um texto anônimo pode até ter um redator, mas não um autor. Portanto, considera que “A função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade.” (2012, p.46)

Para o desenvolvimento desta pesquisa focamos na quarta função autor que Foucault estabelece, de forma que as posições sujeito são representações e que pode haver várias posições pertencentes em uma mesma obra, em que classes diferentes de indivíduos podem ocupar, assim, foi possível planejar e executar atividade compartilhada e colaborativa para análise da assunção da autoria.

O que presenciamos foi um grande envolvimento por parte dos alunos na realização da atividade, embora tenham demonstrado um visível interesse em realizar a atividade de modo fragmentado, possivelmente, por estarem acostumados a iniciarem e terminarem a atividade no mesmo dia de aula, o que demonstra que o professor, via de regra, planeja sua atividade para ser executada com a duração de uma única aula e ao retornar com os mesmos alunos em outro momento na sala de informática, não dar continuidade a mesma atividade, passando assim para outro objeto de estudo. Dessa forma, ao realizar a atividade pudemos observar que o aluno não entendia muito bem o porquê de recorrer diversas vezes à sala de informática para executar uma final, demonstrando, assim, uma superficialidade no aprofundamento internalizado da atividade proposta, pois demonstravam não considerar que aquela era uma etapa essencial para o desenvolvimento da atividade final.

Consideramos que se os alunos tivessem acompanhado todas as etapas como únicas e essenciais para a realização da atividade final, com toda certeza teriam alcançado melhor êxito.

Para tanto, o aluno tem que reconhecer-se como sujeito pertencente a uma cultura e posicionar-se frente a um contexto histórico-social. Assumir um papel social na relação com a linguagem. De acordo com Orlandi (2012, p.106) “A responsabilidade do autor é cobrada em várias dimensões: quanto à unidade do texto, quanto à clareza, quanto à não contradição, quanto à correção, etc. Exige-se uma relação institucional com a linguagem.”

No entanto, foi bastante perceptível que a não observância da responsabilidade no cumprimento dos prazos de desenvolvimento de cada etapa da atividade proposta, implicou na recorrência de falhas de forma que não ocorresse a assunção da autoria, seja na manifestação de hesitações, falta de coerência, dispersão, não utilização de conectivos adequados, argumentação superficial, circularidade dos já-ditos, entre outros fatores.

Por fim, observamos que no contexto escolar os alunos tentam espelhar-se na visão que o professor possui sobre o referente, tentando cercear o seu discurso de forma que seja bem aceito, dessa forma, se considerarmos que em um texto argumentativo deve haver posicionamento do sujeito sócio historicamente, notoriamente o sujeito deve estar inscrito no seu discurso, pois este constrói a sua relação com a linguagem, expressando seus desejos, por meio de uma ideologia que é constituída por ele, aluno, enquanto produtor, este, na tentativa de agradar com o seu discurso, problematiza a questão, pois em variados casos não ocorre uma formação cultural que satisfaça suas argumentações, ocorrendo então, dispersão.

Para finalizar, recorreremos a uma análise mais aprofundada sobre o que possivelmente tenha desalinhado alguns estudantes do objetivo proposto, ou seja, escrever com autoria, detectamos então: falta de arquivo, ou seja, pesquisar mais, ler mais, afinal, explorar a escrita de maneira argumentativa, requer do estudante um conhecimento de mundo bem aprimorado. É importante que o professor solicite mais leitura e que proponha um espaço para debater o assunto em sala de aula, de forma que o aluno, além de ser um participante ativo também possa recorrer ao conhecimento adquirido e explanado pelos demais colegas da sala e assim avaliar diversos posicionamentos sobre o assunto proposto, com isso poderá efetivamente amadurecer seus conceitos, possibilitando um maior envolvimento com a escrita e um grau de persuasão mais refinado.

Outro fator de importante teor didático e talvez o de maior relevância seja o processo da refacção textual, pois, possibilitar ao aluno detectar suas falhas e realizar a reescrita do texto é fundamental para o aprimoramento da escrita, sobretudo para uma análise aprofundada do estilo, gênero proposto, enriquecimento do léxico, análise

linguística, organização textual e para que finalmente possa expandir seus conhecimentos de maneira ampla.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ana Silvia Couto. *Políticas e autoria*. Edufscar. São Paulo, 2013.

ABRÃO, Daniel. *Literatura e história: uma relação possível*. In: Referencial Curricular Para o Ensino Médio de Mato Grosso do Sul: Linguagens, códigos e suas Tecnologias. Mato Grosso do Sul, 2004, pp. 65-68.

ARAÚJO, Anne Francialy da Costa. *Autor(ia), subjetividade e estilo*. In: Múltiplas Faces da Autoria. Org. Tfouni, Leda Verdiani. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008, pp. 27-45.

ASSOLINI, Filomena Elaine P., *Discurso Pedagógico Escolar*. In: Múltiplas Faces da Autoria. Org. Tfouni, Leda Verdiani. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008, pp.81-100.

AZZARI, Eliane F., CUSTÓDIO, Melina Ap., *Fanfics, google docs... A Produção Textual Colaborativa*. In: Escola Conectada: Os multiletramentos e as TICs. Org. Roxane Rojo. São Paulo: Parábola, 2013.

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. et al. *Cenários de inovação para a educação na sociedade digital*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*; prefácio à edição francesa Tzevetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARRETO, Flávio Chame. *Informática Descomplicada para Educação: Aplicações Práticas para Sala de Aula*. São Paulo: Érica, 2014.

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. Tradução: LARANJEIRA, Mário. Lisboa. Lisboa: Martins Fontes, 2012.

BAZERMAN, Charles. *Escrita, Gênero e Interação Social*. Organização: HOFFNAGEL, Judith C.; DIONISIO, Angela Paiva. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

BECKER, F. *Educação e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BEHRENS, Marilda Aparecida. *Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente*. In: MORAN, José Manuel. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. Organização: Moran, José Manuel. São Paulo: Papirus, 2010, pp. 67-132.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução: MACHADO, Anna Rachel; CUNHA, Pericles. São Paulo: EDUC, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e Quarto ciclos do ensino fundamental (língua portuguesa)*. Brasília. MEC/SEF, 1998.

CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

CARBONI, Guilherme. *Direito Autoral e Autoria Colaborativa: na Economia da Informação em Rede*. São Paulo: QuartierLatin do Brasil. 2010.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad.: MORETTO, Fúlvia M. L. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. *O que é um autor?* Revisão de uma genealogia. Trad.: CURCINO, Luzmara; BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e Colaboradores. *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. Trad. e Org.: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales. Campinas, Mercado de Letras, 2013, pp. 81-108.

DURAN, D; VIDAL, V. *Tutoria: aprendizagem entre iguais, da teoria a prática*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FAVA, Rui. *Educação 3.0: Aplicando o PDCA nas instituições de ensino*. São Paulo: Saraiva, 2014.

FISHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault*. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral et al. *Estudos do Discurso: Perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, pp.123-151.

FOGAÇA, Jennifer. *Tendências Pedagógicas Brasileiras*. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/tendencias-pedagogicas-brasileiras.htm>>

FORTUNATO, Márcia Vescovi. *Autoria sob a materialidade do discurso*. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Loyola, 2014. (a)

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do Saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014 (b)

\_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens/Veja. 8 ed.2012.

FRANCO, Cláudio de Paiva. *Nativos Digitais: quem são?* Presença Pedagógica. v.19, n.111, mai/junh.2013, p.25.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. *Portos de passagem*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KLEIMAN, Angela, B. *Preciso “ensinar” letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?*. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

KOCH, Ingedore, G. Villhaça. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: O futuro do Pensamento na era da informática*. Tradução: COSTA, Carlos Irineu da. São Paulo: Editora 34. 2010.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo. Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* Tradução: NEVES, Paulo. 2ªed. São Paulo. Editora 34. 2011.

LIMA, Maria Conceição Alves. *Produzindo Coletivamente na Web: A Tecnologia WIKI*. Biblioteca 24 horas. São Paulo, 2009.

MACHADO, Ana Maria Netto. *Do modelo ao estilo: possibilidades de autoria em contextos acadêmico-científico*. In: CALIL, Eduardo et al. *Trilhas da Escrita: Autoria, leitura e ensino*. São Paulo: Cortez, 2007, pp. 171-207.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Hipertexto e Gêneros Textuais: Novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004

\_\_\_\_\_. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORAN, Marcos et al. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas. Papirus, 2010.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. *Gêneros Textuais: Da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Paulo: Pontes, 2009.

NOJOSA, Urbano Nobre. *Da Rigidez do Texto à Fluidez do Hipertexto*. In: *Hipertexto e Hipermídia: As novas ferramentas da comunicação digital*. Org.: FERRARI, Pollyana. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

O'REILLY, Tim. *Web 2.0: compactdefinition?* [10/2005]. Disponível em: [http://radar.oreilly.com/archives/2005/10web\\_20\\_compact\\_definition.html](http://radar.oreilly.com/archives/2005/10web_20_compact_definition.html)> Acesso em 27 de jul. 2014.

\_\_\_\_\_. *What is Web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software*. [09/2005]. Disponível em: <http://oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-2.0.html>> Acesso em: 27 jul. 2014

ORLANDI, E. P. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. 6. Ed. São Paulo: Pontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 11ªed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Leitura*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, R.J: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Gestos de Leitura: Da História no Discurso*. 4ªed. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2014.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano. *Argumentação e autoria nos escritos de universitários: O Discurso sobre alunos de universidades públicas e particulares*. In: Revista Práticas de Linguagem, v.1, n.2, jul/dez. 2011, pp.100-113.

PÊCHEUX, Michel. Ler arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. P. 57-67.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. *Papel da Memória*. In: ACHARD, P [et al.] *Papel da memória*. [trad.] José Horta Nunes. 2ª ed., Campinas- SP: Pontes, 2007. P.49-57

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandiet al. 5ªed. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2014.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Indícios de autoria*. PERSPECTIVA, Florianópolis, v.20. n.101, p.105-124, jan./junho. 2002.

PRENSK, Marc. *Digital Natives, Digital Immigrants. On the Horizon*, v.9, n.5, p.1-6, 2001. Tradução: Roberta de Moraes Jesus de Souza. Disponível em: <<http://migre.me/eqEgP>>. Acesso em: 02 abr 2012.

\_\_\_\_\_. *Enunciação, autoria e estilo*. Revista da Faeeba, Departamento de Educação – Universidade do Estado da Bahia – Uneb, v.10, n.15, jun./jul. 2001.

*Público* (2015). *Homem se passa por médico para tirar dinheiro de pessoas internadas*. Brasil, 1 de março.<<http://globotv.globo.com/rede-globo/fantastico/v/homem-se-passa-por-medico-para-tirar-dinheiro-de-pessoas-internadas-em-hospitais/4002429/>> Acesso em 04 de março de 2015.

Público (2015). G1.Tecnologias e Games. *O Mundo tem 3,2 bilhões de pessoas conectadas*. <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/05/mundo-tem-32-bilhoes-de-pessoas-conectadas-internet-diz-uit.html>> Acesso em: 11 de jun. 2015

Público (2015). *O que é World WideWeb* .<<http://www.significados.com.br/world-wide-web/>>Acesso em 15 de jun. de 2015.

ROJO, Roxane (org.). *Escola Conectada: Os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_. et al. Letramento Digital: Um Trabalho a partir dos Gêneros do Discurso. In: *Gêneros Textuais: Reflexões e ensino*. KARWOSKI, Acir, Mário, et al. São Paulo: Parábola, 2011.

SILVA, Marco. *Sala de Aula Interativa: A Educação Presencial e a Distância em Sintonia com a Era Digital e com a Cidadania*. 2003. <Disponível em: <http://www.senac.br/BTS/272/boltec272e.htm/>>. Acesso em: 26jul. 2014.

TFOUNI, Leda. *A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento*. In SIGNORINI, Inês (Org.). *Investigando a relação oral/escrito*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. pp.77-94.

\_\_\_\_\_. *Autoria e Contenção da Deriva*. In: TFOUNI, Leda et al. *Múltiplas faces da autoria*. Ijuí: UNIJUÍ, 2008. pp.141-158.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e Textualidade*. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

**ANEXO I:****ESCOLA MUNICIPAL GOV. HARRY AMORIM COSTA****Turma única**

## TEXTO 1

## MAIORIDADE PENAL

Bom, para começar todo adolescente que comete crime, tem que responder por seus atos, e não seus pais. Todo adolescente sabe o que é certo ou errado, e tem que arcar com as suas consequências, muito adolescentes cometem crime como: MATAR, ROUBAR, ESTUPRAR, SEQUESTRAR ETC. Além de tudo isso seus pais pagam os seus atos . chega de ver essas pessoas impunes nenhuma pessoa tem idade suficiente para roubar, matar e usar drogas já tem maturidade suficiente para pagar pelos atos cometidos na nossa sociedade. toda a criança e adolescente que não comete crime, não se preocupa, porque não são eles que pagão o preço, porque os pais ensinaram o certo, temos que mudar esse BRASIL, PORQUE PESSOAS INOCENTES NÃO PODEM PAGAR PELOS CRIMES QUE NÃO COMETERAM.

## TEXTO 2

**A penalidade no Brasil**

A penalidade ocorre com jovens que na maioria são menores de idade, mas só o Brasil que não concorda com a penalidade dos jovens.

Muitos dos jovens no Brasil matam e roubam, mais se for menor de idade não vão presos, já em outros países os jovens sofrem com as consequências cedo, no Brasil temos a uni, prisão dos jovens mais no máximo só ficam presos um dia e já são soltos.

Hoje em dia o Brasil está muito crítico, os políticos a maioria são corruptos, os hospitais estão em um estado péssimo, as escolas precisam de reformas, a segurança esta muito ruim, o Brasil precisa de mais policiais.

No Brasil está tendo protestos, manifestações para a Dilma sair da presidência.

## TEXTO 3

## Contra a Maioridade Penal

As pessoas não deviam ter pena de Colocar os menores infratores na cadeia, pois se eles pode matar, podem roubar etc..., eles podem sim com certeza, porque eles solto podem ser uma ameaça a sociedade, sim ser punidos, e devem. Pois tiram a vida de pessoas, e ficam em punieis e acham só porque são menores de idade podem fazer tudo que querem. E o pior e que nem são eles que pagam, são os coitados dos pais que respondem por esses processos!

E por que isto está acontecendo? por que o nosso pais não faz nada, quanto outros países prendem mais e dão até prisão perpétua; e isso acontece por que a corrupção do nosso pais se preocupam em fazer nada enquanto os políticos enchem o bolso com o dinheiro enquanto selas de presidio só cabem 10 pessoas eles estão botando ate 20 pessoas fora isso os jovens que estão matando, roubando ,usando drogas tipo crack, heroína, crocodilo , cocaína, e eles estão se prostituindo e estão cometendo estupros e estão impunies por que a porcaria da febem e conselho tutelar não fazem nada por que acham que depois que eles saírem não vão mais cometer crimes e etc... isto é o brasil corrupto.

## TEXTO 4

## REDUÇÃO DA MAIORIDADE, EU APOIO EU COMPARTILHO

A responsabilização penal de adolescentes infratores, por suas graves conseqüências sociais à juventude brasileira, deve ser repudiada constitucional, humanitária e democraticamente. A falta de consequência sociologisante da responsabilização penal juvenil, visceralmente, expõe a funcionalidade meramente utilitarista desta estratégia jurídico-política tão somente comprometida com o mero e inadequado oferecimento de soluções imediatistas, a qualquer preço, pouco se importando com a possibilidade de vitimização de toda adolescência enquanto matéria prima da sociedade brasileira.

A redução da idade de maioridade penal para 16 (dezesseis) anos circunscreve-se no marco sensacionalista que, diante da opinião pública, ilusoriamente produz o falso sentimento de

segurança para contenção da violência urbana. Contudo, tal desordem social não será solucionada pela simples mutação legislativa que pretende reduzir a idade de maioridade penal.

É preciso ter capacidade de se indignar e resistir civilmente aos avanços do binômio funcionalista-utilitarista de cunho repressivo-punitivo de um Direito Penal inconseqüente socialmente, o qual não tem qualquer comprometimento isso com a melhoria da qualidade de vida individual ou comunitária do adolescente, da vítima e de suas respectivas famílias.

E quando os menores fazem algo de errado quem são os responsáveis por eles são os pais deles que responde pelo crime.

Essa deveria ser a realidade!

#### TEXTO 5

##### Redução da Maioridade Penal. Eu Apoio, eu compartilho !

Votar aos 16 anos, pode. Ele tem responsabilidade na decisão . Mais quando este menor, rouba, mata, estupra , ele não tem consciência do que esta fazendo ? Que Pais é este?

O adolescente em confusões com a lei , ao saber que não receberá as mesmas penas de um adulto , ele cometerá mais crimes. A maioria das pessoas já estão cansadas de saber que são os delinquentes juvenis são os maiores causadores de roubos e pequenos furtos no nosso país. Não se trata de vingança, se trata de justiça ! Não se trata apenas de reduzir a maioridade penal e sim temos que elevar a maioridade penal . Todos nós cidadãos sabemos que esses abrigos , que acolhem os adolescentes não conseguem fazer com que eles parem de cometer seus crimes . Muitas vezes eles sai destes abrigos e cometem os mesmos crimes.

Os adolescentes devem ser punidos como os adultos, porque?” Ja sabem oque fazem” tendo capacidade de saber o que é certo, e o que é errado. Podendo inclusive votar e dirigir.



## ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ RODRIGUES BENFICA

### TURMA A

#### TEXTO 6

##### A MINORIDADE PENAL PARA UM PAIS MAIS SEGURO

Bem todos nós somos a favor da menor idade pois jovens com a partir de 16 anos podem votar agora por que não podem ser punidos pelos seus atos? Se podem votar é porque conseguem tomar decisões, e, se podem tomar suas decisões devem arcar com suas consequências

Com os jovens de menor sendo presos não ia acontecer tantos crimes, como por exemplo: a pixação , se um adolescente pixar sua casa e é pego , ele não vai ser preso e você ainda vai gastar seu dinheiro com outra tinta, para poder pintar sua casa. Isso não é justo pois ele deveria repintar o muro e ainda ser preso.

Tem países que com 7 anos você já é preso , e isso é bom, mas tem outros que você é preso apenas com 18 anos de idade , se isso fosse pelo menos reduzido pra uns 16 anos já mudaria grande parte dos crimes pois averia punição aos infratores mas enquanto isso não acontece teremos de conviver com isso.

Mas o pior é que as cadeias brasileiras são péssimas pois você entra por um simples crime, como roubo ,e, é colocado com assassinos e estupradores , sem contar como você é maltratado consequentemente, você sai de lá pior e ainda revoltado! Onde está o homem que vai resolver estes problemas

#### TEXTO 7

##### A FAVOR DA REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL

Somos a favor da redução da maioridade penal , pois as pessoas independente de sua idade deve responder por seus atos , o Brasil tem que acordar e os jovens perceberem

que não é só porque são menores de idade que podem cometer crimes e não ser condenados , hoje em dia qualquer menor de idade comete crimes e não são punidos

A frase ‘Se tem idade para ser bandido, tem idade para estar na cadeia’ é pura verdade...

As pessoas muitas vezes pensam que só porque é menor de idade não sabem oque uma arma pode fazer e outras coisas . Mas penso se eles não sabem oque aquilo pode fazer porque vão usar . Os pais são exemplos para seus filhos se seus filhos vê que seus pais usam armas , cometem crimes o filho pode seguir esse caminho .

Nós somos menores , e sabemos que não é fácil ser preso , condenado , mas para que isso não aconteça devemos pensar nas coisas que vamos fazer e qual será a consequência do seu ato .

Não importa se é menor de idade , pobre ou rico se cometeu crimes tem que ser punidos ou condenados . Se o Brasil tivesse dado mais educação , saúde , lazer e mais segurança aos cidadãos nada disso estaria acontecendo.

Hoje em dia , as crianças , tem diversas influências para seguir um caminho de atos que tem más consequências . Eles acham que só porque os amigos usam drogas , matam , eles acham que devem fazer igual para parecerem legais , só que na verdade não é isso , eles só estão seguindo um caminho que no futuro vai ser pior para eles .

Se o menor cometer crime e não é punido,o futuro do Brasil vai por água abaixo...Agora eu vou te falar os países que são a favor e estão se dando bem : Estados Unidos , Japão , Índia , Tailândia etc..

Acorda Brasil!!!!O futuro depende de voce!!

## TEXTO 8

### A REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL NO BRASIL

#### CONTRA OU A FAVOR??

Nós somos a favor da redução da maioridade penal, pois no Brasil se os jovens têm direito de matar, roubar, fumar, devem ter direito de ser presos e responder por seus

atos, então quando presos, quem sabe pode tomar rumo na vida, estudar e ter um futuro melhor, assim o Brasil pode melhorar de forma que cada um faça a sua parte !

E também. por isso que são eleitos políticos tão corruptos, pois o povo não tem acesso a muitos meios de comunicação, na televisão têm várias emissoras que não mostram a verdade sobre o Brasil. Se os políticos investissem em educação teríamos menos jovens no mundo do crime e teríamos uma geração de pensadores.

## TEXTO 9

O Brasil deve acordar para o que está acontecendo, menores de idade que roubam, fumam, bebem bebidas alcoólicas, estupram, devem ser responsabilizados pelos seus atos. Claro que devemos respeitar os direitos humanos, mas tudo tem seu limite...O maior erro do Brasil é dar liberdade aos menores de 18 anos pois crianças de 17 anos para baixo acha que já podem cometer crimes e não responder por seus atos. Vejamos o que diz André Luís Peixoto Leal “Se tem idade para ser bandido, tem idade para estar na cadeia. “

Os jovens devem se responsabilizar pelos atos que cometem, não é só porque têm 10 anos que podem matar o coleguinha que não vai ser punido pelo o que fizerem. Esses jovens tem que ser responsáveis pelo os seus atos, menores infatores já têm a consciência sobre o que fazem, não são mais crianças pra mamãe e papai ficar protegendo, tem que ser mais humanos e saber que estão errado, agora ficar fazendo coisas erradas achando que fazer isso vai mudar alguma coisa, não vai cara , vai continuar a mesma coisa , o pais vai continuar sendo criticado sempre .

A criança cresce em um ambiente de crimes ,com 10 anos ta roubando e matando,ai vai para a cadeia não é punido pelo o que faz,o que adianta ir para a cadeia e não ser punido?Por isso o Brasil ta assim,cheio de criminosos.

Se o jovem mata,rouba,estupra,ele deve ter consciência de que esta prejudicando tanto a outras pessoas tanto a si mesmo.A pessoa menor de idade deve ser punido corretamente,sem fugir dos direitos humanos.

Certos crimes e fatos ocorridos acontecem por influencia de outros jovens também...O uso de drogas sempre acontecem por influencia de outros jovens , e por sempre ter essa influencia acaba muitos jovens indo para o mesmo caminho ( usando drogas , roubando , matando ,estuprando e etc...)

Agora eu sou a favor sim da maioria penal , o Brasil deve conscientizar-se e fazer algo melhor , deixar os jovens ser responsáveis pelo os seus atos , afinal “ A que se faz ,a que se paga “ . Levem essa frase como exemplo na vida de todos .

O mundo está cheio de “Crianças” achando que podem fazer o que quiserem, achando que nada tem limites, achando que o kinder ovo está barato ( crianças iludidas u.u ).

#### TEXTO 10

Nos posicionamos CONTRA a redução da maioria penal, porque eu acreditamos que os pais devem tomar atitudes provenientes a educação dos filhos para que não haja criminalidades circulando em suas mentes, as crianças não podem ter responsabilidade por seus atos antes de ter idade o suficiente para ter conhecimento do que é certo ou do errado.

As crianças não sabem o que fazem, porque elas não tem conhecimento de que se ela furar alguém algo mais pode acontecer além de apenas machucar.

Mas também essa lei penal pode ajudar várias pessoas do crime das crianças porque tem várias crianças que entram no crime por causa de seus pais ou por não terem eles por perto para falar o que pode e o que não pode.

Também tem muitas crianças que entra no crime por causa de certas amizades que os pais não tomam atitudes para ver o que os filhos estão fazendo se é coisas erradas ou certas.

Mas eu acho que nos outros países tem essa lei porque la não tem tantos criminoso igual no brasil, existem crianças que já nasce na criminalidade por seus pais que são assassinos ou ate mesmo drogados,por isso as criança estão no mundo das drogas.

#### TEXTO 11

##### A Favor da Redução da Maioridade Penal

Nós somos a favor da redução da maioria penal no Brasil sim, pois sabemos que a atual situação que passa nossa sociedade, torna se necessário uma atitude por parte do poder legislativo o mais rápido possível.

Porque um menor de idade pode trabalhar, casar, matar, roubar, traficar e votar? E por que não pode responder pelos seus atos como um adulto? Por esse fato marginais se

aproveitam da brecha da lei e induzem menores a cometerem crimes, aumentando assim o número de pessoas que começam a prática do crime ainda na adolescência, tornando se presidiários no futuro.

Os adolescentes de hoje sabem que não podem ser presos e punidos como os adultos e assim continuam cometendo crimes. Tudo isso ocorre, porque nossas leis são fracas. Temos que ser mais rigorosos.

*Vejamos esse fato:*

*“André Luís Peixoto Leal, pai de João Cláudio Cardoso Leal, jovem espancado até a morte à saída de uma boate em 09/08/2000”.*

Vejamos o que diz o *Diretor Administrativo Financeiro do Convive Comitê Nacional de Vítimas da Violência:*

*“se tem idade para ser bandido, tem idade para estar na cadeia”*

Muitas crianças nascem em ambientes pobres e desestruturados, muitos sem moradias. Muitos são de “boa família”, de condições estáveis, mas mesmo assim cometem crimes. Não somos a favor de torturas, mas sim, de punição contra os marginais e os menores infratores, pois assim, conseguiríamos com certeza colocar um fim a toda corrupção, e acabaríamos de uma vez por todas com a criminalidade dos menores infratores que vivem do sangue de muitos Brasileiros.

Reduzir a maioria penal, é reduzir o número de futuros marginais. Países como Estados Unidos, França, Inglaterra e Japão, o índice de crimes é menor e a qualidade de vida é mil vezes melhor do que de outros países como Brasil, Colômbia e Peru, onde a maioria penal não é reduzida. As pessoas estão cansadas de ver que são os menores de idade, que mais cometem roubos, entre outros crimes.

O Brasil precisa acordar, porque o futuro do Brasil são os jovens, e se eles não forem punidos adequadamente o que será do nosso país daqui a dez ou quinze anos? Cada vez mais estamos regredindo por causa da corrupção, em vez de cada dia melhorar mais. Então fica a dica para nosso país melhorar, e saltar no Ranking de desenvolvimento humano, no qual ocupa o septuagésimo lugar.

**TURMA B**

## TEXTO 12

## Diminuição Da Maioridade Penal

Podemos afirmar que nós somos a favor pelo fato de ter muitos de menor nas ruas praticando crimes e trabalhando para traficantes vendendo drogas portanto a Maioridade Penal deve ser diminuída para á cima de 16 anos portanto na nossa opinião deve ser diminuída.

Podemos ver na Alemanha a Maioridade Penal e 14 anos e tem Países que são até menos a Maioridade Penal e de 07 anos podemos dizer que só o Brasil está errado por causas dos crimes que pessoas menores de idade roubando, Vendendo Drogas etc... Por isso devem diminuir a Maioridade Penal.

## TEXTO 13

**Mudança no Brasil !**

O Brasil seria bem melhor, se os adolescentes fossem presos pelos seus atos criminais. Adolescentes com 14 ou 15 anos podem fazer sexo, matar, roubar, estupra, usar drogas, etc e não podem ser punidos pelos seus próprios atos só pelos simples fato de serem menor de idade, nos Estados Unidos com 8 anos de idade a criança já responde por si mesmo no Brasil temos que espera 18 anos para responder por seus crimes. Achamos que mesmo sendo de menor cada um tem que ter sua responsabilidade e a punidade do que se faz na sociedade.

## TEXTO 14

***A Favor da Redução da Maioridade Penal***

Somos totalmente a favor da redução da maioridade penal, pois, muitos jovens entre 14 e 18 anos estão se envolvendo cada vez mais no mundo das

criminalidades, matam, roubam, estupram, alguns se tornam traficantes, chefes de quadrilhas, entre outras posições que existem nesse mundo de criminalidade.

As pessoas que discordam dessa proposta, defendem que os jovens já possuem uma devida punição para quando cometem um crime, porém em nossa opinião essa punição é fraca e não basta, o ideal seria que se, um jovem matasse outra pessoa, fosse mandado para a cadeia para entender com não é agradável ser preso e ficar anos em um presídio lotado de outros criminosos, e com isso o mesmo não viria a repetir tal crime

E como disse André Luís Peixoto Leal: “A impunidade é a mola propulsora da violência, seja ela decorrente da brandura de nossas penas, da morosidade da Justiça assoberbada pela quantidade de processos e da infinidade de recursos interpostos sobre suas decisões ou da autorização branca dada aos menores para a realização de crimes.”

Se hoje fosse reduzida a maioria penal, acreditamos, que a criminalidade no Brasil diminuiria, e a violência também, com os jovens infratores na cadeia, outros menores poderiam ver e até pegar como exemplo, assim tentando buscar um futuro melhor longe de vícios e criminalidades, com isso e se os atuais governantes de nosso país investissem cada vez mais em educação a criminalidade e o analfabetismo com certeza diminuiria.

#### TEXTO 15

Tem que aumentar a pena da responsabilidade penal dos menores de 16 para 14 anos de idade porque isso é um absurdo, se esses jovens tem idade para matar, roubar etc, eles tem que ter idade para ser preso também por que isso é injusto por que tem muitos jovens que tiram a vida de trabalhadores ou de pessoas inocentes. As vezes o nosso país perde o respeito quase sempre, isso é muito constrangedor para “nós”, temos que mudar o sistema e as leis para ser mais rígidas com os jovens e com os outros que cometem esses tipos de crime. Com 16 anos tem a faculdade e não o dever de votar disso, não pode ser votado e permanece inelegível até completar 18. Além disso, a maioria penal tem que ser com 14 anos se tem idade pra matar também tem idade pra ficar na cadeia como extrair de uma capacidade política tão limitada a responsabilidade penal discernimento para ambas as situações. Frequentemente as forças conservadoras da sociedade e a imprensa sensacionalista

## TEXTO 16

### Redução da maioridade penal.

A redução da maioridade é bastante discutida no Brasil e se faz comparações com o resto do mundo, como se isso fosse diminuir o crime que repercute o planeta, de forma negativa e com isso traz consequências no desenvolvimento do País. A maioridade penal tem que ser a partir dos 15 anos. No Brasil o menor tem que ser punido pelo o que ele fez com isso acredito que poderemos ter menos crime em nosso País. Dependendo do crime deveria ter pena de morte, a maioria dos menores que cometem crime no Brasil não tem acesso a educação e não recebem apoio familiar. E muitas vezes as famílias desses menores são desestruturadas.

## TEXTO 17

### EU ACREDITO NA MAIORIDADE PENAL

jovens deve ocupar a mente e dar valor no que tem , dar valor na vida porque muitos jovens nesse mundo morrem cedo demais é uma pena todo dia na televisão jovens sendo mortos traficando matando esturpando se prostituindo bem fazendo o que bem entendem sem se preocupar com nada Eu sou a favor da maior idade penal por que menor no brasil pode fazer o que bem entender sem se preocupar com as consequencias ou com os males que eles causam ou fazem a trabalhadores e as pessoas inocentes . Matam,roubam,traficam,esturpam e não são penalizados por esses crimes então o Brasil devia penalizar todos não importando a idade, eles podem ate ser preso por 6 meses e já esta solto e quando e de maior demora 2 ou 3 anos para ser liberado cade as pessoas que falam que nos todos somos iguais cade as leis desse pais pra que serve a politica coloca penalidades como carpir terreno planta,cultivar enquanto esta preso para esses com pais de família que matam suas esposas e esturpam crianças mesmo sendo seus filhos(as) que levam pro Caminho das drogas . se tem ifafe pra matar tem idade para tomar conta de seus atos.



## ANEXO II

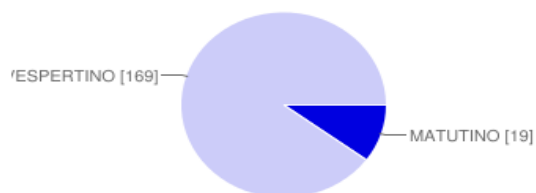
Pesquisa realizada, no ano de 2012, na Escola Municipal Professor José de Souza em Campo Grande-MS, sobre os indicadores de qualidade na educação, apresenta-nos algumas informações relevantes sobre a utilização da sala de informática e recursos nela disponíveis.

# 188 respostas

[Visualizar todas as respostas](#)

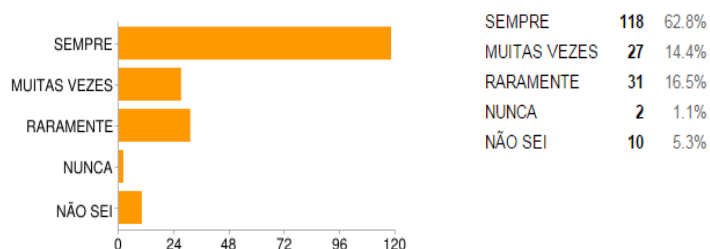
## Resumo

### 1- Identificação

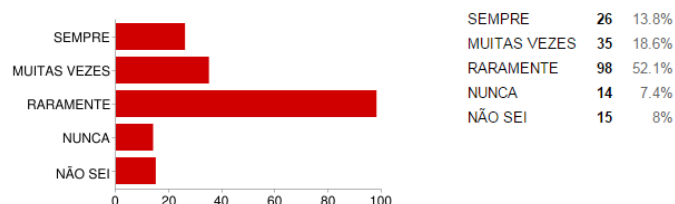


MATUTINO	19	10.1%
VESPERTINO	169	89.9%

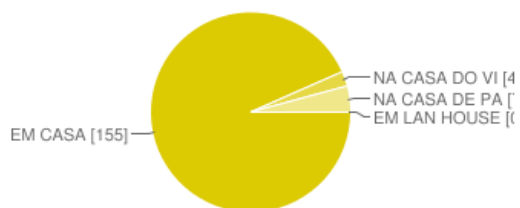
### 1.1- VOCÊ GOSTA DE FREQUENTAR A SALA DE INFORMÁTICA? [CONDUTA DOS ALUNOS E PROFESSORES AO UTILIZAR A SALA DE INFORMÁTICA]



### 1.2- FREQUENTA A SALA DE INFORMÁTICA COM QUE FREQUÊNCIA? [CONDUTA DOS ALUNOS E PROFESSORES AO UTILIZAR A SALA DE INFORMÁTICA]

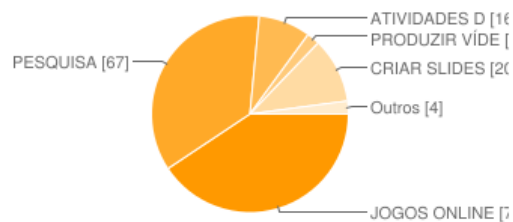


**4. ACESSO À INTERNET**



EM CASA	155	82.4%
NA CASA DO VIZINHO	4	2.1%
NA CASA DE PARENTES	7	3.7%
EM LAN HOUSE	0	0%

**5. QUAL ATIVIDADE REALIZADA NA SALA DE INFORMÁTICA VOCÊ MAIS GOSTA?**



JOGOS ONLINE	76	40.4%
PESQUISA	67	35.6%
ATIVIDADES DE PREENCHIMENTO	16	8.5%
PRODUIR VÍDEOS	4	2.1%
CRIAR SLIDES	20	10.6%
Outros	4	2.1%

## ANEXO III

Textos Motivadores que serviram de base para que os alunos escrevessem seus textos:

Texto 1 - Autor posiciona-se a favor da Redução da Maioridade Penal.



A favor:

*\*André Luís Peixoto Leal*

### MAIORIDADE PENAL NO MUNDO

EUA - de 08 a 16  
 Alemanha - 14 anos  
 Argélia - 13 anos  
 França - 13 anos  
 Índia - 07 anos  
 Itália - 14 anos  
 Etiópia - 09 anos  
 Inglaterra - 10 anos  
 Quênia - 08 anos  
 Suécia - 15 anos  
 Uganda - 12 anos  
 Rússia - 14 anos  
 Sudão - 07 anos  
 Japão - 14 anos  
 Vietnã - 14 anos  
 China - 14 anos  
 Tailândia - 07 anos



Somente o Brasil está correto?????  
 E o Mundo está errado?????????????

**REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL**

A impunidade é a mola propulsora da violência, seja ela decorrente da brandura de nossas penas, da morosidade da Justiça assoberbada pela quantidade de processos e da

infinidade de recursos interpostos sobre suas decisões ou da autorização branca dada aos menores para a realização de crimes.

**As pessoas têm que assumir a responsabilidade por seus atos, sejam elas maiores de idade ou não.**



*A argumentação de que não podemos condenar os jovens à prisão porque eles não têm acesso à educação e lazer é falsa e extremamente preconceituosa. Ela embute em si a idéia de que todos os jovens pobres e carentes são criminosos. Isso é uma injustiça sem tamanho, haja vista que a maioria esmagadora dos jovens (pobres ou ricos, carentes ou não) é composta por pessoas de bem. E mais, eles procuram tornar-se adultos de bem, capazes de constituir e manter família.*

Não é justo uma pessoa ter direito de tirar a vida de outra e não ser punida por isso, com o argumento de que é menor de idade e não sabe o que está fazendo.

**Pior, muitas vezes reincidindo no crime!!!**

A legislação atual, sob o argumento de proteger o menor, leva ao seu recrutamento para o crime por conta de sua quase inimizabilidade.

*Ou seja, a legislação que deveria defender o menor, ajudá-lo a tornar-se um adulto de bem, faz exatamente o contrário, coloca-o à mercê da rede do crime, para servi-la cometendo crimes ou até mesmo assumindo a autoria de crimes que não cometeu.*

Existe também o argumento de que a redução, ou eliminação, da maioridade penal viria prejudicar o menor pobre. Novamente, puro preconceito.

A maioria esmagadora dos menores pobres, e ricos também, é boa e não está ligada ao crime. Na verdade, os menores pobres e carentes seriam os maiores beneficiados pela medida, uma vez que são eles as maiores vítimas dos menores bandidos, por não terem outra opção de moradia que não seja as regiões mais violentas.

*Não é justo que paguemos com a vida de nossos filhos uma proteção descabida a pessoas do mal. Sem dúvidas, cabe ao Estado dar educação, saúde, lazer e segurança aos cidadãos, mas a falta do Estado não pode dar o direito às pessoas de matarem umas às outras. Se assim fosse, seria a barbárie.*

Temos, sim, que cobrar cada vez mais as políticas públicas do Estado, mas não podemos permitir que sua falta seja uma autorização à barbárie, muito menos permitir que seja uma falsa sinalização ao menor de que ele pode tudo.



Nossa principal obrigação é formar pessoas de bem e não, sob o pretexto de estarmos defendendo o menor, formar um contingente cada vez maior de futuros presidiários.

Toda vez que se fala em redução, ou eliminação da maioria penal, aparece o argumento de que não podemos tomar decisão tão importante em momentos de comoção social.

*Ora, quantas vezes já se falou isso e, depois, nada foi feito? Quantos momentos de comoção social já tivemos e nada foi feito? Será esse mais um argumento utilizado para não se fazer nada?*

Providências sérias já! Vamos proteger os menores de bem! Não vamos deixar que a proteção aos menores criminosos venha contra a segurança e a vida dos menores de bem!

\***André Luís Peixoto Leal** Pai de João Cláudio Cardoso Leal, jovem espancado até a morte à saída de uma boate em 09/08/2000. Diretor Administrativo Financeiro do Convive Comitê Nacional de Vítimas da Violência

Disponível em: <http://berakash.blogspot.com.br/2013/05/reducao-da-maioridade-penal-argumentos.html>

## ANEXO IV

### Texto 2 – Autor posiciona-se contra a Redução da Maioridade Penal



### REDUZIR A IDADE PENAL NÃO É A MELHOR SOLUÇÃO

Frequentemente as forças conservadoras da sociedade e a imprensa sensacionalista insistem no rebaixamento da idade da responsabilidade penal para 16 anos e mesmo para 14 anos, como resposta para o problema da violência urbana. Ouve-se dizer que os adolescentes que cometem infrações graves não são punidos ou responsabilizados. Mas não é verdade que existe essa propalada impunidade.

Segundo a legislação em vigor no Brasil desde outubro de 1990, os adolescentes que tenham praticado tais atos estão sujeitos à medida de internação, cuja característica é a privação da liberdade, tanto quanto a reclusão prevista para os adultos. Embora a medida de internação tenha a duração máxima de três anos, caso não comprovada a ressocialização do infrator, ele poderá permanecer mais três anos em regime de semiliberdade. E, se persistir a dúvida quanto ao seu retorno à comunidade, é aplicada a medida de liberdade assistida por mais três anos.

É comum certos setores da sociedade argumentarem, se o adolescente que se o adolescente pode votar aos 16 anos, deve, da mesma forma, ser responsabilizado criminalmente, pois tem discernimento para ambas as situações. A concessão do direito político do eleitor em questão: o adolescente maior de 6 anos tem a faculdade e não o

dever de votar. Além disso, não pode ser votado e permanece inelegível até completar 18 anos de idade. Pergunta-se: como extrair de uma capacidade política tão limitada a ilimitada responsabilidade penal?

A questão do discernimento é extremamente complexa. Porventura uma criança de dez anos de idade não sabe que, ao acionar o gatilho de um revólver, pode matar uma pessoa? Se formos seguir este raciocínio, chegaríamos às mais baixas faixas etárias, onde se acha presente o discernimento do ato praticado. E daí a corrente se desencadearia: dezoito...dezesesseis...doze...oito...seis...

O clamor popular pela segurança diante da crescente onda de violência de adolescentes não pode legitimar, por si só, o rebaixamento da idade de responsabilidade penal, mesmo porque, se este ocorrer, haverá sem dúvida, um significativo aumento do quadro de violência na sociedade. Se os nossos presídios já se acham superlotados, gerando frequentes rebeliões e fugas, rebaixada a idade penal, onde serão colocados os infratores? E em que condições? Inclusive, em que condições de segurança para a população?

A opinião pública deve desenvolver sempre o necessário juízo crítico ao receber verdadeiros bombardeamentos de discursos e afirmações políticas equivocadas e oportunistas que, na realidade, não enfrentam corajosamente a difícil questão do abandono a que está relegada a nossa infância e juventude.

(**Munir Cury**, procurador de Justiça do Ministério Público do Estado de São Paulo. *Pais & Pais & Teens*, n. 2.)

**concessão:** consentimento, permissão.

**discernimento:** capacidade de compreender as coisas ou de distinguir o certo do errado.

**faculdade:** capacidade, licença ou permissão.

**inelegível:** condição daquele que não pode ser eleito.

**legitimar:** reconhecer como autêntico, verdadeiro, legítimo.

**propalada:** conhecida, divulgada.